

NILZA APARECIDA ALVES CARDOSO

**AS CRIAÇÕES NEOLÓGICAS EM
MONTEIRO LOBATO: para a construção
de um glossário**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Instituto de Letras e Linguística**

2006

NILZA APARECIDA ALVES CARDOSO

**AS CRIAÇÕES NEOLÓGICAS EM
MONTEIRO LOBATO: para a construção
de um glossário**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística - Curso de Mestrado em Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Estudos em Linguística e Linguística Aplicada.

Orientador: Prof. Dr. Evandro Silva Martins.

**Universidade Federal de Uberlândia
Instituto de Letras e Linguística
2006**

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UFU / Setor de Catalogação e Classificação / mg / 06-06

C268c Cardoso, Nilza Aparecida Alves, 1979-
As criações neológicas em Monteiro Lobato : para a construção de um glossário / Nilza Aparecida Alves Cardoso. - Uberlândia, 2006. 172 f.
Orientador: Evandro Silva Martins.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Linguística.
Inclui bibliografia.
1. Lexicologia - Teses. 2. Língua portuguesa - Lexicografia - Teses. 3. Neologismos - Teses. 4. Lobato, Monteiro, 1882-1948 - Urupês – Crítica e interpretação. I. Martins, Evandro Silva. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Linguística. III. Título.

CDU: 801.3

NILZA APARECIDA ALVES CARDOSO

AS CRIAÇÕES NEOLÓGICAS EM MONTEIRO LOBATO: para a construção de um glossário

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Lingüística – Curso de Mestrado em Lingüística, do Instituto de Letras e Lingüística da Universidade Federal de Uberlândia, para obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração: Estudos em Lingüística e Lingüística Aplicada.

Linha de Pesquisa: Teorias e análises lingüísticas: estudos sobre léxico, morfologia e sintaxe.

Dissertação submetida à defesa em 17 de julho de 2006, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

ORIENTADOR: DR. EVANDRO SILVA MARTINS – (UFU)

Profa. Dra. Kênia Maria de Almeida Pereira – (UNITRI)

Prof. Dr. Waldenor Barros Moraes Filho – (UFU)

Dedico este trabalho aos meus pais, que me fortalecem, a cada dia, com dedicação e amor incondicional. E que mesmo excluídos do universo escolar me ensinaram a escrita da vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela presença constante em minha vida e pela oportunidade de aprender.

Ao meu orientador Prof. Dr. Evandro Silva Martins, a quem admiro muito, ofereço um duplo agradecimento: primeiro, ao mestre doutor, pelas orientações e conhecimentos lingüísticos compartilhados; segundo, ao amigo Evandro, pela confiança, estímulo e por sua grandiosidade humana e espiritual.

Ao professor Luís Carlos Costa, pelo incentivo inicial e pela estima que conseguiu despertar em mim e em todos aqueles que tiveram a oportunidade de compartilhar de seu sorriso e de seu vasto saber.

Ao coordenador do Mestrado em Lingüística da UFU, Prof. Ernesto, assim como ao Prof. Waldenor, pelas seriedades e dedicações irrestritas para o êxito do programa.

Ao meu esposo, Aleksandro, pelo companheirismo, paciência e compreensão em todos os momentos.

A meus pais, Waldemar e Izildinha, estrelas-guias da minha vida, pois estão sempre próximos no apoio e no carinho.

À minha irmã Nilva, pela torcida; em especial, a Nílbia, pelo auxílio, atenção e conselhos.

Aos meus tios, Élio e Vanilce, por acreditarem tanto na minha formação acadêmica e oferecerem, em muitos momentos, uma palavra de entusiasmo e confiança.

Ao meu sobrinho Matheus, pela presença carinhosa e pelo sorriso alegre.

Aos demais familiares, que souberam entender minha ausência, em momentos que foram marcantes para a nossa família.

À CAPES pela bolsa de estudo concedida por um ano e que foi primordial para a continuidade e finalização desta pesquisa.

À professora Doutora Eliana Dias, pelo estímulo e apoio recebido.

Aos meus amigos, pelas gargalhadas, brincadeiras, lições de vida e sugestões. E cada um deles me proporcionou um pouco de tudo isso: Valdinei, Cristina, Rosa, Giseli, Marília, Sheila, Rosângela, Gilda, Verinha e Caroline. À Eliamar devo algumas palavras de agradecimento a mais: pelo exemplo de amizade, pelas trocas de idéias e paciência constantes.

A todos os professores da UFU, em especial, à professora Enivalda, pela atenção e empréstimo de livros.

Às funcionárias do Mestrado em Lingüística, Solene e Eneida, pela solidariedade e carinho no atendimento.

Escrever é gravar reações psíquicas. O escritor funciona qual antena - e disso vem o valor da literatura. Por meio dela, fixam-se aspectos da alma dum povo, ou pelo menos instantes da vida desse povo.

Monteiro Lobato (Na Antevéspera,
prefácio à 1ª edição, 1933).

RESUMO

Esta pesquisa teve por objetivo fazer um levantamento do léxico da obra “Urupês”, de Monteiro Lobato, a fim de construir um glossário dos neologismos encontrados na obra. Está vinculada ao projeto intitulado ‘Dicionários dos Neologismos Literários do Português do Brasil’ do Mestrado em Linguística da Universidade Federal de Uberlândia. Partimos da hipótese de que Lobato, na tentativa de contextualizar os personagens em espaços afastados dos centros urbanos, busca no léxico da Língua Portuguesa, a construção de palavras inusitadas que representem o efeito poético por ele pretendido. Outra hipótese seria a de que suas criações lexicais podem resgatar afetivamente a época e as vivências do autor. Nosso trabalho, em primeiro lugar, consistiu na seleção dos substantivos, adjetivos e verbos presentes na referida obra, objeto da pesquisa. Para verificar o caráter neológico destas lexias, foram usados como *corpus* de exclusão dicionários de época e os fundamentos da teoria de Boulanger (1979). Em seguida, fizemos a análise do sentido contextual das palavras e, além disso, por meio de notas linguísticas, acrescentamos outras informações que consideramos relevantes. Verificamos, após a pesquisa, que foi encontrado um número significativo de neologismos na obra lobatiana, confirmando, assim, uma das nossas principais hipóteses. Através do estudo das palavras selecionadas, percebemos, ainda, a expressividade dos elementos vocabulares empregadas pelo autor. Desse modo, podemos, finalmente, concluir que Monteiro Lobato construiu seus neologismos pelos conhecimentos que tinha da estrutura de sua língua, o que favoreceu, de certa forma, a construção de sentidos para as palavras. Além disso, suas criações lexicais adquirem um sentido inédito dentro do contexto literário em que se encontra registrado.

Palavras-chave: Lexicologia, Lexicografia, glossário, neologismo, Monteiro Lobato.

ABSTRACT

This research had for objective to study the lexis of “Urupês”, by Monteiro Lobato and make a glossary of the neologisms found in that work. It is linked to the project named 'Dictionaries of the Literary Neologisms of the Portuguese Language of Brazil', Master's degree program in Linguistics of the *Universidade Federal de Uberlândia*. Our hypothesis is that Lobato looks for the construction of unusual words which represent the poetic effect he intends to present. He works on the lexicon of the Portuguese Language in the attempt of contextualizing the characters that are far from the urban areas. Another hypothesis would be that his lexical creations can affectively rescue the time and the author's experiences. Our work firstly consisted of the selection of nouns, adjectives and verbs that are presented in Lobato's work, which is our research object. To verify the neological character of this lexis, dictionaries of certain periods of time and the foundations of Boulanger's theory (1979) were used as the exclusion “*corpus*”. We then, made the analysis of the words contextual sense, adding some other information we considered as relevant. After the research we verified that one of our main work hypotheses was confirmed, once we found a significant number of neologisms in the author's work. Studying the selected words, we still noticed the expressiveness of the word elements which were used by the author. Finally we can conclude that Monteiro Lobato built his neologisms with the knowledge he had of the structure of his mother tongue, what favored, in a certain way, the construction of senses for the words. Besides, his lexical creations acquire an unpublished sense in the literary context where one can find the register.

Keywords: Lexicology, Lexicography, glossary, neologism, Monteiro Lobato.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- 1 A.M.S.- Antônio de Moraes Silva
- 2 C.A. – Caldas Aulete
- 3 C.F. – Cândido Figueiredo
- 4 L. F. – Laudelino Freire
- 5 N/C – Não Consta
- 6 Oc. – Ocorrências

SUMÁRIO

CAPÍTULO I – CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	13
1 - Introdução.....	13
1.1 - Considerações iniciais.....	13
1.2 - Justificativa.....	15
1.3 - Objetivos.....	18
1.3.1 - Objetivo geral.....	18
1.3.2 - Objetivos específicos.....	18
1.4 - Hipótese	19
1.5 - Coleta de dados	20
1.6 - Revisão da literatura	23
1.7 - Metodologia	25
1.8 – Organização do trabalho.....	29
2- CAPÍTULO II – AS REINAÇÕES DE MONTEIRO LOBATO.....	31
2.1 - A situação histórica do Brasil no término do século XIX e nos primeiros momentos do século XX	32
2.2 - O Pré-Modernismo	36
2.3 - Características do movimento Pré-Modernista e as divergências instigantes de uma produção literária moderna ou antimoderna de Monteiro Lobato.....	42
3 – CAPÍTULO III – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	59
3.1 - Léxico.....	60

3.2 - Lexicologia e Lexicografia.....	63
3.3 - Dicionários.....	68
3.3.1 - Macroestrutura dos dicionários.....	72
3.3.2 - Microestrutura dos dicionários.....	75
3.4 - Glossário: a delimitação de um conceito.....	79
3.5 - Neologismos.....	89
4 – CAPÍTULO IV – ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>	111
4.1 - A organização da macroestrutura e microestrutura do glossário.....	111
4.2 - Análise do <i>corpus</i>	115
4.2.1 - Palavras classificadas como neologismos semânticos	115
4.2.2 - Palavras classificadas como neologismos formais.....	125
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	163
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	166
ÍNDICE DAS PALAVRAS NEOLÓGICAS.....	172

CAPÍTULO I – CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

1- Introdução

1.1 - Considerações iniciais

Esta pesquisa é parte componente de um projeto mais amplo denominado “Dicionários dos Neologismos Literários do Português do Brasil”, coordenado pelo professor Doutor Evandro Silva Martins, da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). As idéias expressas nesta pesquisa e o interesse de integrar-se a esse projeto surgiram em decorrência da nossa participação na disciplina “Tópicos em lingüística II: a Neologia Literária” do curso de Mestrado em Lingüística da UFU, que objetivava estudar os neologismos em obras literárias brasileiras.

O projeto ministrado pelo professor Martins, assim como essa pesquisa, conforme mencionado, tem como enfoque a análise da criação lexical no texto literário, com a primordial finalidade de construir um glossário dos neologismos literários, visando, principalmente, à sua perenização. Assim, para tal propósito, escolhemos como objeto de análise desse trabalho a obra “Urupês” de Monteiro Lobato, que apresenta um campo fértil para a investigação neológica, visto a confirmação de uma presença significativa de criações lexicais, fato que contribuiu expressivamente para a escolha do autor, como também para a seleção da obra.

Pelos conhecimentos hauridos na Lingüística, podemos constatar que, numa língua viva, o léxico amplia-se com as constantes alterações, sobretudo, em função das novas criações vocabulares - os neologismos. A necessidade de criar novas palavras, principalmente

nas últimas décadas, está diretamente relacionada às inovações nos diversos campos da atividade social, política, econômica e cultural. E sendo a língua um recorte do mundo, uma interpretação da realidade construída de acordo com sua cultura, ela reflete essa incansável busca de novidade, evoluindo incessantemente e introduzindo novos vocábulos que nomearão as criações mais recentes, sejam estas ligadas ao progresso da ciência e da tecnologia ou a fatores sócio-culturais.

Desta forma, observamos que as mudanças trazem uma significativa contribuição para a renovação da linguagem nas diversas áreas do conhecimento, inclusive, para a linguagem literária. Diversos estudos mostram que, nos vários períodos da Literatura Brasileira, muitos escritores criaram neologismos em suas obras. Além de Monteiro Lobato, podemos citar: Cruz e Souza, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Guimarães Rosa (este último considerado por alguns como o “*romancista da palavra*”, devido às mais insólitas construções lexicais).

Nosso objetivo, então, é demonstrar que o estudo da obra lobatiana, aqui focalizada, é uma fonte rica para a pesquisa lexical.

Neste contexto, vale assinalar que o emprego de neologismo em textos literários revela não apenas a inovação do uso de uma unidade vocabular, como também o impacto que a novidade lexical pode provocar e influir no público leitor. Em outras palavras, asseveramos que, na criação lexical literária, o escritor não tem somente a pretensão de atualizar na língua a palavra criada, mas baseia-se também na procura da expressividade, como criador, utiliza as palavras para traduzir sentimentos, emoções e idéias.

Sobre o assunto, Carvalho (1984, p. 30) comenta que: “Toda a vez que um artista quer se expressar e não encontra palavras, lança mão da sua criatividade e das possibilidades do sistema lingüístico dando vida a uma forma que estava em potencial”. Estas atualizações lingüísticas inéditas demonstram a flexibilidade do sistema lingüístico, como um conjunto de

invariantes que permitem, constantemente, o aparecimento de inúmeras possibilidades criativas.

É importante destacar que os neologismos literários podem surgir como resultado de intenções estilísticas de um locutor que, para expressar suas idéias, manipula de tal forma as estruturas das palavras conhecidas e, com isso, acaba produzindo novas unidades vocabulares com um novo significado.

Para configurar nossa pesquisa, descrevemos nos itens subseqüentes, as diretrizes motivadoras desse trabalho. Inicialmente, apresentamos a justificativa, os objetivos, a hipótese, a coleta de dados, a fundamentação teórica e a metodologia.

1.2 - Justificativa

A justificativa de pesquisarmos o vocabulário neológico lobatiano, como já salientamos anteriormente, deve-se ao nosso interesse em aderir a um projeto maior desenvolvido pelo nosso orientador, denominado “Dicionários dos Neologismos Literários do Português do Brasil”.

Uma outra justificativa para a realização dessa pesquisa é o fato de a obra de Monteiro Lobato ter sido pouco pesquisada, sobretudo no que se refere ao aspecto lingüístico, principalmente àqueles estudos que se relacionam à Lexicologia e Lexicografia.

O escritor Monteiro Lobato situa-se entre os autores regionalistas do pré-modernismo e destaca-se no gênero do conto. Sabe-se que sua obra *Urupês* (1918) retrata a linguagem e os costumes interioranos, quase sempre com intenção satírica. Dessa forma, considerando a proposta desta pesquisa, fazemos um estudo das palavras e expressões encontradas na referida

obra, acrescentando uma nova abordagem de análise – a lexicológica -, a fim de evidenciar que as inovações produzidas na linguagem literária têm contribuído para a renovação e enriquecimento da Língua Portuguesa.

O resultado deste estudo será importante devido à contribuição que pode trazer tanto para pesquisadores, educadores, como para o alunado, que sempre está em contato direto com os textos literários, sobretudo, os lobatianos. Para tanto, nossa pretensão é elaborar um glossário das possíveis ocorrências de neologismos. Este instrumento permitirá alcançar um significativo auxílio na compreensão e interpretação da obra, uma vez que objetivamos fazer uma descrição e análise do sentido e da expressividade das palavras criadas, levando em consideração os contextos em que estas estão inseridas.

Há que se ter em conta que, quando o escritor explora os recursos disponíveis no sistema lingüístico para criar e recriar novas palavras, este ato é consciente e intencional, mas não visa necessariamente a dificultar o entendimento da obra. Para o escritor, o contato com o leitor é indispensável, pois este é um ser presente com o qual ele pode tomar a liberdade de se expressar. Segundo Barbosa (1981), quando o neologismo é empregado:

Existe na criação neológica uma coerção intencional de emissor sobre receptor, uma intenção de atingi-lo em si mesmo, positivo ou negativamente e provocar uma reação de sua parte. Trata-se de uma criação consciente da parte do locutor, que estabelece uma espécie de cumplicidade entre ele e o destinatário do discurso (BARBOSA, 1981, p. 93).

Não devemos perder de vista também que o fato de um escritor utilizar-se das potencialidades simbólicas da língua para criar novas palavras demonstra o seu poder em desafiar as formas lingüísticas já existentes no léxico, atestando, desta forma, a sua originalidade como também a sua criatividade, visto que é capaz de trabalhar com o código lingüístico dando realce as suas criações literárias, o que torna a linguagem atraente e fascina a cada nova descoberta.

Biderman (2001), lendo Baudelaire, comenta sobre a criação poética, comentário este que se encaixa perfeitamente ao processo de criação lexical na obra de ficção: “Sobre a natureza da poesia [...] um dos seus componentes essenciais é a surpresa causada por uma associação estranha até então inexistente na língua” (BIDERMAN, 2001, p. 35).

Considerando-se que esta nova associação semântica “estranha” e “inexistente” pode refletir os processos sociais, políticos e culturais nos quais está inserido o indivíduo, e que estes favorecem a criação de novas palavras, o estudo dos neologismos literários é relevante já que funciona como uma via de constatação das inúmeras modificações da linguagem e da sociedade como um todo.

Sendo assim, o tema da pesquisa e a escolha da obra “Urupês” de Monteiro Lobato se justifica, uma vez que buscamos coletar e explicar os processos neológicos que contribuíram para a formação e expansão do léxico. Esperamos, como já aludido, através deste trabalho, proporcionar um estudo das lexias neológicas lobatiana que possa atender as reais necessidades de uma consulta lexical, servindo como um material a mais de apoio para os discentes e docentes durante a realização de leituras ou pesquisas neste texto literário.

Além disso, almejamos, ao mesmo tempo, oferecer a estes consulentes uma percepção da ampliação do léxico português usado também como um recurso lingüístico para a construção de um texto literário. E para a comunidade científica, de modo geral, agregando esta pesquisa à do nosso orientador, a disponibilidade de um dicionário que registre um maior número possível de palavras neológicas, incluindo as que selecionamos neste exemplar literário lobatiano.

1.3 - Objetivos

1.3.1 - Objetivo geral

Esta pesquisa focaliza e ratifica que o surgimento de novas palavras em obras literárias atesta a produtividade da língua enquanto processo dinâmico e inovador. Desse modo, o objetivo geral desta pesquisa é fazer um levantamento das inovações lexicais presentes na obra “Urupês”, de Monteiro Lobato, com o principal propósito de elaborar um glossário. Estudamos, sobretudo, tais formações neológicas a fim de analisá-las à luz dos conceitos desenvolvidos pela Lexicologia, com base nas contribuições da Lexicografia.

1.3.2 - Objetivos específicos

- Selecionar e estudar os vocábulos neológicos hauridos na obra “Urupês” de Monteiro Lobato.
- Observar as lexias selecionadas, na obra supracitada, que não constam nos escolhidos dicionários de exclusão, os quais serão identificados no decorrer desta pesquisa. Verificar as unidades lexicais em que um sema novo produz um neologismo.
- Apresentar, em forma de quadros, as palavras já lexicalizadas que apresentem novos valores sêmicos no contexto da obra em análise. Descrever as bases lexicais de palavras não encontradas nos dicionários. Possivelmente, essas bases foram buscadas por Lobato para a formação de neologismos.
- Construir um glossário a partir das criações neológicas investigadas na obra e, para isto, elaborar possíveis definições.

1.4 - Hipótese

Ao escolher a obra “Urupês”, partimos do pressuposto de que Monteiro Lobato, por descrever na maioria de seus contos a temática do homem interiorano, fornece-nos um contingente considerável de palavras novas.

Além disso, como é sabido, esta obra literária contém vários contos e alguns artigos. Quase todos apresentam como cenário a cidadezinha de Itaoca, no interior de São Paulo, um ambiente fictício criado por Monteiro Lobato com os mais diferentes enredos. Ora, esse autor soube, com sutil singeleza, reunir nesta obra histórias que relatam uma realidade próxima a do povo interiorano, com suas aventuras e desventuras, seu linguajar e costumes.

Pautadas nestes dados, partimos da hipótese de que Lobato, na tentativa de contextualizar suas personagens em um espaço afastado dos centros urbanos, busca no léxico de nossa língua a construção de algumas palavras inusitadas que representem, mais precisamente, o efeito poético por ele pretendido.

Uma segunda hipótese investigada, concernente ao vocabulário utilizado por Monteiro Lobato, remete-nos à consideração de que as suas criações lexicais possam também resgatar afetivamente a época e as vivências desse autor. Se lembrarmos que Monteiro Lobato foi um homem adiante de seu tempo, pois, antes da semana de 1922, ele já trazia o ideário do movimento modernista, muito envolvido com as questões nacionais e políticas de nosso país. Estes fatores podem estar refletidos no léxico de sua obra que, para descrever as circunstâncias que o envolvia e inquietava, criou novas palavras.

Cumpramos destacar que, no que tange à criatividade dos escritores (poetas e romancistas), o texto literário, objeto de nossa análise, é um dos lugares privilegiados para o aparecimento de criações lexicais. Os escritores, de um modo geral, utilizam da função poética da linguagem para exteriorizar e/ou exprimir o mundo que está em sua volta.

Assim, nascem vocábulos originais, inéditos, já que as palavras existentes no nosso léxico não expressam exatamente as idéias e conceitos que poetas e prosadores buscam transmitir a seus leitores.

Em outras palavras, estes escritores compenetrados sob o olhar da construção literária de seus textos, sentem-se mobilizados a acrescentar uma novidade ao léxico. Não por acaso, imbuídos da tarefa de aprimorar no seu mundo fictício as suas percepções, instigações e compartilhamentos, buscam articular-se através da composição de neologismos, um dos processos mais produtivos e usuais no universo lingüístico.

1.5 - Coleta de dados

O *corpus* desta pesquisa delineou-se a partir da leitura de algumas obras de Monteiro Lobato. Das obras lidas, escolhemos “Urupês”. É importante informar que esta seleção não foi aleatória, pois procuramos fazer opção por uma produção literária deste autor que fosse direcionada ao público adulto, seguros de que Monteiro Lobato como escritor é mais conhecido por suas obras infantis, cujos textos literários têm sido bastante explorados.

Importante registrar que, para este estudo, vimos também a necessidade de buscar a primeira edição desta obra literária publicada em 1918 pela Revista do Brasil que, infelizmente, não foi encontrada. Contudo, encontramos um exemplar da 2ª edição, do mesmo ano e editora, exposto no acervo de obras raras da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e que nos foi prontamente concedido para que tirássemos uma cópia impressa.

Necessário se faz, portanto, esclarecer que a importância de conseguirmos uma das primeiras edições da obra “Urupês”, deve-se ao fato de que precisávamos de uma obra publicada no período de vida do autor. Isso, em virtude do olhar de Monteiro Lobato sobre as

suas próprias edições, e da precisão das informações ou bases, com as quais, poderíamos formar conclusões fidedignas em sua obra.

É digno de nota observar, nas posteriores edições dessa obra literária, algumas alterações, tais como: supressão de trechos, de epígrafes, mudança de títulos de alguns contos, reformulações e construções de frases e expressões. Não se pode desvalorizar a suposição, também, de que naquelas obras reeditadas durante a sua existência, é possível que incida um processo de reconstrução realizado pelo próprio autor. Na avaliação dessas evidências, buscamos prosseguir nosso estudo com fidelidade de um léxico literário lobatiano, da versão de “Urupês”, publicada em 1918.

Já no que se refere à base de dados investigada para a pesquisa, inicialmente foram elencados todos os substantivos e adjetivos presentes na obra em análise, além dos verbos considerados pertinentes para a montagem do glossário neológico. Este *corpus* está organizado em ordem alfabética, acrescido do número de ocorrência das lexias neológicas obtidas. Estes dados foram alcançados pela transferência completa do texto literário “Urupês”, já escaneado e corrigido conforme informações ortográficas da obra original, para um programa gerenciador de infobases: **Folio VIEWS 3.1**, um importante mecanismo eletrônico que pode administrar grande volume de informações armazenadas em uma base.

Esse programa auxiliou-nos na seleção lexical, pois foi possível obter uma exibição de listas de palavras, encontrar o número de incidência e situar as lexias dentro das abonações, além de possibilitar recortes e cópia de trechos para um outro arquivo. Apesar da assistência ágil proporcionada por esse gerenciador, essa *Infobase* não foi programada para informar a localização das páginas. O pesquisador precisa buscar dentro do texto e digitalizar esses dados e, ainda, verificar que não há um acesso para a cópia das referências relacionadas à quantidade de ocorrências.

Para termos uma melhor visão sobre os procedimentos contemplados para o estabelecimento do *corpus*, todas as palavras consideradas neológicas foram digitalizadas seguindo os critérios metodológicos esboçados, neste capítulo, no item da metodologia.

A fim de consolidar as descrições neológicas motivadoras dessa pesquisa, adotamos como principal fonte lexicográfica, para a consulta de palavras ou das acepções apresentadas às lexias recolhidas na obra eleita, os seguintes dicionários; *Dicionário da Língua Portuguesa* de Antônio de Moraes Silva (1813); *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa* de Francisco Júlio Caldas Aulete (1881); *Novo dicionário da Língua Portuguesa* de Cândido de Figueiredo (1925) e *Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa* de Laudelino Freire (1957). Consideramos como neologismos, os itens lexicais selecionados no referido livro de contos de Lobato que não foram registrados nos mencionados *corpus* de exclusão e, mesmo que registrados, averiguamos se sofreram modificações em seus significados, configurando-se, assim, como neologismos semânticos.

Não há dúvidas de que o dicionário é um inventário seletivo e fechado. Sabemos que os lexicógrafos agem, muitas vezes, arbitrariamente, por uma dificuldade em estabelecer critérios para organização de um material que documente a língua, o que não é um trabalho muito fácil. Por isso, entendemos que certas obras lexicográficas podem não descrever unidades lexicais muito usadas ou descartar exemplos de termos novos, especializados e de emprego restrito. Outras vezes, vocábulos pouco usados chegam a ser dicionarizados.

No entanto, é preciso ter em mente que, apesar dessa arbitrariedade, o dicionário é um grande manual lingüístico freqüentemente consultado, que permite determinar quais são as unidades vocabulares que já foram realmente incorporadas ao léxico da língua, bem como orientar os consulentes de uma língua sobre as acepções que são atribuídas às lexias dicionarizadas.

Além disso, devemos considerar que, na observação sistemática da criatividade lexical, muitos pesquisadores na área do léxico em teses, artigos e livros, têm-se fundamentado nos parâmetros lexicográficos para efetuar suas análises, conduzidos também pela razão de ser um critério considerável que abarca um elevado número de referência do uso das palavras. Eles fornecem, inclusive, uma relativa demonstração dos moldes do comportamento lingüístico e ideológico de uma língua.

Assim, de posse de um parâmetro classificatório, o nosso corpus constituiu-se de todos os itens lexicais considerados neológicos auferidos na obra literária lobatiana - “Urupês”.

1.6 - Revisão da literatura

Considerando as pretensões dessa pesquisa, no que concerne aos subsídios teóricos, suportes de suma relevância para a realização e direcionamento das etapas dessa dissertação, estruturamos esta parte da seguinte forma: primeiro apontamos algumas questões referentes à obra de Monteiro Lobato, que representa o nosso objeto de estudo, em seguida, tecemos comentários sobre a importância desse autor para a história literária do Brasil, sem dúvida, para a própria história do povo e da nacionalidade brasileira.

O autor de “Urupês”, acima de tudo, foi o primeiro a projetar uma indústria editorial no nosso país, abriu caminhos para a divulgação e necessidade de livros, ampliou significativamente os horizontes daqueles marginalizados da aquisição desse material e do hábito da leitura. Este homem tornou-se também um dos mais renomados e lembrados escritores da literatura brasileira.

Num segundo momento, apoiamo-nos nas leituras e alicerces teóricos que serviram de base para o nosso estudo. Assim, discorreremos, nesse capítulo, sobre cinco itens que,

juntamente ao desenvolvimento do tema relacionado ao fenômeno neológico, perfazem categoricamente a investigação e análise do nosso corpus literário. Nesse sentido, tratamos de questões sobre o léxico e as constantes mudanças lingüísticas, abordando aspectos interligados à criação lexical, seguindo as posições teóricas dos lingüistas: Guilbert (1975), Barbosa (1981), Carvalho (1984), Vilela (1995), dentre outros.

Esse trabalho descreve também definições inerentes à Lexicologia e à Lexicografia, caracterizando os seus objetos de estudo, metodologias e pretensões teóricas distintas. Para tanto, destacamos o pensamento de alguns teóricos, tais como: Dubois (1971), Casares (1972), Haensch (1982), Barbosa (1991), Vilela (1994), Biderman (2001). Posteriormente, discutimos sobre a composição de dicionários enfocando as particularidades entre macroestrutura e microestrutura, que estão fundamentadas nas concepções teóricas dos seguintes autores: Dubois (1971), Haensch (1982), Biderman (1984; 2001), Vilela (1989; 1995), Finatto (1993).

Tratamos também de conceitos sobre glossário, vocabulário e dicionário para demonstrar a existência de distintos focos analíticos em relação a cada um desses termos e a preocupação de alguns estudiosos em construir uma definição adequada para cada uma das obras de tipo lexicográfico. Para este assunto, apresentamos as conclusões desenvolvidas pelos seguintes autores: Haensch (1982), Biderman (1978; 1984), Ezquerro (1980), Vilela (1995), Barbosa (1995), Coelho (2003).

Por fim, a última parte intitulada ‘neologismos’ busca apontar pontos discrepantes e, às vezes, de reprodução de definições teóricas e dos processos de inovação lexical, focalizados nas propostas de vários estudiosos dessa área, quais sejam: Matoré (1953), Guiraud (1972), Guilbert (1975), Boulanger (1979; 1990), Barbosa (1981; 2001), Biderman (1981; 2001), Carvalho (1984), Riffaterre (1989), Alves (1990; 2000). Com efeito, devido à

falta de uniformidade nas definições neológicas atribuídas por estes pesquisadores carecemos, ainda, de uma conceituação unânime e crucial quanto a este fenômeno.

1.7 - Metodologia

O objetivo deste item é apresentar os passos metodológicos que guiam o desenvolvimento da pesquisa.

O nosso *corpus* de investigação constitui-se de todos os contos e dois artigos que compõem a obra “Urupês” de Monteiro Lobato. Desta forma, as matrizes de descrições contextuais do universo lexical lobatiano serão decompostas e analisadas obedecendo às seguintes etapas:

- Seleção de todos os substantivos, adjetivos e verbos registrados na obra “Urupês”, objeto da pesquisa.
- Utilização de quatro dicionários estabelecidos como *corpus* de exclusão. São eles: *Dicionário da Língua Portuguesa* de Antônio de Moraes Silva (1813); *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa* de Francisco Júlio Caldas Aulete (1881); *Novo dicionário da Língua Portuguesa* de Cândido de Figueiredo (1925) e *Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa* de Laudelino Freire (1957). Com base na teoria da criação lexical de Boulanger (1979), que será exposta no capítulo 3, utilizamos tais dicionários para estabelecermos, com mais propriedade, as palavras neológicas. De uma maneira geral, as obras lexicográficas buscam contínuas atualizações na coleta das palavras, por isso costumam freqüentemente editar revisões nas compilações de um mesmo produto lingüístico. Portanto, é um inventário cultural

que objetiva, inclusive, acompanhar a evolução de uma língua e não tem um fim em si mesmo de estagnar no tempo determinadas lexias e definições.

- Caracterização dos vocábulos utilizados por Monteiro Lobato. Para isso, pareceu-nos mais viável seguir a ortografia indicada no livro “Urupês” (1918). Resolvemos respeitar e observar a ortografia dessa obra quando manuseávamos os prefácios de algumas edições mais atualizadas e deparamos, justamente, com um pedido de Lobato, já divulgado em uma entrevista com editores e exposto nas primeiras páginas do livro em análise, com a seguinte titulação “Ligeira nota sobre a ortografia de Monteiro Lobato”. Neste depoimento, Monteiro Lobato reage contra a reforma ortográfica e os acentos a favor da simplificação da ortografia. Declara explicitamente que “não admite acentos em coisa nenhuma que escreva, nem lê nada que os traga” (LOBATO, 1947, p. 8). Diante disso, resta aos leitores e pesquisadores lobatiano notificar seu pedido e, com primazia, inspecionar as reconstituições descritas em algumas de suas edições posteriores.
- Registro, em ordem alfabética, das palavras neológicas extraídas da obra em análise, anotadas no gênero masculino e no número singular, com restrição a certas lexias que foram encontradas somente no gênero feminino, como por exemplo: *‘pelotada’*. Tendo por base essas condições, todos os verbos são apresentados no infinitivo. Assim, adotamos, para cada unidade lexical, o formato maiúsculo e negrito, seguidas da classificação gramatical e do número de ocorrências.
- Transcrição das abonações, após as palavras de entradas. São apresentadas com períodos completos e demarcadas em itálico. Desta forma, para uma melhor ilustração do contexto, buscamos, em algumas abonações, indicar mais de um período. Na descrição da(s) abonação(ões) que, eventualmente, conste a repetição de alguma

palavra neológica já estudada, decidimos por informar apenas a(s) abonação(ões) em que a mesma palavra apresente traços sêmicos completamente diferenciados.

- Contextualização da palavra apresentando-a entre símbolos < e > e, em negrito, como em: *Filho homem só tinha o José Benedito, d'apelido Pernambi, um < **passarico**> desta alturinha, apesar de bem entrado nos sete anos* (U, p. 62). Todas as abonações estão acompanhadas da localização da obra, doravante a fonte consultada será identificada apenas pela letra -U- de “Urupês”, com a indicação da página entre parênteses.
- Explicação, após uma passagem abonatória, do sentido possível de todos os neologismos coletados e, sobretudo, de acordo com o contexto lingüístico empregado pelo autor.
- Acréscimo de um item denominado de ‘Notas lingüísticas’ em que tecemos alguns comentários pertinentes ou informações lingüísticas sobre a unidade lexical analisada. Dentre essas anotações, demonstramos o processo de formação neológica que produziu cada unidade vocabular. Nesse trabalho, seguimos o critério tipológico adotado por Boulanger (1979), ilustrado no item 3.5 dessa pesquisa, com as seguintes categorias: neologismo formal, neologismo semântico e neologismo por empréstimo.
- Construção de um quadro que aparece antes de aclararmos o sentido de uma palavra neológica, em que são apresentadas as palavras ou bases lexicais registradas pelos dicionários. Face ao exposto, optamos pelos seguintes procedimentos:
 - a) Para as lexias classificadas como neologismos formais, e sendo observado a sua não existência, anotamos uma provável base lexical que esteja incorporada nas obras lexicográficas indicadas neste estudo. Através deste quadro, obtivemos um apoio para a definição de palavras neológicas e, particularmente, identificamos se o autor Monteiro Lobato utilizou-se de uma base lexical já conhecida e, portanto, de uso no

léxico português para produzir um vocábulo novo. Contudo, há que se notar que as bases lexicais consultadas estão descontextualizadas, já que se tratam de palavras isoladas vindas de um dicionário e não correspondem aos sentidos específicos daquela unidade lexical neológica encontrada na obra, ou seja, pertencente a um contexto literário.

b) Para as amostras em que os neologismos foram considerados como semânticos, citamos as entradas e as definições apresentadas pelos lexicógrafos em análise, tendo por finalidade demonstrar a existência de uma palavra e visualizar a discrepância de traços sêmicos quando confrontados com o sentido usado pelo autor na obra compulsada.

- Consulta às mesmas obras lexicográficas eleitas neste estudo como *corpus* de exclusão para a apresentação das palavras ou bases lexicais. Porém, registramos no quadro proposto, os dicionários que tenham o ano de publicação precedente ao registro da obra “Urupês” de 1918. Desta forma, somente descrevemos os demais dicionários de época quando ocorreu a imprecisão dados ou a não referência de informações. Diante dessas considerações, por um lado, a nossa pretensão foi tornar menos cansativa a leitura e diminuir a estrutura dos quadros retirando uma lista de acepções e exemplos semelhantes ou, até mesmo, parafrásticos. Por outro lado, a focalização dos quadros, nesta pesquisa, tem o fito de demonstrar apenas o não-atestamento da palavra neológica e/ou buscar uma sustentação para a análise do *corpus*.
- Citação dos dicionários antecedentes ao léxico da obra “Urupês” em ordem cronológica de publicação e identificação dos mesmos pelas letras iniciais dos autores, assim, adotamos as seguintes formas: A.M.S. – para Antônio de Moraes Silva; C.A. – para Francisco Júlio Caldas Aulete. Surgindo a necessidade do registro dos demais

dicionários são utilizadas como abreviatura: C.F. – para Cândido de Figueiredo; L.F. – para Laudelino Freire.

Todos os critérios supracitados nos permitem demonstrar que os itens lexicais, inicialmente listados, são de fato neológicos e representam uma engenhosidade da inovação lingüística lobatiana.

Finalmente, ressaltamos que todos os passos metodológicos de nossa pesquisa convergem para o objetivo de confeccionar um glossário, que vise não somente a recuperar e conceituar as invenções lexicais lobatianas, permitindo-nos a perenização dessas palavras, mas que archive uma particularidade do universo lexical lobatiano predisposto a ser um manual de referência para aqueles pesquisadores interessados por este assunto.

1.8 - Organização do trabalho

Para desenvolver o tema, optamos por dividir este trabalho em quatro capítulos. No primeiro, a introdução. Nela, apresentamos a justificativa, os objetivos, hipóteses, coleta de dados, o embasamento teórico, a metodologia e, por fim, delimitamos a organização do trabalho.

O segundo capítulo apresenta considerações importantes sobre a vida de Monteiro Lobato, situa o contexto histórico em que este autor viveu, apresenta as características do movimento pré-modernista e discute também a posição ambivalente que Monteiro Lobato assumiu dentro desta escola literária. No terceiro capítulo, são explicitados os fundamentos teóricos que nortearam a realização deste trabalho. Já o quarto capítulo é dedicado à análise dos dados, com a conseqüente construção do glossário.

Em seguida, são formuladas as considerações finais e também apresentadas as referências bibliográficas. Finalmente, no item reservado ao apêndice, construímos um índice das criações lexicais lobatianas, que são classificadas em dois grupos, a saber: o primeiro com as palavras consideradas neologismos semânticos e o outro com as palavras consideradas neologismos formais.

CAPÍTULO II - AS REINAÇÕES DE MONTEIRO LOBATO.

Neste capítulo, apresentamos, num primeiro momento, um estudo com informações da vida e obra de Monteiro Lobato, com o intuito de compreender este autor e, principalmente, seu convívio e atuação em um período da história da sociedade brasileira. Monteiro Lobato foi escritor, editor e um intelectual importante para a história cultural do nosso país. Como cidadão e homem público empenhou-se em prol de alternativas para solucionar os problemas sociais de nossa nação e, como literato, a maioria de suas obras traduzem um forte espírito de luta: a marca de seu tempo, além de apresentar propostas inovadoras que anteciparam algumas temáticas e características do próprio movimento modernista.

Discutimos, num segundo momento, sobre o movimento literário pré-modernista¹ e, em seguida, a problematização da inserção do ficcionista Monteiro Lobato nesta escola literária. Procuramos, em nosso trabalho, ilustrar algumas considerações sobre esse período da literatura brasileira, numa tentativa de reavaliar as contribuições do referido autor e ressaltar a importância de uma pesquisa ponderada, por parte dos críticos literários, no que concerne à produção intelectual e artística deste ficcionista. Contudo, neste item, tecemos também alguns comentários sobre a coletânea de contos e artigos que compõem o livro “Urupês”, publicada em 1918, por esse empresário, dono da Revista do Brasil e escritor de Taubaté. Acreditamos que todos os tópicos elucidados neste capítulo podem fornecer elementos para o estudo do

¹ Para alcançar o objetivo desta pesquisa, de cunho biográfico e literário, consultamos e refletimos sobre os conteúdos teóricos apresentados pelas seguintes obras, a saber: *O Pré - modernismo em São Paulo* de Sylvia H. T. A. Leite, *Quadro sintético da literatura brasileira* de Alceu Amoroso Lima, *O Pré - modernismo* de Alfredo Bosi, *História concisa da Literatura Brasileira* de Alfredo Bosi, *A literatura no Brasil* de Afrânio Coutinho, *Literatura e sociedade* de Antônio Cândido, *Sobre o Pré-modernismo* (artigos organizados pela fundação da casa de Rui Barbosa), *História da Inteligência Brasileira* de Wilson Martins, *Intelectuais à Brasileira* de Sérgio Miceli, *Gregos e Baianos* de José P. Paes, *Ponta de Lança* de Oswald de Andrade, *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia* de Carmen Lúcia de Azevedo et alli, *O ficcionista Monteiro Lobato* de Alair Barbosa, *Monteiro Lobato: vida e obra* (v. 1 e 2) de Edgard Cavalheiro, *Atualidade de Monteiro Lobato: uma revisão crítica* (artigos organizados pela autora Regina Zilberman), *De Jeca a Macunaíma: Monteiro Lobato e o modernismo* de Vasda Bonafini Landers, *Chapéus de palhas, panamás, plumas e cartolas: a caricatura na literatura paulista (1900-1920)* de Sylvia H. T. A. Leite, *Urupês* de Monteiro Lobato, *A Barca de Gleyre* de Monteiro lobato.

vocabulário lobatiano subsidiando, portanto, o exame do léxico neológico da obra literária escolhida.

2.1 - A situação histórica do Brasil no término do século XIX e nos primeiros momentos do século XX.

Neste subitem, elaboramos um breve relato sobre a vida de Monteiro Lobato e situamos a época em que este autor nasceu até os momentos finais de seus dias. Alguns dados biográficos e acontecimentos históricos-políticos de seu tempo são explorados e descritos no próximo assunto deste estudo.

José Renato Monteiro Lobato nasceu em Taubaté, estado de São Paulo, no ano de 1882, viveu até 1948, portanto, testemunhou em vida as duas Grandes Guerras Mundiais que abalaram e destruíram vários países. Era filho de José Bento Marcondes Lobato e dona Olímpia Augusta Monteiro Lobato. Anos mais tarde, José Renato, desejando a bengala do pai com as iniciais J.B.M.L, muda seu nome para José Bento Monteiro Lobato.

Monteiro Lobato cresceu na fazenda Buquira, propriedade de seu avô materno, o Visconde de Tremembé, guardou várias lembranças deste lugar e uma inspiração para escrever as personagens infantis de sua obra. Em 1889, ingressa no colégio Kennedy, em Taubaté, frequenta depois outras instituições de ensino. Em São Paulo, no final de 1895, fez exames preparatórios e é reprovado na prova de Português.

Um ano antes deste último acontecimento, no Brasil instalou um novo período da história republicana: com a eleição do primeiro presidente civil, Prudente de Moraes, de naturalidade paulista, iniciou-se a “República do café-com-leite” dos grandes proprietários rurais, consolidando um regime político e governamental que se difundiu num momento

áureo da economia cafeeira no Sudeste. Neste tempo, já havia ocorrido em nosso país, em 1888, a abolição da escravatura.

Por conseguinte, as duas primeiras décadas do século XX, no Brasil, representa um momento de mudanças. Especificamente na cidade de São Paulo, ocorre um aceleração do processo de industrialização, intensifica o surto de urbanização, resultante do grande afluxo de imigrantes principalmente de italianos. Para Sussekind (1988), este período é marcado por vários índices de modernizações e transformações sociais sentidas pelo povo brasileiro e, no entanto, pintavam uma visão natural e estável do mundo. Segundo Sussekind (1998, p.33):

[...] habitante das grandes cidades brasileiras se acha submetido à mutação violenta nas suas coordenadas espaço-temporais, já que as aceleradas reformas urbanas, a introdução dos bondes que se movimentam por tração elétrica, dos automóveis, a ampliação da rede ferroviária, a difusão de tabuletas de anúncios pelas ruas e fachadas, a vivência do tempo como velocidade, parecem deitar simultaneamente uma visão estável de mundo, uma definição espiritualizada da arte e do artista, uma compreensão da paisagem cotidiana como natureza.

Em todo o país, a referida prosperidade acentua um período conturbado marcado por fortes contrastes da realidade brasileira, gera graves problemas, assiste-se a uma deplorável leva de desemprego, inflações, greves trabalhistas, agitações sociais, tais como: a Revolta de Canudos (1897), Revolta da vacina (1904), Revolta da Chibata (1910).

Quando incide a destruição do arraial de Canudos, Monteiro Lobato estava estabelecido em São Paulo. Nesta ocasião, opta por permanecer durante três anos num regime de internato do Instituto Ciências e Letras. Aos dezoito anos, entra para a Faculdade de Direito por imposição do avô, pois desejava estudar na Escola de Belas Artes. Em 1902, é eleito presidente da Arcádia Acadêmica, colabora com artigos sobre teatro no jornal *Onze de Agosto*, dois anos depois vence o seu primeiro concurso de contos e resolve editar o texto premiado no referido jornal. A propósito, é na companhia de colegas das Arcadas que formam

o grupo denominado Cenáculo, além disso, participa também do Minarete, um jornal da cidade de Pindamonhangaba- SP.

Nesta fase, em 1904, Monteiro Lobato consegue concluir o curso de Direito e ocupar provisoriamente a promotoria de Taubaté. Posteriormente, por uma indicação de seu avô, Lobato instala-se em Areias e torna-se um reconhecido promotor nesta cidade. Em 1911, casado há três anos com Maria Pureza Natividade, herda a fazenda Buquira do Visconde de Tremembé e passa de promotor a fazendeiro.

Decorrido um ano depois da greve operária em São Paulo, mais precisamente em maio de 1918, Lobato compra a Revista do Brasil² e começa a publicar os seus livros para adultos. A obra “Urupês” abriu o caminho de sua extensa criação literária. Do mesmo modo, divulga e publica obras de escritores brasileiros conhecidos e desconhecidos, dando a estes últimos uma oportunidade no meio cultural e artístico. Do vestígio deste trabalho, resulta a primeira editora nacional, designada *Monteiro Lobato & Cia* (1920), que se transformou na *Cia. Gráfica Editora Monteiro Lobato* (1923), mas extinguiu-se em 1925. Anos depois, este literato fundou a *Editora Nacional* e, em 1944, surge a organização da *Editora Brasiliense* que passou a distribuir seus livros. Na verdade, antes de Monteiro Lobato, os livros eram impressos em Portugal e inicia-se com este escritor o movimento editorial brasileiro.

Desencantado com o mundo dos adultos, em 1921, Lobato lança *Narizinho arrebitado* e distribui vários exemplares infantis gratuitos para as escolas. Em 1927, nomeado adido comercial brasileiro em Nova Iorque, muda-se para os Estados Unidos. No entanto, em 1931, regressa ao seu país de origem e incentiva a nação numa campanha pela exploração do ferro e do petróleo. Nessa perspectiva, buscava a ampliação da economia do Brasil e a sua autonomia nacional. Esta luta o levou a uma exclusão do convívio social, foi injustamente preso em virtude de seus ideais nacionalistas. Com efeito, esta passagem de sua vida deixou uma marca

² A posição de Lobato como editor de livros, bem como a modernidade de sua atuação empresária serão resgatados e esclarecidos no terceiro item deste capítulo.

profunda de desgosto, além de acentuar uma destituição de seus recursos financeiros, pois ficou sem emprego e casa própria, estes problemas abalaram também a sua saúde.

Por volta de 1942, o Brasil, vivenciando algumas pressões mundiais, declara guerra à Alemanha. Logo depois, Lobato decide embarcar para a Argentina e somente retorna ao Brasil em 1947, com muitas saudades de sua terra. No dia três de julho de 1948, o escritor concede uma entrevista radiofônica ao repórter Murilo Antunes Alves. Na manhã seguinte, Lobato almoça com alguns amigos e, lamentavelmente, às quatro da madrugada, falece. Conquanto, reviverá na memória de seus amigos as seguintes palavras proferidas por este autor em sua última entrevista e repetida no final do almoço quando se despedia de seus companheiros: “Meu cavalo está cansado, querendo cova, e o cavaleiro tem muita curiosidade em verificar, pessoalmente, se a morte é vírgula, ponto e vírgula ou ponto final” (CAVALHEIRO, 1956b, p. 272).

Monteiro Lobato deixou para o povo brasileiro um vasto espírito de luta, uma conduta perseverante. A repercussão de seu nome e de suas produções literárias se estenderam pelos tempos, muitos estudiosos mencionam em seus estudos algumas obras de Lobato ou ainda revelam a influência deste autor em seus textos, inclusive, buscam episódios do “Sítio do Pica-Pau Amarelo” em seriados infantis no mundo televisivo. Portanto, a sua referência é atemporal, foi um homem que também revelou algumas questões antropológicas e políticas de nosso país, como a campanha sanitária da saúde brasileira e a busca pelo petróleo, além de um conteúdo modernista de suas obras evidenciado, até mesmo, no seu primeiro livro de contos – “Urupês”, cujas questões são aprofundadas nas próximas páginas deste trabalho, todos esses valores históricos e literários de suas obras ultrapassam qualquer época.

2.2 - O Pré-modernismo

As produções literárias de Monteiro Lobato, comumente, encontram-se inseridas em um período da história literária brasileira que se convencionou chamar de Pré-Modernismo. Não obstante, observa-se que a definição e a origem do termo ‘Pré-Modernismo’ revelam nítidas controvérsias entre alguns historiadores e críticos literários e, inclusive, os mesmos procuram denominar o criador dessa expressão. Para Alfredo Bosi (s.d), essa designação foi criada por Tristão de Ataíde para referir-se ao período cultural brasileiro ocorrido entre o princípio do século XX e a Semana de Arte Moderna (1922).

No âmbito da definição, segundo assinala este autor, o termo Pré-Modernismo pode ser interpretado sob dois ângulos possíveis: “1) dando ao prefixo ‘pré’ uma conotação meramente temporal de anterioridade; 2) como um sentido forte de precedência temática e formal em relação à literatura modernista” (BOSI, s.d, p. 11).

Constatamos, então, que a escola literária Pré-Modernista é definida estabelecendo como referência uma relação entre a produção literária dessa época e o modernismo. Em outras palavras, não se analisa o período Pré-Modernismo em si mesmo, alguns críticos da nossa literatura tendem a valorizar as obras que, no plano da forma ou da temática, anteciparam idéias e práticas dos escritores modernistas e, incontestavelmente, colocam em detrimento aquelas que se encontram mais ligadas aos movimentos literários anteriores. Importante reconhecer que Bosi (s.d) descreve a ambivalência do termo, no que diz respeito à disparidade e complexidade das produções culturais desse período.

De um modo geral, segundo esse autor, os gêneros literários no pré-modernismo indicam, por um lado, o prosseguimento e a estilização dos já cultivados pelos escritores realistas, naturalistas e parnasianos. Por outro lado, juntamente a este elemento conservador importa acrescentar o renovador, autores como “Euclides da Cunha, Graça Aranha, Monteiro

Lobato e Lima Barreto injetam algo de novo na literatura nacional, na medida em que se interessam pelo que já se convencionou chamar realidade brasileira” (BOSI, s.d, p.12), isto é, debruçam-se sobre problemas sociais e morais do país.

Em síntese, Bosi (1976), ao redefinir essa escola literária, enfatiza que tais escritores romperam de alguma maneira com essa cultura oficial, alienada e verbalista, e abre caminho para as sondagens sociais e estéticas retomadas a partir de 1922. Interessante é o fato de que este historiador preconiza a heterogeneidade da prosa pré-modernista, porém, não aprofunda em suas análises, simplesmente compara, detidamente, esta última geração de escritores com a fase literária posterior (1922-1945).

Uma divergente posição é ilustrada por Cândido (1976), outro autor consagrado e canonizado na crítica literária. O estudioso afirma que a produção literária exercida nesta fase não apresenta grandes inovações, sendo denominada, essencialmente, como uma “literatura de permanência” que “conserva e elabora os traços desenvolvidos depois do Romantismo, sem dar origem a desenvolvimentos novos” (CÂNDIDO, 1976, p. 113). Segundo o ponto de vista deste autor, trata-se de uma literatura estagnada, satisfeita, sem angústia formal, sem rebelião, cuja única preocupação é fazer um esforço tenaz para conseguir imitar e alcançar a mesma harmonia e equilíbrio dos escritores europeus.

Em consonância à declaração de Cândido (1976), Paes (1885) advoga que as manifestações literárias desse tempo podem ser caracterizadas como:

Uma arte típica da chamada *belle époque*, isto é, daquele longo interregno de paz que se estendeu de 1870 até a Primeira Guerra Mundial e durante a qual prosperou uma rica sociedade burguesa, brilhante e fútil, amante do luxo [...], em cujas camadas mais cultas os artifícios do *art nouveau* encontraram os seus clientes de eleição (PAES, 1985, p. 67).

Desse modo, para Paes (1985), o novo estilo de arte e de vida importado da Europa tornou-se adequado ao momento histórico em que vivíamos. Na verdade, de forma análoga existia no Brasil uma espécie de *belle époque*, principalmente na cidade do Rio de Janeiro,

onde o quadro de modernização urbana tem nítidos reflexos na criação literária. Assim, este afrancesado luxo de imitação - o *art nouveau* - fornecia uma cenografia a caráter e destruía a figura do poeta boêmio, pitoresco e marginal, em prol da “figura do escritor mais ou menos aburguesado, isto quando não convertido em dândi” (PAES, 1985, p. 71).

De acordo com Paes (1985), a arte nova delimita-se estritamente a um conceito de *art nouveau*, pouco inovador, uma vez que estava voltada apenas para “os aspectos mais grosseiros, amiúde e mais sombrios da vida cotidiana” (PAES, 1985, p. 67).

Em oposição aos dois últimos literatos referenciados neste estudo, encontramos a conceituação delineada por Lima (1959). Este autor destaca o pré-modernismo como um movimento sincrético em que se mesclam tendências literárias discrepantes, como também, acentua o aspecto inovador de algumas produções culturais que antecedem as características da geração seguinte.

Segundo Lima (1959), o novo período, incluído cronologicamente entre 1900 e 1930, ficou conhecido como nacionalista ou eclético. Nacionalista, porque “durante ele se manifestou, nas letras, um movimento de acentuado nativismo” (LIMA, 1959, p. 61). Eclético, pois argumenta que o trecho que se localiza entre o Simbolismo e o Modernismo caracteriza-se pelo fato de “não poder ser resumido numa escola dominante e, ao contrário, compreender a coexistência de simbolistas, realistas e parnasianos, até mesmo os da geração que, em 1920, iriam desencadear o Modernismo” (LIMA, 1959, p. 61).

Apresentando evidentes controvérsias em relação a Bosi (s.d), no que concerne à procedência do termo pré-modernismo, Leite (1996) afirma que este termo foi criado por Alceu Amoroso Lima (pseudônimo de Tristão de Ataíde)³, na obra *Contribuição à história do modernismo*. Entretanto, é incontestável a observação de que a definição construída por esta

³ Veja a referência desses nomes na obra “Literatura e sociedade” de Antônio Cândido, 1976, p. 125.

autora aproxima-se dos postulados definitórios expostos pelo referido crítico literário. Desta forma, certifica Leite (1996) que esse período relativamente curto de nossa literatura percorre:

Uma gama extensa e variada de caminhos que abrange desde a literatura mundana e superficial, identificada por Afrânio Peixoto como “sorriso da sociedade” [...] abarca também toda uma estética neo (parnasiana, simbolista, romântica) e uma vertente nacional-localista, bem representada pela ficção e pela poesia regionalista, de razoável expressão no período. Ao mesmo tempo essa literatura abrange também uma produção satírica, crítica, de considerável ressonância, expressa quase que com espírito militante, por escritores como Juó Bananére, Moacir Piza, Lima Barreto, Monteiro Lobato, Ivan Subiroff etc. nos seminários, nas revistas e nas grandes imprensas (LEITE, 1996, p. 39).

Leite (1995) esclarece que predomina normalmente uma visão da literatura desse período levando em consideração apenas o seu aspecto ora pouco renovadora, ora como muito criativa, uma “espécie de extensão dos preceitos estéticos entre 1880 e 1900” (LEITE, 1995, p. 168). Por essa razão, salienta a escritora que ainda continua sem solução a busca de uma designação mais adequada e precisa para esse período na literatura brasileira. Sem dúvida, nem sempre a melhor maneira de avaliar algumas obras e autores é buscar neles indícios de procedimentos literários adotados pelos modernistas ou mesmo uma forma de julgamento inovador ou conservador.

Na verdade, segundo a revelação de Miceli (2001), houve uma tentativa de expurgar dos escritores pré-modernistas o momento de expansão da atividade intelectual no Brasil, ao relegar as produções literárias da época, logram tachar estes escritores de ‘subliteratos’, ao mesmo tempo em que tratam “suas obras segundo critérios elaborados em estados posteriores do campo” (MICELI, 2001, p. 16). Em síntese, transformam os escritores desse período numa ‘espécie de lixo ideológico’ e desconhecem as condições sócio-culturais em meio às quais se constituiu o campo intelectual.

Desta forma, o termo pré-modernismo constitui-se, na história da literatura brasileira, em um “recurso político dos modernistas” designado, não raras vezes, pelos historiadores

literários como uma fase de estagnação da atividade cultural e artística. Considera-se uma fase de “repouso, de empobrecimento, de esterilidade em nossas letras nos termos da concepção corrente” (MICELI, 2001, p. 16). Neste período da literatura brasileira é preciso perceber que:

Se desenvolveram as condições sociais favoráveis à profissionalização do trabalho intelectual, sobretudo em sua forma literária, e à constituição de um campo intelectual relativamente autônomo, em consequência das exigências postas pela diferenciação e sofisticação do trabalho de dominação (MICELI, 2001, p. 16).

Com efeito, a produção literária desse momento cultural brasileiro carece de revisões na história e estudos para que possamos, finalmente, fazer dessas obras e de seus criadores um juízo crítico mais cauteloso e sólido. É perceptível que aquele momento foi favorecido por uma filosofia ambígua e discordante, mas também era regido por uma forte convicção de renovação cultural que não foi compreendida pelos que os circundavam. Sabe-se que alguns autores do movimento pré-modernista estavam muito adiante de tudo e de todos o que lhes proporcionariam inúmeras rivalidades.

Assim, os que viveram aqueles períodos atribulados sofreram uma represália às suas atuações intelectuais e uma incompreensão de suas idéias. Temos, à guisa de ilustração, autores como Monteiro Lobato e Lima Barreto que, em sua rebeldia e seu antiformalismo e principalmente seu individualismo, independente de todos os equívocos que resultaram da falta de entendimento em relação a seu pensamento e independentes de todas as más intenções críticas contra seus trabalhos intelectuais, eles, sozinhos acentuariam ainda mais o seu desvio à margem do convívio e do prestígio cultural.

De fato, a rebeldia desses escritores era isolada, enquanto a ação dos modernistas era organizada em grupo, no companheirismo daqueles que lhes atraíram finalidades. Talvez, esteja justamente neste ponto o cerne crucial da questão. Por outro lado, estes homens eram

imprudentes, indiscretos, incomodativos, difíceis de se admitir pelo seu sucesso e pela sua posição exímia no campo intelectual brasileiro.

Portanto, o trabalho pré-modernista de Lobato e Lima Barreto fica, assim, abolido pela falta de relevância e, inclusive, por uma carência de extensão interpretativa dos críticos do modernismo. Quase sempre são pessoas conceituadas e de grande nome nas pesquisas literárias, que eternizaram julgamentos acerca destes autores que permanecem imolados dos sortilégios de suas obras, não permitindo a renovação de conceitos estagnados. Nesta perspectiva, estas críticas fecham os olhos de alguns leitores que não buscam as verdadeiras fontes que serão todas respondidas pela análise de suas obras.

Outros críticos, que se dedicam apenas ao estudo do modernismo, manifestam pouco interesse em explorar, com acuidade, o ocorrido na fase pré-modernista. Uma análise mais laboriosa do período intitulado Pré-modernismo apontará também que houve uma significativa e inigualável mudança de mentalidade nesse período e, conseqüentemente, propagaram idéias enraizadas no nacional, como também, os desígnios lingüísticos como o recurso da oralidade e a necessidade de uma literatura popular e não academicista. Esta foi a primeira proposta de texto simples do século que, de uma maneira singular, veio surpreender a intelectualidade brasileira daquele momento. Eis a razão porque os golpes sem intenções e mesmos aqueles objetivos, no que se referem à produção literária pré-modernista, somente vêm a legitimar os desvios do verdadeiro mérito de suas obras e vangloriar em excesso as produções modernistas.

2.3 – Características do movimento Pré-modernista e as divergências instigantes de uma produção literária moderna ou antimoderna de Monteiro Lobato

O pré-modernismo é uma época de nacionalismo temático e de revisão crítica. Dentre os principais prosadores desse período, há aqueles que negam o Brasil literário herdado do Romantismo e do Parnasianismo e produzem uma literatura de denúncia da realidade brasileira, voltada para os fatos políticos, econômicos e sociais de que são contemporâneos. Segundo Bosi (s.d), a literatura pré-modernista passa a ser concebida como um instrumento de ação social e reflete situações históricas novas como:

A imigração alemã do Espírito Santo (Canaã, de Graça Aranha), as alterações na paisagem e na vida social da capital (os romances de Coelho Neto e de Lima Barreto), a miséria do caboclo nas zonas de decadência econômica (os contos de Lobato), sem falar na apaixonada análise [...] do sertanejo nordestino fixada na obra-prima de Euclides da Cunha (BOSI, s.d, p. 13).

No que diz respeito à temática das produções literárias desse período, nota-se a busca pelos tipos humanos marginalizados, como por exemplo: o sertanejo nordestino, o habitante dos subúrbios cariocas, os funcionários públicos e o “caipira” paulista, que passam a adquirir um espaço na nossa literatura. No entanto, no “caipira” paulista, uma espécie de caricatura humana, predominam os seguintes conteúdos: uma visão um tanto pessimista da vida em seu aspecto social e a estilização do linguajar típico. Ocorrem, assim, mudanças nos procedimentos estilísticos das obras, os escritores preconizam a oralidade tipicamente nacional com uma nova proposta de transposição literária dos “casos” narrados pelos caboclos para a literatura brasileira, rivalizando com os temas clássicos que preponderavam neste período.

Ademais, o caipira como tema nacional fora um componente básico na obra de Monteiro Lobato. No livro “Urupês” há uma série de contos voltados para o ambiente rural,

cujas personagens representam o próprio caboclo na descrição de suas vidas, isto é, na sua crença, na sua solidão, na sua monotonia, na disputa entre fazendeiros, no fracasso agrícola, dentre outros. Contudo, vale ressaltar que, como reforça Alaor Barbosa (1996), retirando os artigos “Urupês” e “Velha praga”, nos demais textos lobatianos desta coletânea as personagens não são designadas com o nome de “caboclo” ou mesmo com uma denominação semelhante ao do matuto “Jeca-tatu”, mas constituem várias metamorfoses e tipos de caboclo brasileiro ou, ainda, de “Jecas” como, por exemplo: “João Nunes e toda a sua família, em *A vingança de peroba*, e o Urunduva, em *Bucólica*” e outros (BARBOSA, 1996, p. 63).

Desse modo, a revelação da figura batizada, na nossa literatura, de “Jeca Tatu”⁴ aparece, especificamente, no artigo “Urupês” e já no texto literário “Velha Praga”⁵ temos uma personagem titular reconhecida por “caboclo” uma espécie de “parasita, um piolho da terra [...], de homem baldio, semi-nômade, inadaptável à civilização, mas que vive à beira della, na penumbra das zonas fronteiraça” (LOBATO, 1918, p. 235-236), uma criação humana negativa delineado por Monteiro Lobato pela razão de ser o principal causador de uma

⁴ O nome composto ‘Jeca-Tatu’ fica esclarecido quando Monteiro foi interrogado sobre o nascimento e a procedência desta personagem e, neste momento, este escritor faz o seguinte comentário; “Na fazenda do Paraíso, um dia, conheci Nhá Gertrude Reboque, uma velhinha que morava num rancho à beira da estrada. Pois a nhá Gertrude vivia falando num neto que significa para ela o maior homem do mundo. [...] O Jeca - assim se chamava o menino portento - era um colosso aos seus olhos de avó. E de tanto falar no ‘Jeca’ nós quisemos conhecê-lo. Devia ser alguma coisa de extraordinário, o tal neto de nhá Gertrude. [...] Um dia o Jeca apareceu. Que decepção! Um bichinho feio, magrudo, barrigudo, arrisco, desconfiado, sem jeito de gente. Algo horrível. Por isso mesmo o seu nome ficou na minha cabeça. Anos mais tarde, precisando dar nome a um personagem caboclo, logo me veio à tona a figura desajeitada do ‘Jeca’ - o mais jeca de todos os jecas que tenho visto. Quanto ao sobrenome, o ‘Tatu’, me ocorreu mais tarde. A princípio chamei-lhe Jeca Peroba. Não soou bem. Mas lembrei-me de que poucos minutos antes um capataz da fazenda - o Chico - me falara nuns tatus que andavam estragando uma roça de milho. Adotei o Tatu. Curioso: o Jeca, eu o conhecera de vinte anos; dos tatus só meia hora antes o capataz me havia falado. Dessa mistura, através dos anos, foi que surgiu o ‘Jeca Tatu’” (Prefácios e Entrevistas (p. 180/182) *apud* Cavalheiro, 1956a, p. 208-209).

⁵ Este artigo foi publicado pela primeira vez, especificamente, no jornal “O Estado de São Paulo”, na seção “Queixas e reclamações”, em forma de carta, mais precisamente no ano de 1914. Em virtude da repercussão positiva desse noticiário uma vez que ressoa todas as insatisfações dos agricultores paulistas da época, o fazendeiro Monteiro Lobato tornará um homem notório e reconhecido no mundo das letras. No mesmo ano em que se torna dono da “Revista do Brasil”, motivado por este acontecimento marcante, edita esta carta, transformando-a em artigo e, juntamente, com outros textos literários deste autor formará o livro “Urupês” (1918).

catástrofe agrícola. Neste último texto, Lobato professava sua vocação de agricultor⁶ ao declarar uma grande indignação contra o caboclo pelas práticas incendiárias no meio rural, responsáveis pelo empobrecimento gradativo e pela esterilidade da terra, um dos entraves ao desenvolvimento do país. Este autor considerava esta prática mais danosa do que as labaredas da Guerra que incendiaram o mundo Europeu. Vivenciando a angústia de Lobato em seu artigo e a própria passagem do fogo, podemos poetizar que “Uma Velha Praga” foi apenas a fagulha de uma pólvora que se propagaria com dimensões maiores nas chamas áruas de suas revoltas.

Nestes termos, evidencia-se que Monteiro Lobato procurou transportar para o Brasil uma forma mais real de focalizar a vida. E, ainda, com essa mesma magnitude com que pintará a imagem dramática do nosso caboclo, que será mais detalhada a seguir, denunciou o ferro e o petróleo, numa postura visionária e ferina que custou críticas, perseguição, mas desfez a lenda da inexistência do petróleo no território brasileiro, apesar desta prática não ser muito explorada atualmente pelo seu povo.

É por estas razões, segundo Yunes (1983), que sua literatura, de modo geral, está incansavelmente debruçada sobre problemas nacionais. Sobretudo, Monteiro Lobato é um homem audacioso, “engajado, comprometido com seu tempo e sua história” (YUNES, 1983, p. 51).

⁶ Resgatando a biografia de Monteiro Lobato, curioso o fato de que este homem constitui em vida e obra, particularmente neste artigo, muitas semelhanças com o romance “Triste fim de Policarpo Quaresma” (1911) de Lima Barreto. Monteiro Lobato ao adquirir a fazenda Buquira, herança de seu avô Visconde de Tremembé, na posição de fazendeiro sentiu as dificuldades enfrentadas na agricultura, denunciou os descasos rurais e totalmente fracassado resolve abandonar a vida de agricultor e, conseqüentemente, vende suas terras. Em outra ocasião, Monteiro Lobato em sua insistência pela busca do petróleo, pública o livro intitulado “*O escândalo do petróleo*” (1936), logo depois, manda uma carta ao governo Getúlio Vargas levantando questões sobre este assunto e faz graves denúncias contra o Departamento Nacional de Produção Mineral. Assim, dando continuidade a sua rebeldia não aceita o pedido de Getúlio Vargas para assumir o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), este último episódio será o estopim para a sua prisão. Relembrando estes fatos, embora em circunstâncias diferentes, com desafios patrióticos singulares e sentidos diversos, vividos tanto pela personagem “Policarpo Quaresma” como pela personalidade de Monteiro Lobato, esta comparação nos questiona muita a similitude entre estes dois personagens, um real e o outro fictício.

Aliás, a personagem “Jeca Tatu” e/ou a temática do caboclo presente em “Urupês”, resgatada em outras atividades literárias desse ficcionista e, inclusive, mencionada em acontecimentos políticos⁷ de nosso país, significa não somente um desvendamento da identidade nacional brasileira, como também, a consciência de seu papel intelectual que transpassará para as páginas do universo literário. E, acima de tudo, esta caricatura humana traduz num primeiro momento, justamente nos artigos “Urupês” e “Velha praga”, pontos de vistas combativos frente à realidade brasileira, ilustrados em um contexto sócio-histórico e cultural de sua época.

Não por acaso, Monteiro Lobato impulsionado por estes dois textos literários retomará, ao término do ano de 1918, a fabulosa escultura do caipira cognominado de “Jeca”, em ocasião de sua luta nas campanhas sanitaristas. Por um lado, a referida personagem que aparece em uma série de artigos publicados em *O Estado de São Paulo*⁸ é descrita como um caboclo que encarna a moleza física e o descaso pelo trabalho, é representante da própria miséria, um problema social que faz parte do cotidiano de várias gerações. Por outro lado, a mesma personagem significa em seus textos literários, particularmente em “Urupês”⁹, o símbolo do atraso caracterizado por um modelo de comportamento humano estático, preguiçoso e inútil em meio ao desafio às sociedades indústrias.

⁷ Rui Barbosa em seu discurso político como candidato a presidente da República, realizado no Teatro Lírico, particularmente, na cidade do Rio de Janeiro, cita o conto “Urupês” de Monteiro Lobato e menciona o caboclo “Jeca-Tatu”. Tal acontecimento instiga os leitores e aumenta significativamente a procura pelo primeiro livro de contos desse autor. Segundo Landers (1988), o discurso de Rui Barbosa entra na história da literatura Brasileira, referente a esta obra de Monteiro Lobato, somente para justificar os milhões de exemplares que se venderiam em consequência desse fato. Mas nunca “foi analisado como um documento de um político-social que pudesse justificar o estado precário do ‘Jeca’ e ao mesmo tempo revelar as intenções desse autor ao debuxá-lo” (LANDERS, 1988, p. 25).

⁸ Estes artigos foram enfeixados, posteriormente, no livro “Problema vital” (1918).

⁹ No artigo “Urupês” aparecem as primeiras impressões de uma conduta inerte da personagem ‘Jeca-Tatu’, o qual vivia confinado a uma lei do menor esforço, já que não apresentava muita coragem, atitudes diante do trabalho, bem como, dos acontecimentos sociais do seu dia-a-dia. Este caipira realizava pequenas atividades e movimentos físicos adotando quase sempre uma postura de acocoramento.

Em outro momento de auto-avaliação literária, o escritor de Taubaté valer-se-ia, outra vez, dessa criação fictícia em uma de suas histórias mais populares “O Jeca Tatuzinho”, que coroa e encerra a sua participação na campanha sanitária. Neste folhetim, Lobato restitui essa personagem em um contexto de revisão crítica do mundo e do homem no seio de sua comunidade, reconhece-o como uma vítima, um homem sem saúde. Tal enfermidade é a causa de sua baixa produtividade e, assim, sente-se sem ânimo, sem forças diante das mazelas, dos descasos públicos e, obviamente, dos problemas sociais.

Aliás, o folhetim trata-se de um texto bastante comunicativo que transmite um desfecho moral ao narrar a história de um ‘Jeca’ que, depois de curado, torna-se rico e um dos grandes propagadores da higiene e do progresso. Projetava-se, assim, um protótipo de personagem que permaneceria por algum tempo na sociedade brasileira. Esta figura foi também um *slogan* comercial que circulava no almanaque dos produtos farmacêuticos Fontoura, remédios milagrosos para verminose e anemia, um fortificante da época, cujo produto é reconhecido até aos nossos dias com o nome de Biotônico Fontoura.

Há que se notar que, o que se patenteia na imagem do ‘Jeca’, a nosso ver, uma das intenções centrais do artigo homônimo ao título da obra elegida¹⁰, é uma crítica ao índio idealizado no romantismo de José de Alencar. Um “Jeca-tatu” de chapéu de palha, desdentado, calça curta e pé no chão, lapidado como uma síntese de todas as raças brasileira, representa uma espécie de anti-herói brasileiro em resposta ao mito indianista e ao indianismo romântico da literatura regional. O escritor de Taubaté amotina-se, especialmente, contra a mistificação que os literatos das cidades faziam do habitante do interior que, em sua opinião,

¹⁰ A obra “Urupês” inicialmente seria nomeada de “Dez Mortes Trágicas”, mas Monteiro Lobato conversando com Arthur Neiva, então, chefe do Serviço Sanitário do Estado, este seu amigo sugeriu a substituição do mencionado título por “Urupês”, um artigo que “traçara o retrato do Jeca” e que Lobato tencionava incluí-lo no volume como apêndice (CAVALHEIRO, 1956a, p. 185). O autor de “Urupês”, portanto, acatou a brilhante idéia de Arthur Neiva.

era a imagem de um silvícola projetado por José de Alencar e que evolui até “Coelho Neto – e [inclusive] Ricardo romantizou tão lindo” (LOBATO, 1948, p. 364).

Uma visão, segundo Lobato, obscurecida pelo preconceito dos escritores de gabinete: “A literatura é fabricada nas cidades por sujeitos que não penetram nos campos de medo dos carrapatos. [...] Se não houvesse virado fazendeiro e visto como é realmente a coisa, o mais certo era estar lá na cidade a perpetuar a visão erradíssima de nosso homem rural” (LOBATO, 1948 *apud* AZEVEDO, CAMARGOS E SACCHETTA, 1997, p. 60).

Em oposição à tradição literária romântica que encobre o índio de feitos históricos e heróicos, Monteiro Lobato esboça em “Urupês”, o seu ‘Jeca-Tatu’, primeiro aos olhos romanescos dos escritores da cidade “O indianismo está de novo a deitar copa, de nome mudado. Crismou-se o caboclismo. O cocar de pennas passou a chapéu de palha batido à testa, a ocará virou rancho de sape [...], a tanga estendeu-se a camisa aberta ao peito [...], em suma, sem perder uma azeitona, dos Perys e Ubirajaras” (LOBATO, 1918, p. 217). Depois, esta personagem é desenhada segundo a projeção real do caboclo brasileiro: “Geca Tatu é um piraguara do Parahyba, maravilhoso epítome de carne onde se resumem todas as características da raça. Eil-o que vem falar ao fazendeiro em cujas terras vive aparasitado” (LOBATO, 1918, p. 218).

Contudo, podemos observar que a obra “Urupês” nos revela indícios de antecipação do primeiro manifesto da literatura brasileira que será embebido, posteriormente, pelos escritores modernistas. Lobato denunciou não apenas o indianismo idealizador e promíscuo, mas principalmente reconheceu na literatura regionalista do movimento realismo-naturalista uma espécie de “*Caboclismo*” dominante naquele período. Portanto, segundo Martins (1978), o retrato do caboclo brasileiro em “Urupês” seria, então o “primeiro manifesto da literatura desmistificante, mas nacionalista, que passaria para a história com o nome de modernismo” (MARTINS, 1978, p. 14).

Diante disso, a atuação de Monteiro Lobato em seu ambiente social, assim como a modernidade do seu pensamento naquela época superam as ideologias da tradição crítica brasileira que, muitas vezes, rotulam as produções literárias deste autor, inserindo-as apenas no movimento pré-modernismo, embora já existam alguns trabalhos que buscam uma nova avaliação deste autor e de suas obras literárias. Alguns desses críticos contribuíram para a realização deste estudo, dentre eles, temos: *Atualidade de Monteiro Lobato: uma revisão Crítica* (1983), artigos organizados por Regina Zilberman; *De Jeca a Macunaíma* (1988) de Vasda B. Landers; *Chapéus de palhas, panamás, plumas e cartolas* (1996) de Sylvia H. T. A. Leite; *Monteiro Lobato: um furacão na Botocúndia* (1997) de Azevedo, Camargos e Sacchetta e outros.

É oportuno lembrar que Landers (1988) mostra várias semelhanças entre o “Jeca” de Monteiro Lobato e o protagonista “Macunaíma” de Mário de Andrade. Esta última obra foi publicada quatorze anos depois de “Urupês”¹¹ e, contudo, salienta muitas coincidências de características comuns entre os dois personagens. Segundo Landers (1988), a personagem Macunaíma teria todos os traços ‘desmistificantes’ iguais aos de Jeca, ambos são postos em destaque negativos em comparação as outras raças que os rodeiam. Suas características morais e sociais também são impenetráveis ao progresso e a sua preguiça. Se Macunaíma é o ‘herói sem caráter’, a personagem ‘Jeca’, particularmente no artigo “Urupês”, já tinha sido o ilustre “piraguara do Parahyba, maravilhoso epítome de carne onde se resumem todas as características da raça”. (LOBATO, 1918 *apud* LANDERS, 1988, 47-49).

A expressão ‘não paga a pena’ de Jeca-Tatu está na indolência e apatia de ‘ai que preguiça’ de Macunaíma. Em suma, de acordo com a aludida autora, entende-se que a literatura brasileira deve, ainda, muito a Monteiro Lobato pelo seu posto pioneirismo na inovação literária, prenunciador de um tipo agudo de observação além de uma forte conduta

¹¹ O artigo “Urupês” já havia sido publicado num primeiro momento no jornal “O Estado de São Paulo”, em 1914 e, posteriormente, na obra de título homônima no ano de 1918.

nacionalista, foi ele quem primeiro mostrou a figura real do homem brasileiro, revestido das suas condições infra-humanas que enfrentavam no seu dia-a-dia.

Sem dúvida, a causa maior do parricídio simbólico de Monteiro Lobato no movimento modernista tem a sua verdadeira raiz na crítica que este autor fez a pintura de Anita Malfatti, em dezembro de 1917, publicada no *Estadinho* alguns dias depois da exposição da amostra. Este artigo foi incluído mais tarde em *Idéias de Jeca Tatu* de Monteiro Lobato, sob o título de “*Paranóia ou Mistificação*”. Lobato admite que Anita Malfatti era uma pintora talentosa, estava longe de classificá-la como péssima artista, recriminava apenas sua atitude de apropriar de elementos das vanguardas européias. Este autor recusa a imitação de escolas estrangeiras, almejava, sobretudo, a independência da arte brasileira. Mas, o motim estava pronto para os modernistas puni-lo, dada a sua incompreensão disfarçada de uma suposta ofensa à estética de Anita. Assim, este grupo de artistas e literatos completando a sua vingança omitiram Monteiro Lobato e, conseqüentemente, a sua própria participação nas reviravoltas estéticas da literatura que seriam promovidas a partir da Semana de Arte Moderna.

Contraditório é o fato de que, anos depois deste acontecimento polêmico entre Lobato e Anita, uma das propostas do movimento modernista será a sua abdicação a uma literatura importada de outros países. Renegaram, assim, as idéias de Monteiro Lobato, mas também era difícil para aqueles rapazes da geração de 1922 reconhecerem o mérito deste autor e, ainda, de qualificá-lo como o principal divulgador ou mesmo inovador das letras brasileiras. Nesta óptica, como sublinha Martins (1978):

Por um mal-entendido inexplicável do destino, os jovens turcos de 1922, em busca de respeitabilidade, foram bater à porta de Graça Aranha, que nada tinha com o assunto, em vez de procurar Monteiro Lobato, que seria, por todos os títulos e motivos, a começar por “Urupês”, o chefe natural do movimento e da reforma estética (MARTINS, 1978, p. 14).

Para Martins (1978), este artigo “*Paranóia ou mistificação*”, que compõe o livro *Idéias de Jeca-Tatu* (1918), é “o segundo manifesto modernista de Monteiro Lobato, ignorado

pela história brasileira”, assim como, a obra “Urupês” (1918) fora o primeiro manifesto escrito há quatro anos antes deste grande evento cultural brasileiro (MARTINS, 1978, p. 169).

Dessa maneira, há que se acrescentar que Monteiro Lobato divulgou idéias tão autênticas em suas produções literárias, não somente em relação à sua temática, como também, na renovação da linguagem de seus textos, as quais estão discutidas neste trabalho.

Como se nota, este homem de ação e um autêntico literato nacionalista, sofreu algumas renúncias na história da nossa literatura, dentre elas, podemos resgatar uma alcunha negativa de sua pessoa que foi atrozmente alvejado pelos escritores modernistas, como visto, um acontecimento enfaticamente marcado pela crítica de Lobato à pintura de Anita. Esse distanciamento acentuará com mais perspicácia a denominação já apregoada pelos historiadores do modernismo de incluir o ficcionista Lobato como um autor peculiar à fase pré-modernista.

Contudo, examinando melhor os fatos históricos da vida e da literatura lobatiana, é lícito recordar que o escritor Oswald de Andrade somente anos mais tarde no seu texto titulado “*Ponta de Lança*”, admite numa carta a Monteiro Lobato o seu talento precursor do movimento modernista, a resistência partidária deste autor e um silencioso ressentimento de todos aqueles jovens integrantes do grupo 1922, companheiros de Oswald e Anita, porém, o mesmo reconhecimento ainda não foi realizado na história da periodização da literatura brasileira:

Mas você, Lobato, foi o culpado de não ter a sua merecida parte de leão nas transformações tumultuosas, mas definitivas, que vieram se desdobrando desde a Semana de Arte de 22. Você foi o Gandhi do modernismo. Jejuou e produziu, quem sabe, nesse e noutros setores a mais eficaz resistência passiva de que se possa orgulhar uma vocação patriótica. No entanto, martirizaram você por ter falta de patriotismo! (ANDRADE, 1972, p. 4).

Desta forma, sublimados também por estas razões, não podemos relegá-lo a sua postura de escalão dos escritores modernistas, se o restringirmos à esfera pré-modernista correremos “o risco de não lê-lo com os olhos que ele mesmo instaura ao longo de seu texto

por tantos anos e obras”. (LAJOLO, 1983, p. 49). A despeito disso, estamos grifando nas laudas dessa pesquisa que, como descreve Bosí (s.d), em palavras alvas e certeiras, Monteiro Lobato como “moralista e doutrinador aguerrido, de acentuadas tendências para uma concepção racionalista e pragmática do homem, assumiu posição ambivalente dentro do Pré-modernismo”. (BOSI, s.d, p. 67).

Assim, retomando as características do aludido movimento - o pré-modernismo, no que se refere ao domínio lingüístico, certifica-se que os escritores desse período produziram uma inovação na linguagem literária, apesar de alguns conservadorismos em suas obras. Configuram-se como textos literários que romperam com linguagem rígida e canonizada pelas gramáticas. E, com efeito, estes escritores passaram a apresentar em seus textos um estilo simples e despontado, como já apenas mencionado no item anterior -‘o pré-modernismo’, além de uma preferência por temas regionalistas ajustando esta literatura a um universo próximo do popular.

Estes literatos tinham conhecimento de que ao tornarem o texto mais inteligível, conseqüentemente, atrairiam um público cada vez mais amplo de leitores. Importa observar que, como esclarece Kury (1988) e os autores Lyra, Couto e Valença (1988), o léxico pré-modernista apresenta uma abundância de neologismos, regionalismos, estrangeirismos e outros, uma diversidade de unidades lingüísticas. Fato importante para a nossa pesquisa, visto que os referidos pesquisadores analisaram a linguagem das obras classificadas como pré-modernistas. Neste trabalho, descrevemos o estudo do léxico de Lobato, autor incluído neste período, mais especificamente, decompomos o vocabulário neológico lobatiano apresentado no livro “Urupês” (1918). Há, no entanto, o objetivo de, posteriormente, confeccionar um glossário desta obra, que possa ser consultado por leitores que prestigiem o engajado e afoito escritor de Taubaté. Assim, confirmando uma primeira intuição positiva para o nosso estudo,

os respectivos pesquisadores do léxico pré-modernista: Kury (1988) e Lyra, Couto e Valença (1988) ressaltam em seus textos que:

Como característica de uma das vertentes do pré-modernismo, o gosto pelo vocabulário rico e neologizante e pela sintaxe apurada. Isso, desde Coelho Neto e Euclídes da Cunha a Gonzaga Duque; de João do Rio a Adelino Magalhães; [...] de Monteiro Lobato a Godofredo Rangel; de Júlia Lopes de Almeida aos machadianos Leo Vaz e Hilário Tácito (KURY, 1988, p. 215).

Exemplos tão abundantes de regionalismos quanto estrangeirismos, quantidade quase idêntica de gírias e expressões populares e de eruditismos. Eclético como o próprio período, que engloba tendências díspares, o léxico pré-modernista não poderia deixar de ser repositório de rica diversidade. [...] Encontram-se ainda neologismo como: cavalina, na expressão “filosofia cavalina” (VO, 107), caneirismos (TT, 233), com o sentido de “subserviência”, etc... (LYRA, COUTO E VALENÇA, 1988, p. 217 e 221).

Vale ressaltar que a renovação da linguagem explica em parte o sucesso da vendagem da obra “Urupês” de Monteiro Lobato, nosso *corpus* de análise, os inúmeros exemplares das várias edições desse livro que, segundo o seu biógrafo Edgard Cavalheiro (1956) “caiu como uma bomba na pasmaceira do ambiente” (CAVALHEIRO, 1956a, p. 190). Essas edições são resultados do aplauso de um público esquecido e ansioso que, por muito tempo, esperou para fazer parte do mundo das letras e da literatura.

Há, sem dúvida, a contribuição literária e cultural desse autor que enriquece nossa literatura com um vocabulário acessível ao povo e pela introdução do falar “caipira” em seus textos aproximando-os da língua nacional, além de sua maneira original e pitoresca com que descrevia em suas histórias. Muitas delas, com uma carga irônica/ satírica de uma astúcia e talentosa narração que alcançará uma dimensão de denúncia e crítica. Mesmo assim, verificamos que algumas autoridades conceituadas em estudos literários¹² têm a preocupação, em demasia, de visar apenas o “ranço camiliano” presentes em algumas de suas obras, uma

¹² Um dos conceituados biógrafos de Monteiro Lobato é o escritor Edgard Cavalheiro (1956a, p. 190) que, ao utilizar-se da expressão “ranço camiliano” para descrever o estilo de Lobato, induziu outros críticos como, por exemplo, Afrânio Coutinho (1969) a fazer uso desse mesmo termo. Este, por sua vez, apesar de reconhecer a inovação de algumas das obras de Lobato, em específico, a coletânea de textos “Urupês”, acredita lamentavelmente que o “ranço camiliano” deste ficcionista impediu-o de fazer parte “de grupo, de formar discípulos ou escolas” (COUTINHO, 1969, p. 278).

vez que Lobato demonstrava uma apreciável veneração pelas obras do escritor português Camilo Castelo Branco. No entanto, a expressão “ranço camiliano” é questionado por Landers (1988). Esta observa em seu estudo que o escritor de “Urupês” tinha admiração não somente pelo estilo do mencionado autor português, mas também pelo conteúdo de suas obras e por sua postura militante frente às questões sociais de Portugal. Aliás, advoga a autora que, quantos escritores do Modernismo se sentiram “presos às raízes do passado, às torres de marfim e se confessariam passadistas, parnasianos etc” (LANDERS, 1988, p. 74). Mas o “ranço camiliano” de Monteiro Lobato jamais seria desculpado ou esquecido. Desta forma, como contestar Landers (1988), que explica:

Monteiro Lobato apreciava no autor de “Amor de Perdição” não só a sua individualidade lingüística vocabular, mas sobretudo a sua atitude em não se deixar intimidar quando achava desejável ou necessário expressar-se contra as enfermidades de Portugal. Se lermos mais uma vez as cartas em “A Barca de Gleyre” (de Monteiro Lobato), nos certificaremos para sempre desse fato. Quanto ao dar “porradas geniais”, aqui sim não há o que discutir; ele seria o mais perfeito seguidor de Camilo e sem a menor dúvida (LANDERS, 1988, p. 73).

Em face disso, com uma sublime maestria, o autor Monteiro Lobato revelou-nos também que renegava o estilo *belle époque* da França. Fugindo dessa influência francesa trouxe para a literatura brasileira histórias do seu povo, próximo ao seu mundo e, assim, demonstrou o Brasil aos nativos brasileiros. Se observarmos o recurso da oralidade, especificamente na obra “Urupês”, segundo Landers (1988), este elemento teria sido, sem dúvida, a maior ousadia atribuída a Monteiro Lobato que teve início a partir desta obra literária. Atesta a referida pesquisadora que, nos contos de Lobato, a mais marcante de todas as suas preocupações se revela justamente em reproduzir a “oralidade, os brasileirismos e os coloquialismos da fala brasileira” (LANDERS, 1988, p. 75).

Diante disso, a autora acrescenta também que o falar oral rural com marcas regionalistas compulsados nos contos de “Urupês” nos lembra a linguagem usada pelo autor

mineiro Guimarães Rosa. Por exemplo, podemos citar: “Lesbão *des'que* o pae morreu anda *a modo que hervado*. Mas não é sentimento, não. Elle desconfia!... A's vezes *pega a olhar* para mim d'um geito exquisito que até *me gêa no coração...*” (LOBATO, 1918, p. 132). Ou, ainda, exemplificando outro trecho da obra consultada: “*Podque*, então, nem pharol nem caracol. E' a cegueira” (LOBATO, 1918, p. 16). Sendo assim, observando tal fato, possivelmente, versam nas obras de Monteiro Lobato, pela sua exuberância de representar o linguajar interiorano, um dos aspectos anunciadores e, portanto, merecedor de seu trabalho literário.

Landers, (1988) parafraseando o autor Tristão de Ataíde, ilustra ainda outro grande mérito deste autor, a sua laboriosa criação de novas palavras, uma inovação genial lobatiana que poderia ser exemplificado em um trecho do conto “*O comprador de Fazenda*” do texto literário “Urupês”: “– [S]im, porque afóra o tinhoso (diabo) quem é capaz de intrincar os fios da meada, com laços e nós cegos ...” (LOBATO, 1918, p.176 *apud* LANDERS, 1988, p. 75).

Assim, conforme mencionado anteriormente, temos o interesse de coletar todos os neologismos, buscando conceituá-los, com o intuito de esclarecer eventuais dúvidas que possam surgir no contexto de “Urupês”. Tais dúvidas podem manifestar-se quando alguns consulentes se deparam com as palavras neologizantes, as quais não estão dicionarizadas ou as mesmas poderão constituir uma forma neológica semântica e, sobretudo, precisam ser interpretadas para tornarem o texto mais enriquecedor. Ademais, estas palavras não acarretam um empecilho para a fluidez da leitura, porém, elucidá-las facilitaria ainda mais o entendimento do conteúdo e da linguagem literária desta obra lobatiana.

Como afirma Barbosa (1996), nos textos literários de Lobato, os neologismos servem para infundir à linguagem um sabor de novidade, de originalidade, uma forte expressividade e muita brasilidade. Segundo este autor, a invenção de palavras nos contos lobatianos é:

[U]m dos ingredientes originais e característicos da linguagem de Monteiro Lobato. Numerosos são os neologismos que ele criou: ou vocábulos novos de significação e circulação universais e permanentes, ou vocábulos novos que podem ser chamados de neologismos *ad hoc*: válidos apenas para o contexto em que se encontram inseridos (BARBOSA, 1996, p. 76).

No entanto, ressalva Barbosa (1996) que a linguagem neológica de Monteiro Lobato, presente também em sua produção infantil,¹³ constitui uma enorme riqueza léxica e sintática, recursos lingüísticos que foram extraídos “do imenso tesouro que a Língua Portuguesa recebe de suas fontes populares, das quais Monteiro Lobato, filho e por longo tempo habitante do interior paulista, sempre esteve muito próximo” (BARBOSA, 1996, 96). Em virtude disso, assegura este biógrafo de Lobato que percorrem também em seus contos e textos infantis “palavras de sabor brasileiro e regional, circulantes nas zonas do interior” (BARBOSA, 1996, 97).

Com efeito, no plano da temática nacionalista, Monteiro Lobato é reconhecido na literatura brasileira como um autor do pré-modernismo regionalista, pela razão de refletir em algumas de suas obras uma realidade mais próxima do contexto social brasileiro, associada a fatores políticos de sua época. Segundo Bosi (s.d), vários fatores históricos externos contribuíram para a eclosão da voga regionalista, como por exemplo :

A Abolição e a República, com a conseqüente ampliação do processo representativo e a conseqüente fragmentação federalista, podem apontar-se entre as molas sócio-políticas desse renovado interesse literário pela vida brasileira. [...] Em termos mais concretos, teriam igualmente influído nessa direção da cultura literária as correntes econômicas que vieram alterar a face do país: a imigração européia, a expansão do café (a República foi a república do café!), o nascimento do proletariado e do subproletariado nos

¹³ Importa salientar que como notifica César (1983), a obra infantil de Monteiro Lobato também demonstra índices de modernidade e características modernistas. Para este pesquisador, os textos adultos e infantis de Lobato “ilustram uma série de procedimentos literários já sancionados como modernistas e de vanguarda pela nossa tradição crítica”. Assim, concluir-se-ia que o sucesso deste autor na criação de nossa literatura infantil atesta sua reciprocidade com o mundo moderno de seu tempo (CÉSAR, 1983, p. 47). Aliás, através da personagem ‘Saci-Pererê’ de Monteiro Lobato temos uma primeira introdução ao folclore literário brasileiro, o referido tema será resgatado tempos depois por alguns escritores do modernismo. Como ilustra Martins (1978), Lobato “preconizava soluções modernistas [...] como a valorização do folclore brasileiro como fonte de inspiração, fomento do nacionalismo [...] que seria a palavra da Semana de arte Moderna, mas, até, abordaria tópicos que parecem exclusivamente andradinos” (MARTINS, 1978, p. 168).

centros urbanos, as primeiras crises imperialistas, a guerra de 1914 e a inquietação social que então se generalizava (BOSI, s.d, p. 56).

Assim, apostila Bosi (s.d) que, depois de autores militantes como ‘Euclides da Cunha’ e ‘Lima Barreto’, ninguém melhor que Monteiro Lobato “soube apontar as mazelas físicas, sociais e mentais do Brasil Oligárquico da I República, que se arrastava por detrás de uma fachada acadêmica e parnasiana” (BOSI, s.d, p. 67). Por isso, segundo este crítico literário, o papel ativista que Lobato exerceu na cultura nacional transcende para além de sua inclusão entre os contistas regionalistas.

Não obstante, como ilustramos neste trabalho, o autor de “Urupês” foi um homem consciente de sua postura humana e social, polemista dos entraves e das convenções políticas de seu país, lutou pela melhoria da ‘vida brasileira’. Denunciou também na nossa literatura o ‘caboclisto’ reinante, além de uma busca por elementos genuinamente nacionais, acrescida a uma proposta de ‘desliteralizar’ as produções literárias ainda dominantes, cuja aceitação da fala natural e modesta de suas personagens seria anos depois empregados pelos escritores modernistas. E, numa perspectiva cultural, fundou em termos mercantis a primeira editora no Brasil, enfim, foi “um intelectual participante que empenhou a bandeira do progresso social e mental de nossa gente” (BOSI, s.d, p. 67).

Notadamente, a indústria do livro foi um projeto de atuação realizada pelas conquistas de Monteiro Lobato, entretanto, este projeto viabilizou a modernização do nosso país no setor editorial, proporcionando um desenvolvimento econômico e cultural, coniventes com as determinações e os rumos sugeridos pela geração de 1922. Aliás, Monteiro Lobato implantou a necessidade de aquisição de livros em seu país, buscou vários pontos de venda e estabelecimentos comerciais para redistribuírem os exemplares editados e, dessa maneira, aumentou significativamente o número de leitores.

Sem dúvida, Monteiro Lobato através das várias facetas que revelam sua vida e suas obras literárias, nos leva a entender a contradição que dividia sua imagem na concepção literária, um modernista ou um antimodernista¹⁴.

Assim, por um lado, seria um homem e também um escritor muito complexo ou moderno para batizá-lo de passadista. Por outro lado, cultivava em seus textos algumas raízes da tradição literária para inseri-lo entre os modernistas. Sem escolhas mais aceitáveis e no lugar de mero aprendiz, podemos dizer que este autor foi o encontro de duas épocas diferentes e de duas mentalidades culturais que se unificam entre si, este intelectual brasileiro constitui-se em um autor singular e uma alegoria na história da literatura.

É, sem dúvida, um homem enigmático, mas que não deixa a desejar, dando-nos muitas provas de seu caráter moderno e modernista, ambos revelam expressões interessantes do seu pensamento nacional que trazia embutida uma inovação estética literária já com uma proposta de criar um estilo propriamente brasileiro, mas seus projetos nacionais foram adotados com uma considerável repercussão e até mesmo consagrados ao movimento literário modernista.

Vale ressaltar que nem todas as obras de Monteiro Lobato foram referenciadas neste capítulo e nem mesmo todos os contos da obra “Urupês”, nosso enfoque de estudo, já que a referida pesquisa não visa a fazer um estudo literário minucioso de seus textos, mas somente compreender este literato no seio do seu percurso histórico e na vastidão literária de suas obras, somando-se, ao dinamismo de sua vida.

Através desses pontos de vistas, objetivamos amparar-nos de tais fatos e recursos para a nossa investigação no léxico dos contos e dos artigos compulsados num único livro - “Urupês”, pincelados por Lobato, uma pessoa apaixonada pela pintura, mas que soube pintar nas letras personagens diversas e brilhantes como o “Jeca-Tatu” e o seu alter ego a questionadora “Emília”. Além disso, soube tocar com seu pincel a sua vida real e as narrações

¹⁴ A expressão ‘moderno-antimoderno’ refere-se à posição de Lobato na literatura brasileira, foi descrita, primeiramente, pelo crítico literário Alfredo Bosi (1976) para ilustrar a contradição dual que “dividiu o pensamento e arte” deste ficcionista de Taubaté (BOSI, 1976, p. 243).

fictícias de suas histórias, um homem em sintonia com o seu mundo e de uma ação prática não passiva diante dos acontecimentos universais legitimados em sua pátria brasileira.

CAPÍTULO III - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo é destinado aos pressupostos teóricos que sustentaram a nossa pesquisa. Compõe-se, primeiramente, de conceitos correlacionados à ciência do léxico, descreve os postulados teóricos de alguns autores e apresenta comentários acerca do saber lingüístico de uma sociedade, em que se registram os diversos conhecimentos do universo dos falantes duma língua, efetivados no seu acervo lexical.

Em seguida, são expostas e analisadas as definições de alguns autores que pesquisaram sobre dois campos lingüísticos: Lexicologia e Lexicografia. A primeira é explicada como um ramo da lingüística que se ocupa do estudo científico de unidades vocabulares, além de fornecer fundamentos e sustento teórico e prático para a Lexicografia. Esta última, por sua vez, propõe métodos diferentes em relação ao léxico por tratar-se da composição dos dicionários.

Em face disso, apresentamos as reflexões teóricas de alguns estudiosos que guiaram suas análises na compreensão e conceituação de dicionários, comumente, identificados como um arquivo elaborado para dirimir possíveis dúvidas, significados ou uso de certas unidades vocabulares.

Essas discussões e reflexões estão correlacionadas às definições de glossários e vocabulário, com o objetivo de, principalmente, encontrar dentre as descrições teóricas, uma conceituação mais consistente e norteadora para o glossário que será constituído de palavras neológicas do texto de Lobato.

Por fim, sendo os neologismos o enfoque principal desse trabalho acadêmico, que se constitui de itens lexicais não lexicalizados ou com significações semânticas diferentes daquelas arroladas nos dicionários, analisamos os diferentes posicionamentos teóricos de pesquisadores que se dispuseram a definir o fenômeno neológico.

3.1 - Léxico

O léxico de uma língua constitui-se em um conjunto estruturado de todas as unidades lexicais de uma dada comunidade lingüística. Segundo as palavras do lexicólogo francês Guilbert (1975), o léxico compõe-se de: “um conjunto de palavras que existem e que existiram em uma tradição lingüística, mais ou menos distante, sendo que o aspecto social transparece no conceito de ‘tesouro’ da língua”¹⁵ (GUILBERT, 1975, p. 46).

Sendo assim, todo falante recria e perpetua um conjunto de vocábulos que representa o patrimônio sócio-cultural de sua comunidade. Notadamente, o sistema lexical de uma língua viva revela-se, por excelência, como o depositário das experiências, percepções, dissidências conceptuais específicas de uma sociedade e de sua cultura que perpassam através de suas gerações consangüíneas. Como afirma Guilbert (1975): “Uma língua viva, apesar da modificação que trabalha as bases do sistema, não pára jamais de funcionar e de assegurar a comunicação entre as diferentes gerações de locutores da comunidade”¹⁶ (GUILBERT, 1975, p. 19).

O léxico é o testemunho de uma realidade, da história de uma civilização que reflete os seus anseios e valores, configurando-se, portanto, como portador de expressão e interação social. Desse modo, todo e qualquer ser humano partilha de um saber lingüístico e armazena no seu léxico mental uma somatória de palavras, cujo domínio desses registros vocabulares correlacionam-se como elos de sua linguagem e o universo cultural circundante. E sobre isso, reportamo-nos a Vilela (1995), que explica:

¹⁵ Nossa tradução do original em francês: “[...] *L’ensemble des mots qui existent et qui ont existé dans une tradition linguistique plus ou moins lointaine, l’aspect social transparait dans le concept de “trésor” de la langue*” (GUILBERT, 1975, p. 46).

¹⁶ Nossa tradução do original em francês: “*Une langue vivante, malgré le changement qui travaille constamment les assises du système, ne cesse jamais de fonctionner et d’assurer la communication entre les différentes générations de locuteurs de la communauté*” (GUILBERT, 1975, p. 19)

O léxico é, numa perspectiva cognitivo-representativa, a codificação da realidade extralingüística interiorizada no saber de uma dada comunidade lingüística. Ou, numa perspectiva comunicativa, é o conjunto das palavras por meio das quais os membros de uma comunidade lingüística comunicam entre si (VILELA, 1995, p. 13).

Sendo assim, o léxico é o nível da língua que mais perfeitamente conserva o conhecimento lingüístico de um povo, como também, representa a maneira como essa comunidade vê e organiza o seu mundo.

Considerando essa dimensão social da língua, percebemos que, uma das características universais da linguagem humana é a mudança. E o léxico é o elemento da língua mais afetado pela mudança lingüística. O caráter dinâmico da língua resulta, principalmente, das mudanças ocorridas no sistema lexical que, apesar de constantes, muitas vezes, passam despercebidas aos próprios falantes.

É notável que as constantes mutações estão presentes tanto no nosso universo, sempre mudam os costumes, as modalidades de pensamentos e os tabus, como também muda o nosso vocabulário. E, segundo Carvalho (1984, p. 12), este fato ocorre porque é justamente o vocabulário: “o elemento da língua que está ligado diretamente ao universo de pessoas e das coisas”. A autora entende que o espírito humano está em uma frenética busca que, parte do mundo extralingüístico, atinge o lingüístico e o modifica.

De fato, é inegável que o léxico de uma língua evolui a todo o momento, assim como algumas palavras que são usadas todos os dias podem ficar em moda ou desaparecer, outras nascem e ainda podem ser incorporadas ao vernáculo da língua. Esse ciclo é um processo inerente e inevitável que garante a “vida” da linguagem.

Biderman (1987, p. 81-82) comenta que todas essas gerações lexicais se processam “através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos lingüísticos: as palavras”. O universo conceptual de uma língua natural pode ser descrito como um sistema de categorias léxicas, sendo assim, as palavras geradas por

tal sistema nada mais são que rótulos, através dos quais o homem interage cognitivamente com o universo referencial. Portanto, para a autora, o homem desenvolveu uma estratégia engenhosa de associar palavras a conceitos, que designam a realidade da qual tomam consciência, ao mesmo tempo, que amplia o seu repertório de signos lexicais. Eis por que o léxico das línguas vivas vive um processo permanente de expansão. E, em relação a fatores arrolados a mudanças lingüísticas, Biderman (2001) esclarece ainda que:

No mundo, contemporâneo, sobretudo, está ocorrendo um crescimento geométrico do léxico português e das línguas modernas de um modo geral, em virtude do gigantesco progresso técnico e científico, da rapidez das mudanças sociais provocadas pela freqüência e intensidade das comunicações e da progressiva integração das culturas e dos povos, bem como da atuação dos meios de comunicação de massa e das telecomunicações (BIDERMAN, 2001, p. 15).

Observamos que Biderman (2001) não menciona a literatura dentre as relações de conjuntos que favorecem a incessante expansão lexical. No entanto, se retrocedermos no tempo, verificaremos que na Literatura Portuguesa desde o século XVI, com Camões, a língua tem-se inovado e enriquecido com as criações artísticas. Segundo Carvalho (1984), o autor de Os Lusíadas foi :

Um homem que viveu adiante de seu tempo, foi acusado por detratores e conservadores de abusar de neologismos. É que ele reformulou e inovou a Língua Portuguesa, buscando novas formulações no grego e no latim para enriquecer a forma de expressão. A prova da validade de suas inovações é que hoje inúmeros termos criados por ele fazem parte do nosso vocabulário (CARVALHO, 1984, p. 30-31).

Biderman (2001), ao deixar de explicitar a literatura como um campo que reflete as mudanças lingüísticas, não se ateve ao fato de que há muito tempo, a arte literária é um dos artifícios criativos e responsáveis pela renovação do léxico.

Nesses termos, a neologia constitui-se em um dos principais processos de que dispõe o léxico de uma língua para moldar as mudanças lingüísticas ocorridas numa sociedade. A este respeito Barbosa (1981) comenta:

A formação do signo é como uma resposta às necessidades criadas por uma nova situação social. O grupo social, em determinado momento de sua existência, tem necessidade de formar um novo signo, ou criando uma grandeza-signo inteiramente nova, (ste/sdo), ou atribuindo um novo significado a um signo já existente (BARBOSA, 1981, p. 118).

Sendo assim, as mudanças ocorrem mesmo que encontrem obstáculos, pois o léxico é movido pelas constantes transformações, dada a sua condição de elemento exprimível da vida dentro de um contexto de significação. Sendo, portanto, uma fonte inesgotável de novos conceitos e valores. Para Barbosa (1981), analisar esse universo lexical significa conhecer mais profundamente as mobilidades lingüísticas e os aspectos antropológicos intrínsecos a todas as línguas vivas:

A Lingüística Geral e a Lexicologia consideram o estudo da dinâmica da renovação lexical como um aspecto relevante, dentre outras razões, porque é nela que são mais claramente observáveis as transformações pelas quais passa o sistema de valores grupalmente partilhados, as mudanças contínuas de um sistema social e de um sistema cultural (BARBOSA, 2001, p. 34).

Em razão disso, apresentamos, a seguir, considerações sobre duas ciências lingüísticas, a Lexicologia e a Lexicografia, as quais estão diretamente relacionadas ao estudo do léxico e cujo objeto de análise constitui a nossa área de pesquisa.

3.2 – Lexicologia e Lexicografia

A Lexicologia se ocupa do estudo científico do léxico de uma língua. Desse modo, essa ciência tem como objetos de estudo a palavra, a categorização lexical e propõe-se a fazer uma análise da estruturação interna do léxico, nas suas relações e inter-relações. Já a Lexicografia é a técnica de elaboração dos dicionários e a análise lingüística dessa técnica. De

acordo com os postulados teóricos de G. Haensch (1982), a Lexicologia e a Lexicografia podem ser definidas, respectivamente, como:

[...] a descrição do léxico que se ocupa das estruturas e regularidades dentro da totalidade do léxico de um sistema individual ou de um sistema coletivo. (HAENSCH, 1982, p. 92-93)¹⁷

Para todo domínio da descrição léxica que se concentre no estudo e na descrição dos monemas e simonemas individuais dos discursos individuais, dos discursos coletivos, dos sistemas lingüísticos individuais e dos sistemas lingüísticos coletivos, reservamos o termo de 'lexicografia' (HAENSCH, 1982, p. 93)¹⁸.

No campo das definições, ambas as disciplinas têm como principal enfoque a descrição do mesmo objeto de estudo - o léxico, embora cada uma delas possuam mecanismos de tratamento, metodologia, proposições e pretensões teóricas distintas. A lexicografia tem a função de organizar sistematicamente o léxico de uma língua, buscando descrever e documentar um dado momento histórico de um grupo social. É uma ciência que pretende, em primeira instância, estabelecer uma representação ideal do léxico de uma sociedade através da realização de obras lexicográficas. Desse modo, este produto final é um importante instrumento que auxilia os consulentes sobre os significados e usos da palavra e, por isso, um apropriado manancial para que os falantes da língua possam expressar seus conceitos e juízos com maior clareza e precisão, utilizando-se de um estoque lexical que a própria língua coloca à disposição de seus usuários.

A Lexicologia aplica-se mais cientificamente ao estudo do léxico em todas as suas peculiaridades. Parafraseando Barbosa (1991), podemos dizer que a Lexicologia dedica-se a

¹⁷ Nossa tradução do original em espanhol: "*Llamaremos 'lexicologia' a la descripción del léxico que se ocupa de las estructuras y regularidades dentro de la totalidad del léxico de un sistema individual o de un sistema colectivo*" (HAENSCH, 1982, p. 92-93)

¹⁸ Nossa tradução do original em espanhol: "*Para todo dominio de la descripción léxica que se concentre en el estudio y la descripción de los monemas y simonemas individuales de los discursos individuales, de los discursos colectivos, de los sistemas lingüísticos individuales y de los sistemas lingüísticos colectivos, reservamos el término de 'lexicografía'*" (HAENSCH, 1982, p. 93)

estudar o universo de todas as palavras de uma língua, com vistas a sua estruturação, funcionamento e mudança, cabendo-lhe numerosas tarefas, dentre elas: definir conjuntos e subconjuntos lexicais – universo léxico, conjunto vocabulário, léxico efetivo e virtual, vocabulário ativo e passivo –; conceituar e delimitar a unidade lexical de base -a lexia-, bem como, elaborar os modelos teóricos subjacentes as suas diferentes denominações; examinar as relações do léxico de uma língua com o universo natural, social e cultural; abordar a palavra como instrumento de uma construção e detenção de uma “visão de mundo”, de uma ideologia, de um sistema de valores, como geradora e reflexo de recortes culturais; analisar a influência do contexto em cada palavra e, reciprocamente, a determinação e a atualização de cada palavra em seus diferentes contextos possíveis; analisar e descrever as relações entre expressão e o conteúdo das palavras e os fenômenos daí decorrentes: polissemia, homonímia, sinonímia total, sinonímia parcial, heteronímia, hiponímia, antonímia; examinar a questão dos campos semânticos [...]; fazer estimativas sobre o léxico virtual, numa perspectiva diatópica, diacrônica, diastrática e diafásica, procurar sistematizar os processos fundamentais de criação e renovação lexicais, etc.

Desta forma, diferentemente da Lexicografia, a Lexicologia :

Não tem como função inventariar todo o material armazenado ou incluído no léxico, mas sim fornecer os pressupostos teóricos e traçar as grandes linhas que coordenam o léxico numa língua. A sua função é apresentar as informações acerca das unidades lexicais necessárias à produção do discurso e caracterizar a estrutura interna do léxico, tanto no aspecto conteúdo, como no aspecto forma (VILELA, 1994, p. 10).

A lexicologia tem como objeto a semântica (lexical) e a morfologia (lexical). A primeira “compreende o estudo do conteúdo dos lexemas e grupos de palavras equivalentes de lexemas” (VILELA, 1994, p. 11). Já a segunda trata das regularidades e dos aspectos formais a que se referem os significantes dentro do campo da lexicologia. Ademais, a lexicologia apresenta interdisciplinaridade com as mais diferentes áreas de estudo, como ilustra Biderman

(2001), ao considerar a dimensão significativa do léxico e da palavra confina-se com a Semântica, ao ocupar-se da problemática da formação lexical faz fronteira com a morfologia. Aproxima-se da dialetologia e da Etnolinguística quando realizam estudos sobre palavras e coisas, isto é, sobre as relações entre a língua e a cultura.

No que concerne à lexicografia, esta também evidencia uma estrita relação com a semântica lexical. Casares (1972) adverte que estas duas disciplinas de domínio lingüístico se interpenetram mutuamente, visto que a Lexicografia não se restringe somente à seleção de vocábulos do léxico, mas pretende também descrever a significação dos termos e os seus usos. Nesse sentido, este lexicólogo assinala que não é fácil estabelecer uma separação entre estes dois campos:

Se é verdade o que dizíamos anteriormente sobre a dificuldade de traçar linhas divisórias entre as várias disciplinas que se integram na lingüística, parece pacífico que essa dificuldade aumenta ao tentarmos circunscrever em campos separados a lexicografia e a semântica. A semântica reivindica como matéria-prima dos seus estudos os dados que a Lexicografia recolhe e ordena, e esta, por sua vez, não poderia interpretar nem valorar acertadamente esses dados, se não conhecesse as relações que entre eles vai descobrindo a semântica e as leis que conseguiu formular para explicar os processos evolutivos observados (CASARES, 1972, p. 50).¹⁹

Sobre Casares (1972), podemos afirmar que o lexicógrafo tem como uma de suas tarefas ocupar-se da evolução dos sentidos das palavras, para estabelecer a escala das acepções de um signo lexical, buscando, principalmente, responder as exigências de informação e de comunicação de uma determinada comunidade.

¹⁹Nossa tradução do original em espanhol: “*Si é verdad lo que decíamos en una lección anterior acerca de la dificultad de trazar líneas divisorias entre las varias disciplinas que se integran en la Lingüística, se nos concederá sin regateo que esa dificultad se acrecienta al tratar de circunscribir en campos separados la lexicografía y la semántica. La semántica reclama como materia prima de sus estudios los datos que la lexicografía recoge y ordena, y ésta, a su vez, no podría interpretar ni valorar acertadamente esos datos si no conociera las relaciones que entre ellos va descubriendo la semántica y leyes que ha conseguido formular para explicar los procesos evolutivos observados*” (CASARES, 1972, p. 50).

Neste sentido, Dubois (1971) acrescenta que o lexicógrafo pode ser considerado um lingüista e um antropólogo, por duas razões. No primeiro caso, pela intenção de “referir implícita ou explicitamente à teoria lingüística de onde procede a sua análise”. No segundo, como antropólogo, “define uma certa cultura ou uma certa civilização por termos de parentes, de alimentos, de mobílias etc... Pode mesmo ser até mesmo geógrafo, historiador, jurista etc..., conforme os termos que ele conduz a definir” (DUBOIS, 1971, p. 11)²⁰. Em virtude da exímia atividade de confeccionar uma obra lexicográfica, surgem os mais variados tipos de dicionários: dicionários monolíngües, dicionários bilíngües ou plurilíngües, dicionários analógicos, dicionários ideológicos, dicionários de sinônimos e de antônimos, dicionários históricos, dicionários enciclopédicos, dicionários terminológicos (das mais diversas áreas de conhecimentos: Biologia, Direito, Informática, Física, Medicina etc...), dicionários etimológicos e glossários.

Nesses termos, o dicionário é uma obra de referência que conduz os consulentes a recorrer a ele sempre para “encontrar uma solução para um problema, seus enunciados são força de lei; suas definições formam um texto jurídico, já que, dentro do processo, carrega sobre suas propriedades de denominações, o dicionário constitui uma indicação (ou referência)” (DUBOIS, 1971, p. 50)²¹.

Por esta razão, os dicionários são contemplados como objetos manufaturados de valor respeitável para uma sociedade, pois permitem aumentar o saber cultural e a competência lingüística do falante. É considerado como “um ‘tesouro’ ideal sobre o qual os leitores possuem seus conhecimentos por completo ou compreende os enunciados” (DUBOIS, 1971,

²⁰ Nossa tradução do original em francês: “[...] référer explicitement ou implicitement à une théorie linguistique d’où précède son analyse. C’est un [...] définit une certaine culture ou une certaine civilisation par les termes de parenté, d’aliments, de mobilier, etc. Il peut être de même géographe, historien, juriste, etc., selon les termes qu’il est amené à définir” (DUBOIS, 1971, p. 11).

²¹ Nossa tradução do original em francês: “[...] trouver une solution à un problème; ses énoncés ont force de loi; ses définitions forment un texte juridique puisque, dans des procès portant sur la propriété des dénominations, le dictionnaire constitue une référence” (DUBOIS, 1971, p. 50).

p. 50)²². Além disso, facilitam a comunicação entre os próprios usuários de uma língua que pertençam a grupos sócio-culturais diferentes ou até mesmo entre aqueles que possuam nacionalidades diferentes.

Assim, com o propósito de confeccionar um glossário de Monteiro Lobato para solucionar eventuais problemas de compreensão de um texto literário e sabendo que é um trabalho que se solidifica nos pressupostos teóricos da Lexicografia e da Lexicologia, na seqüência, apresentamos aspectos relevantes e tecemos considerações teóricas acerca da elaboração de um dicionário.

3.3 - Dicionário

Os dicionários estabelecem uma organização sistemática do léxico que proporciona aos consulentes o acesso a informações lingüísticas, apresentando-lhes as referências e indicações sobre o uso de determinadas unidades lexicais constituintes de sua língua. Para Dubois (1971), o dicionário é uma obra de segunda mão, pois seu objeto e os dados observados não são a língua e o mundo, mas o que tem dito a língua e o mundo. Por isso, tem, em geral, um “objetivo pedagógico: fornece respostas didáticas às questões, visa a preencher as partes entre os leitores e uma norma lingüística e cultural previamente definidas”²³ (DUBOIS, 1971, p. 11).

²² Nossa tradução do original em francês: “[...] est considere comme un “trésor” ideal dans lequel les lecteurs puisent leurs connaissances pour compléter ou comprendre des énoncés.” (DUBOIS, 1971, p. 50).

²³ Nossa tradução do original em francês: “[...] un but pédagogique: fournissant des réponses didactiques à des questions, ils visent, [...], à combler des écarts entre les lecteurs et une norme linguistique et culturelle préalablement définie” (DUBOIS, 1971, p. 11).

Conforme Dubois (1971), os dicionários configuram-se como um texto, uma obra literária e como signos de uma cultura avançada, por três razões distintas: o autor considera o dicionário como um texto, por ser um discurso pronto da língua, um objeto social, provenientes de uma necessidade histórica precisa. E mais, os dicionários são observados como texto literário porque refletem as estruturas ideológicas dominantes de uma época e, ao mesmo tempo, participam para a manutenção dessa ideologia, criando condições para a sua duração. Além disso, ocupam um lugar de privilégio e de referência, dando respostas a aqueles que os consultam do valor e das instruções que o compelem. E, por último, são descritos como objetos culturais pela razão de integrar-se a uma cultura, é um relato de uma civilização. Nestas condições, o dicionário unilíngüe (ou dicionário de língua) é um livro por excelência: depositário do ‘tesouro’ comum que a língua proporciona aos seus locutores.

Segundo Biderman (1984), para a confecção de um dicionário de língua, o lexicógrafo precisa descrever a língua e a cultura, como um todo panorâmico, embora se situe numa perspectiva sincrônica. Um dicionário é constituído de entradas léxicas que ora se reportam a um termo da língua, ora a um elemento cultural. Delibera, assim, a uma avaliação quanto ao procedimento dos lexicógrafos:

Os lexicógrafos devem conhecer muito bem a sua língua materna e ter uma ampla leitura do seu patrimônio literário e cultural de todas as épocas no caso de idioma de longa tradição cultural como é o caso do português. Devem conhecer igualmente variantes faladas da língua. E devem saber que vão executar uma tarefa científica e cultural que se assemelha muito ao labor dos monges na Idade Média, os quais se aplicavam dedicada e apaixonadamente a cópia de manuscritos e/ou traduções de textos clássicos e científicos de outras línguas, ritualmente, dia após dia, durante toda a sua vida. O dicionarista precisa ser esse monge (BIDERMAN, 1984, p. 29).

De acordo com a citação da referida autora, podemos, então, considerar que um dicionarista carece de uma benevolência e dedicação semelhantes à atitude laboriosa de um monge, embora seja necessário ressaltar que não precisa ser um trabalho solitário como dos

monges da Idade Média, visto que a lexicografia requer um trabalho em equipe. Ainda que alguns dicionários sejam confeccionados por apenas um autor, este terá que consultar uma série de pessoas (filólogos, lingüistas etc.) para completar e revisar os materiais recolhidos por ele. Desse modo, o produto final de um dicionário representa para uma comunidade lingüística o recorte do léxico da língua e o reflexo de uma cultura.

É preciso não perder de vista que os dicionários padrão e unilíngüe são instrumentos culturais muito importantes na sociedade contemporânea. Sobre isso, Biderman (1984) esclarece que existem várias modalidades e vários tamanhos de dicionários unilíngües. O tamanho físico revela-se normalmente em função da riqueza do repertório léxico nele incluído. Desta maneira, um dicionarista poderá iniciar uma primeira etapa da confecção do dicionário: a seleção das palavras que constituirão a nomenclatura do dicionário, a definição total de entradas, geralmente, depende da sua destinação ou do tipo de usuário para o qual é elaborado:

- a) O dicionário infantil e/ou básico com 5.000 verbetes aproximadamente;
- b) O dicionário escolar e/ou médio contendo 10.000 – 12.000 verbetes, podendo totalizar até 30.000 verbetes;
- c) O dicionário padrão com uma media de 50.000 verbetes, um pouco mais, um pouco menos;
- d) Os ‘thesauri’ que podem incluir 100.000, 200.000, 500.000 verbetes (BIDERMAN, 1984, p. 27).

Na caracterização das modalidades de dicionários, ressalta a lexicógrafa que o dicionário do tipo padrão tende a exercer um papel normativo dentro da comunidade dos falantes, possui um repertório léxico (50.000 verbetes) que nenhum usuário jamais utilizará totalmente. Via de regra, pesquisas informam que um homem culto domina, no máximo, 25.000 palavras no seu léxico tanto ativo como passivo.

Na sociedade brasileira, o Aurélio, por exemplo, tem exercido uma função normativa na Língua Portuguesa. Este dicionário assumiu o papel de norma lingüística em virtude de

uma ideologia de que “não existe uma obra, em um único volume, de mesmo tipo e melhor elaborada que concorresse, uma vez que toda nação civilizada contemporânea carece desse instrumento cultural” (BIDERMAN, 1984, p. 29). No entanto, é viável uma possibilidade, pelo extenso volume de verbetes acoplados nesse dicionário, da sua inserção dentre os modelos usuais de *Thesaurus*. Análogo a esse tipo de coletânea com um enorme repertório léxico, o conhecido Aurélio aumentou seu *design* lexicográfico através de um “inchaço” de nomenclaturas, palavras raras, desusadas ou obsoletas, além de regionalismos e eventuais vocábulos literários de autores consagrados na literatura, dentre outros.

Já em relação ao dicionário da língua (ou dicionário monolíngue), Biderman (1984) considera que há um problema fundamental quanto à definição da palavra-entrada. A definição lexicográfica vem a ser uma paráfrase do vocábulo equivalente a ele semanticamente. Esta autora, assim como o lexicólogo Vilela (1989), retoma a mesma discussão sobre a definição lexicográfica e a definição lógica que, para Vilela (1989), a primeira enumera apenas os traços semânticos essenciais e a segunda terá que identificar o definido (= *definiendum*) de modo inequívoco. Contudo, a definição lexicográfica corresponde a alguns princípios, a saber:

- a) a definição deverá estabelecer uma relação entre o geral (gênero) e o individual (espécie);
- b) a definição não poderá ser formulada negativamente, se for possível formulá-la positivamente;
- c) a definição não pode ser circular (VILELA, 1989, p. 11).

Com efeito, o elemento mais importante no dicionário monolíngue é a definição, já que deve distinguir precisamente uma palavra de uma outra, no conjunto de significações distintas, buscando responder nas definições as exigências de compreensão do vocábulo buscado por leitores. Sendo assim, Finatto (1993) acrescenta que:

Pode haver centenas de outros tipos de informações ou itens. No interior enunciado lexicográfico, a informação relaciona-se ao tema através de um procedimento que o autor designa “procedimento de endereçamento”, onde cada item ou unidade de informação é “endereçado” a uma forma chamada endereço ou localização (que é o tema). Assim, o lema ou entrada é o endereço ou localização mais importante, pois pertence à estrutura de acesso do dicionário (FINATTO, 1993, p. 74).

Finatto (1993), revisando a teoria de Wiegand (1989), assevera ainda que o conjunto ordenado de todos os lemas de um dicionário constitui a sua macroestrutura, que pode ser maior que a dimensão de lista de palavras; o lema é o conjunto de itens de informações que lhe são endereçados formando o verbete do dicionário. Portanto, a estrutura da informação no interior do verbete é tradicionalmente denominada de microestrutura.

Nesse sentido, na seqüência, elaboramos uma delimitação teórica vinculada a estas duas estruturas – a macro e a microestrutura - as quais compõem o ‘corpo’ de um dicionário.

3.3.1 - Macroestrutura dos dicionários

Os dicionários de língua ou de significação são considerados na sua macroestrutura (= a apresentação vertical) como “conjuntos das entradas e as partes complementares (introdução, apêndices etc.)” (VILELA, 1995, p. 78). Sendo assim, pondera Vilela (1995) que o dicionário pode ser descrito como um livro das palavras, surge numa ordenação em que o critério seguido nessa arrumação é exterior à essencialidade das palavras: a ordem alfabética.

Em relação à macroestrutura do dicionário, Finatto (1993) afirma que:

O dicionário é o signo-livro, composto da lista alfabética de entradas, indicações de uso da obra, listas bibliográficas, resumos de nomenclatura

gramaticais, etc. Mais concretamente, [...] a estrutura nuclear do dicionário monolíngue comporta, em geral, a estrutura formal do enunciado lexicográfico do lema (FINATTO, 1993, p. 5).

Desse modo, a macroestrutura do dicionário é compreendida em sua totalidade enquanto texto ou obra pedagógica, já que abriga o arrolamento de palavras, as entradas, assim como as suas características, podendo incluir informações acerca de seu manuseio enquanto livro, sobre o processo de confecção da obra e indicações de fontes bibliográficas. Não obstante, segundo Finatto (1993), o lema (isto é a palavra dicionarizada) é o ponto de intersecção entre a micro e macroestrutura, já que pertence às duas dimensões, na macroestrutura assumirá a função específica de representar o conjunto total das formas gramaticais e morfológicas do signo lingüístico tratado na microestrutura.

De fato, para Haensch (1982), a ‘palavra’ é a unidade lemática do dicionário. Cada artigo de um dicionário se compõe de lema, chamado também de palavra-chave, voz guia ou cabeceira. Este autor avalia, também, que o elemento mais significativo da macroestrutura do dicionário é a ordenação dos materiais léxicos em conjunto (que pode ser em ordem alfabética, em ordem alfabética por inverso e por famílias de palavras). Há, porém, que se considerar, principalmente, as seguintes partes: o item introdutório, os possíveis anexos e os suplementos que compõem um dicionário. Assim sendo, observa que os dicionários trazem, em comum, os seguintes dados:

- A parte introdutória que compreende, em geral, um prólogo ou prefácio. Estes, no entanto, deverão expor a finalidade de um dicionário, o possível grupo de destino, as fontes utilizadas, mencionar o autor ou autores, o diretor da equipe etc. A introdução propriamente dita oferece explicações e instruções sobre o uso do dicionário como: a estrutura da entrada, de todos os símbolos e abreviaturas utilizados para a explicação e caracterização dos vocábulos registrados.

- Muitos dicionários, principalmente os bilíngües, trazem, depois do corpo do dicionário, um ou vários anexos, especialmente: um glossário de nomes geográficos, um dicionário bilíngüe de nomes de batismo ou um glossário de abreviaturas.
- Como o vocabulário e - no caso das enciclopédias - também os conhecimentos humanos aumentam a cada século a um ritmo acelerado. Assim, alguns editores têm publicado e seguem publicando, como paliativo cômodo, suplementos aos dicionários (HAENSCH, 1982, p. 458 - 461).

De um ponto de vista formal, Haensch (1982) aponta questões relevantes a cada uma das partes que compõe o dicionário. Segundo ele, a parte introdutória tem que ser muito completa e clara para dar o máximo de informação sobre, por exemplo, a questão do tratamento de palavras homônimas *versus* polissêmicas, a lematização de unidades lexicais pluri-verbais etc. Adverte, ainda, que, para obter o máximo de proveito de um dicionário, é indispensável que o usuário estude a fundo a parte introdutória. Já no que diz respeito aos anexos, o mesmo autor alerta que oferecem uma vantagem pelo motivo de ser mais fácil colocá-los em dia sem modificar o corpo do dicionário, mas apresentam sérios inconvenientes tanto práticos quanto metodológicos. Dentre eles, os usuários precisam manejar constantemente dois, três ou quatro repertórios diferentes. Há, também uma falta de coesão entre o uso original (dado em anexo) e o figurado (dado no corpo do dicionário). Por isso, é aconselhável que os dicionários comportem somente o corpo, sem anexos.

No caso dos suplementos, a solução é também bastante inconveniente, posto que há de consultar dois repertórios, pois as novas acepções de palavras registradas estão separadas dos artigos correspondentes ao repertório principal e, desse modo, os artigos do dicionário (obra principal e os suplementos) permanecem divididos. Portanto, é preferível prescindir o suplemento e publicar novas edições.

Posto isto, cabe aos dicionaristas, de modo geral, descrever os dados lingüísticos representativos de uma língua, os quais funcionam como uma fonte de informação sobre o arquivo lexical. Por isso, a organização dessa obra deve resultar de uma conduta científica por parte de lexicógrafos, visto que sua tarefa é fornecer, com mais tenacidade possível, os significados e empregos de construções de palavras.

3.3.2 - Microestrutura dos dicionários

A microestrutura de um dicionário de língua é o conjunto dos artigos construídos à volta de cada entrada (= a apresentação horizontal). A dimensão microestrutural, ou mais concretamente, o artigo de dicionário inclui: “a entrada e o tratamento dado a essa entrada através de rede de relações definicionais, relações gramaticais, relações semânticas (como sinonímia, antonímia, polissemia etc.) e relações pragmáticas (área de uso, freqüência, níveis de língua etc.)” (VILELA, 1995, p. 78).

Em virtude disso, Vilela (1995) designa a microestrutura do dicionário em oposição à macroestrutura, por ser aquela um conjunto de informações que acompanham cada uma das entradas inventariadas e tratadas no dicionário. Logo, a decifração do código a que obedece a apresentação dessas informações implica uma aprendizagem, um treino específico e bem dirigido, além de um levantamento de relações que a respectiva entrada comporta com todo o acervo da língua (= com o sistema da língua).

Nesta perspectiva, Haensch (1982) sanciona que a microestrutura de um dicionário é:

Um extrato padronizado do conjunto do léxico existente ou de um subconjunto do léxico. Se apresenta, em geral, em forma de lista (catálogo,

repertório) segundo um dos diferentes critérios de ordenação possível. Ao realizar a seleção do léxico total de um conjunto (ou de subconjunto), o lexicógrafo transforma um inventário aberto em outro inventário fechado, que é o que figura em um dicionário, etc, que se elabora. Este inventário, que constitui o corpo de todo o dicionário, glossário, etc, se divide em ‘artigos’, chamados também ‘entradas’ (HAENSCH, 1982, p. 461- 462)²⁴.

Para Haensch (1982), um artigo é a menor unidade autônoma de um dicionário, e pode ter uma fisionomia muito variada, desde poucas palavras sem subdivisões (por exemplo, em um dicionário especializado multilíngue) até várias colunas com uma série de divisões e subdivisões (por exemplo, o caso de uma palavra com muitas acepções e que tem muitas relações sintagmáticas). Nesta óptica, o lema, na microestrutura, é a parte enunciativa de um artigo, cujo objetivo é uma descrição e explicação do lema. Separando o lema, o resto do artigo corresponde à parte definitória, denominada também de ‘corpo’ do artigo. Este último fornece várias informações sobre o lema como: etimologia, pronúncia, toda classe de avaliações e caracterizações.

Ademais, vale assinalar que um dos problemas mais frequentes quanto à lematização está relacionado ao tratamento da homonímia x polissemia. Consideram-se homônimas palavras de gráfica idêntica que não têm o mesmo sentido de modo geral. Ao passo que a polissemia é a propriedade do signo lingüístico que possui vários sentidos (ou acepções) para a mesma palavra. Nesse sentido, Haensch (1982) elucida que, com frequência, o manejo dos dicionários semasiológico monolíngue e de dicionários bilíngües se dificulta por um tratamento pouco coerente de unidades lexicais que enfrentam o autor de um dicionário devido ao problema da homonímia e polissemia.

²⁴ Nossa tradução do original em espanhol: “[...] [U]n extracto estandarizado Del conjunto del léxico existente o de un subconjunto léxico. Se presenta, por lo general, en forma de lista (catálogo, repertorio) según uno de los diferentes criterios de ordenación posibles. Al realizar una selección del léxico total de un conjunto (o de un subconjunto), el lexicógrafo transforma un inventario abierto en otro inventario cerrado, que es el que figura en el diccionario, etc., que se elabora. Este inventario, que constituye el cuerpo de todo diccionario, glosario, etc., se divide en ‘artículos’, llamados también ‘entradas’ [...]” (HAENSCH, 1982, p. 461-462).

As idéias do autor sobre homonímia e polissemia não somente influenciam na estrutura da parte definitória dos artigos dos dicionários, como também na decisão de indicações sobre conteúdos ou equivalentes de interpretações que podem corresponder a um significante léxico. Assim, há dúvidas se podem ser colocados em um só artigo (com somente um lema, ao supor que se trata de um caso polissêmico) ou se tem que repartir em vários artigos (com um lema próprio, porém, idêntico, caso se trate de palavras homônimas).

Haensch (1982) propõe que a solução mais viável para um dicionário semasiológico e um dicionário onomasiológico seria respectivamente:

Os dicionários semasiológicos que prescindem de referências etimologia é preferível somente um lema com as correspondências subdivisões dentro do artigo. [...]. Enquanto que os dicionários onomasiológicos, a melhor solução é a que expõe Bergmann (1977): quando um significante léxico corresponde a diferentes aceções, se distinguem tantas unidades lexicais como aceções, e cada uma delas aparece no lugar do dicionário que corresponde a aceção respectiva por um lugar que ocupa dentro do sistema conceptual tomado como base de descrição por um lexicógrafo. Assim, é o significante 'gato' apareceria, por uma parte, na seção correspondente a 'mamíferos', com a aceção de 'felino doméstico', e, por outra, dentro do vocabulário automobilista com a aceção de 'aparato que serve para levantar automóveis' (HAENSCH, 1982, p. 468-469).²⁵

É importante advertir que alguns lexicólogos, como por exemplo Dubois (1973) e Biderman (2000), demonstram similaridades a esta posição de Haensch, porém, pormenorizam que, quando se trata de casos de polissemia deverá ser registrada no dicionário

²⁵ Nossa tradução do original em espanhol: "Los diccionarios semasiológicos que prescindir de referencias etimológicas, es preferible un solo lema con las correspondientes subdivisiones dentro del artículo. [...] En cuanto a los diccionarios onomasiológicos, la mejor solución que propone Bergmann (1977): cuando a un significante léxico le corresponden diferentes acepciones, se distinguen tantas unidades léxicas como acepciones, y cada una de ellas aparece en el lugar del diccionario que corresponde a la acepción respectiva por el lugar que ocupa dentro del sistema conceptual tomado como base de descripción por el lexicógrafo. Así el significante 'gato' aparecería, por una parte, en la sección correspondiente a 'mamíferos', con la acepción de 'felino doméstico', y, por otra, dentro del vocabulario automovilístico, con la acepción de 'aparato que sirve para levantar automóviles'" (HAENSCH, 1982, p. 468-469).

semasiológico com uma única entrada, sendo assim, justifica a escolha de duas entradas somente para aquelas palavras classificadas como homônimas.

Um outro problema essencial em lexicografia é a ostentação de critérios para determinar as particularidades inerentes a cada um desses casos de palavras. Biderman (2000) observa que muitos dicionários, inclusive o Aurélio, adotam o étimo como único critério identificador de unidades léxicas para distinguir homônimos. Referindo-se à moderna lexicografia francesa, a autora considera que se devam primeiro distinguir os homônimos com base na semântica e não na etimologia. Por isso, ela se reporta nas mesmas premissas teóricas de Augusto Soares da Silva, professor da Universidade de Braga, o qual acredita que:

O critério semântico da similaridade/dissimilaridade entre os significados é o critério mais adequado para a distinção entre polissemia e a homonímia. E a análise sêmica seria o procedimento mais correto, na medida em que devemos distinguir a existência de semas comuns aos diversos significados de uma mesma palavra para identificar um fenômeno de polissemia. A existência ou não de semas comuns (pelo menos um) estabelecerá a linha divisória entre polissemia e homonímia (SILVA, 1989 *apud* Biderman, 2000, p. 33).

Nesse contexto, Biderman admite que, hoje, o embasamento etimológico já não discrimina mais os homônimos. Sendo possível, em alguns casos, identificar semas comuns, ou pelo menos um sema entre as várias acepções da palavra, que por, conseguinte, ocorre a polissemia. Neste caso, reforça que “o dicionarista deverá incluir esses valores semânticos como acepções da mesma lexia, num único verbete” (BIDERMAN, 2001, p. 141). Diante disso, a autora explica que a semântica assim como os critérios subsidiários de ordem morfológica e da teoria dos campos léxicos podem vir em socorro do dicionarista para que possa estabelecer com mais clareza e certeza a oposição entre as palavras homônimas e polissêmicas e, assim, dicionarizar os lemas com um ou outro perfil.

Em relação ao estudo da microestrutura de uma obra lexicográfica, Finatto (1993) reconhece que, há muito tempo, este vem despertando o interesse e o posicionamento de diversos lingüistas, já que a qualidade conceptual e formal depende do valor de todo e qualquer dicionário. E, para Finatto na dimensão microestrutural, os verbetes devem corresponder “a um conjunto de indicações acerca do funcionamento de um dado signo no interior de uma língua – componente extraído do sistema, mas que, de certo modo, precisa reintegrar-se ao funcionamento discursivo” (FINATTO, 1993, p. 5). Portanto, destaca a autora que, obviamente, a dimensão microestrutural é a parte mais importante de um dicionário, visto que, sem um conjunto de microestruturas, o dicionário não existe.

Com o objetivo de confeccionar um glossário de palavras neológicas lobatiana, na próxima seção, descrevemos algumas obras de tipo lexicográfico, confrontando seus conceitos entre si, na intenção de trilhar um melhor direcionamento para a definição de glossário.

3.4 – Glossário: a delimitação de um conceito.

Um dicionário, como já mencionado, é um produto lexicográfico. O lingüista que se dedica à técnica de elaboração de dicionários poderá compor também glossários, vocabulários, enciclopédias, *Thesaurus* e outros. No entanto, esses termos trazem dificuldades de compreensão ou de identificação já que existem algumas características muito próximas se comparadas a cada um deles e não há uma determinação concreta e limítrofe entre as diversas conceituações.

Muitos lexicógrafos não se preocupam em advertir tais considerações. Tendo em vista essa problemática, alguns estudiosos tentaram solucionar estes empregos, porém, ainda se percebem algumas individualidades teóricas em suas definições. Correlacionamos diferentes abordagens acerca somente de três termos: dicionário, vocabulário e glossário, apresentando para os mesmos um estudo com seus respectivos objetos: lexema, vocábulo e unidades lexicais.

A princípio, como nos lembra Haensch (1982), é preciso examinar com muita clareza, os distintos tipos de obras lexicográficas com suas respectivas denominações, que, não raras vezes têm-se revelado bastante arbitrárias entre si, até mesmo, desde uma perspectiva histórico-cultural. Com efeito, segundo este lexicólogo, se observarmos bem os relatos de J. Grimm entenderemos que as civilizações gregas e romanas não tinham idéia de um dicionário e as posteriores denominações ‘léxico, glossário, dicionários, vocabulários’, estes conceitos quando usados em sua língua significavam outra coisa. Assim, o *lexiKon (biblion)* é derivado de *lexiV*, o dicionário derivado de *dictio* que reunia locuções, expressões. Desse modo, o glossário interpreta palavras antigas, obscuras e contém glosas. Já o vocabulário se referia tão somente a alguns poucos vocábulos que se teriam recolhido para estudantes ou para outra finalidade.

Historiando a evolução dos estudos lingüísticos da lexicografia, ressaltamos que a prática dessa disciplina teve início na antiguidade. Um dos primeiros trabalhos representativos dessa época foram os glossários, que se caracterizavam por serem um tanto rudimentares e de cunho vagamente lexicográfico, uma vez que não se produziam obras lexicográficas no sentido que hoje se atribui a esse termo. Na verdade, esses primeiros testemunhos lexicográficos, foram criados por filólogos e gramáticos preocupados com “a compreensão de textos literários antigos ou com a correção de ‘erros’ lingüísticos”. (BIDERMAN, 1984, p.1)

Dir-se-ia, numa perspectiva diacrônica, que a Lexicografia recobriu-se com mais vigor, embora ainda sem aperfeiçoamento de suas técnicas, nos países latinos da Idade Média. Justamente em um momento em que a “língua vulgar já apresentava tantas diferenças com o latim, que se fez necessário explicar as palavras dificilmente compreensíveis por meio de glosas” ²⁶(HAENSCH, 1982, p. 105). Por essa razão, passaram a distinguir as glosas interlineares e marginais. Há que se observar, no entanto, uma evolução desse termo com sentidos bem delimitados desde uma origem remota até a nossa atualidade, conforme explica Haensch (1982), ao retomar a trajetória da lexicografia puramente lingüística:

Conservam-se alguns destes textos primitivos com glosas, por exemplo, em espanhol, as glosas Silenses e as glosas Emilianenses. Sinalizamos de passagem que inclusive na atualidade se usam, em certos textos escolares escritos em língua estrangeira, glosas marginais para explicar aos alunos palavras e gírias difíceis. Quando as glosas aparecem em forma alfabética ou sistemática, ao final de um texto, chamamos de glossário (HAENSCH, 1982, p. 106)²⁷.

Segundo Haensch (1982), hoje, verifica-se uma extensão do termo ‘glossário’ que passou a ser utilizado nos estudos lexicográficos com duas acepções distintas: “Repertório de vozes destinado a explicar um texto medieval ou clássico, a obra de um autor, um texto dialetal, etc”. Ou, então, como: “Repertório de palavras, em muitos casos de termos técnicos (monolíngue ou plurilíngüe) que não pretende ser exaustivo, e em que a seleção de palavras

²⁶ Nossa tradução do original em espanhol: “[...] *la lengua vulgar ya presentaba tantas diferencias con el latín que se hizo necesario explicar las palabras difícilmente comprensibles por medio de glosas*” (HAENSCH, 1982, p. 105)

²⁷ Nossa tradução do original em espanhol: “*Se conservan algunos de estos textos primitivos con glosas; por ejemplo, en España, las Glosas Silenses y las Glosas Emilianenses, Señalemos de paso que aún en la actualidad se usan, en ciertos textos escolares escritos en lengua extranjera, glosas marginales para explicar al alumno palabras y giros difíciles. Cuando las glosas aparecen en forma alfabética o sistemática, al final de un texto, hablamos de ‘glosario’*” (HAENSCH, 1982, p. 106).

tenha mais ou menos ao azar; por exemplo, glossário de termos ecológicos espanhol-inglês”²⁸ (HAENSH, 1982, p. 106). Este lexicólogo assinala uma confusão que persiste com relação à terminologia das obras lexicográficas, uma vez que nem todas as obras lexicográficas que registram e esclarecem o vocabulário usado por um autor, ou uma obra literária se chamam ‘glossários’. Há alguns exemplos do repertório léxico de produções artísticas com o título de vocabulário.

Do mesmo modo, Ezquerria (1980) sinaliza uma imprecisão e uma falta da linha demarcatória, no que diz respeito à compreensão de dicionário, vocabulário, glossário e léxico. Em seus estudos, ele constatou que estes termos quando circundados nos próprios dicionários, especialmente no Dicionário Real da Academia Espanhola (DRAE), apresentam algumas acepções não muito distintas e elucidativas. Em relação a esse superior organismo lexicográfico espanhol é possível observar, para o termo dicionário, a definição de “conjunto de palavras de uma ou mais línguas ou línguas especializadas, comumente em ordem alfabética, com seus correspondentes explicativos”²⁹ (EZQUERRA, 1980, p. 112). Reconhece o referido autor que estas caracterizações são válidas para qualquer obra de tipo lexicográfico, por isso, não seria uma apropriada definição. Esse autor, em considerações análogas, para a designação de glossário, vocabulário e léxico deparou-se com as seguintes acepções, respectivamente: “catálogo das palavras”, “livro em que se contém conjunto de palavras de um idioma”, “dicionário de qualquer língua”.

²⁸ Nossa tradução do original em espanhol: “*Repertorio de voces destinado a explicar un texto medieval o clásico, la obra de un autor, un texto dialectal, etc. Repertorio de palabras, en muchos casos de términos técnicos (monolingüe o plurilingüe) que no pretende ser exhaustivo, y en que la selección de palabras se há hecho más o menos al azar; por ejemplo, glosário de términos ecológicos español-inglés*” (HAENSCH, 1982, p. 106).

²⁹ Nossa tradução do original em espanhol: “*Conjunto de palabras de una o más lenguas o lenguajes especializados, comúnmente en orden alfabético, con sus correspondientes explicaciones*” (EZQUERRA, 1980, p. 112).

Vejam, a propósito, que estas definições não chegam a distinguir-se de um dicionário, não há motivos para serem identificadas como sinônimas ou ainda defini-las oferecendo outras palavras de cunho sinonímicas, cada um desses termos possuem alguns traços caracterizadores e intrínsecos. Como também não podemos olvidar semelhanças definitórias quanto à descrição de “conjunto de palavras, comumente em ordem alfabética, com seus correspondentes explicativos”³⁰ (EZQUERRA, 1980, p.112). Desta forma, explorando uma conceituação mais delimitada e caracterizadora, Ezquerria (1980) apresenta quatro definições importantes, a saber: “1) um dicionário contém a língua geral, 2) o léxico as vozes de um autor ou obra 3) o glossário as palavras consideradas obscuras ou difíceis 4) vocabulário uma parte dos termos da língua, escolhidos de acordo com critérios extralingüísticos”³¹ (EZQUERRA, 1980, p.115).

Nessa perspectiva de análise dos mais diferentes tipos de produtos lexicográficos é válido também estabelecer diferenças entre vocabulário e glossário ou léxico e vocabulário. Para Vilela (1995), particularmente na primeira dicotomia, têm-se obras elaboradas a partir de uma ‘coleção de palavras’, em que o vocabulário se opõe a “dicionário e glossário: o dicionário é a recolha ordenada dos vocábulos duma língua, o vocabulário é a recolha de um sector determinado duma língua e o glossário é o vocabulário difícil de um autor, de uma escola ou de uma época” (VILELA, 1995, p.13-14). Na segunda combinação, qualquer emissor poder-se-ia referir a uma expressão que denote um sentido peculiar de ‘vocabulário de um autor /ou léxico de um autor’.

Neste contexto, entendemos o vocabulário como uma subdivisão do léxico, como, por exemplo, o léxico de um texto, de um autor, de uma cultura, de uma área do saber etc. Esta

³⁰ Nossa tradução do original em espanhol: “*Conjunto de palabras, comúnmente en orden alfabético, con sus correspondientes explicaciones*” (EZQUERRA, 1980, p. 112).

³¹ Nossa tradução do original em espanhol: “*1º) El diccionario contiene la lengua general. 2º) EL léxico las voces de un autor u obra. 3º) El glosario las palabras obscuras o difíciles. 4º) El vocabulario una parte de los términos de la lengua, escogidos de acuerdo con criterios extralingüísticos*” (EZQUERRA, 1980, p. 115).

distinção não se trata tanto de uma diferenciação entre ‘parte’ e ‘todo’, pois “O léxico é o conjunto das palavras fundamentais, das palavras ideais duma língua; o vocabulário é o conjunto dos vocábulos realmente existentes num determinado tempo, tempo e lugar ocupados por uma comunidade lingüística”. (VILELA, 1995, p. 13). Nesse sentido, o léxico se define como o geral, o social e o essencial, portanto, o vocabulário é o individual e o acessório.

Em síntese, é oportuno enfatizar tais diferenciações, pois, neste trabalho, reportamos a alguns enunciados, como: ‘léxico de Monteiro Lobato’ enquanto uma visão do “acervo dos lexemas de uma língua” ou, pormenorizado, enquanto lexias de um universo lingüístico literário e, notadamente, o ‘vocabulário de Monteiro Lobato’ para explicar “um conjunto das lexias registradas na obra de um autor, por exemplo” (BIDERMAN, 1978, p. 131).

No âmbito da lingüística, vale esclarecer também, com concisão, lexema, vocábulo e palavra, já que estes termos constituem-se em unidades padrões selecionadas por lexicógrafos para constituírem dicionários, vocabulários e glossários. A este respeito, consideramos as concepções teóricas desenvolvidas pela lexicografa Maria Tereza Camargo Biderman.

Desta forma, evitando as ambigüidades e imprecisões inerentes aos termos palavra e vocábulo, Biderman (1978) esclarece que os lexemas se manifestam no discurso através de formas ora fixas, ora variáveis. A forma variável é a mais freqüente nas línguas flexivas e aglutinantes. Assim, em português, o lexema CANTAR pode manifestar-se discursivamente como *cantei, cantavam, cantas, cantando etc.* O lexema menino como *menino e meninos*. Essas formas que aparecem no discurso recebem o nome de lexia. Portanto, todas as formas: *cantei, cantavam, cantas, cantando menino e meninos* são lexias. O lexema seria, então, a unidade de base do léxico (estoque potencial do indivíduo ou da língua), possíveis de se realizar segundo a estrutura do sistema.

Vocábulo é a ocorrência de um lexema efetivado no discurso, na terminologia da estatística lexical. É usualmente denominado como sinônimo de *palavra* na língua comum, embora se absteja de um requisito de “um rigor técnico necessário à linguagem científica” (BIDERMAN, 1984, p. 144). Para termos um significado unívoco que complete as suas informações, temos que consultar o verbete palavra.

Palavra é uma unidade psico-sociológica fundamental da língua, essencial tanto no processo de comunicação, como no processo simbólico de apreensão do universo pelos sujeitos. É um termo da língua comum, não sendo possível defini-la de “maneira universal, isto é, de uma forma aplicável a toda e qualquer língua. A afirmação mais geral que se pode fazer é que essa unidade psicolinguística se materializa, no discurso, com uma inegável individualidade” (BIDERMAN, 1978, p. 85).

Quanto à definição de palavra, percebemos que Biderman (1978) endossa a teoria worfiana, pois apresenta uma definição sólida que implica em observar a dificuldade de se traçar os limites de uma unidade léxica no conjunto de todas as línguas, avalia somente ser possível identificar, delimitar e conceituar a palavra no interior de cada língua. Não existe uma definição de palavra geral que possa satisfazer todas e cada uma das línguas existentes. Diante disso, esta categoria linguística deve ser estabelecida e formulada para cada grupo de línguas. Contudo, esta autora ressalva ainda a necessidade de se considerar a simultaneidade de três critérios de delimitação para a conceituação de palavra: o fonológico, o gramatical (morfo-sintático) e semântico. Postula, portanto, que a fonologia ajuda a reconhecer segmentos coesos fonicamente. Já a análise morfo-sintática leva-nos a identificar as formas linguísticas manifestadas nesses segmentos. E a dimensão semântica, como um estudo da relação de significação nos signos e da representação do sentido dos enunciados, fornecerá as pistas decisivas para identificar a unidade léxica expressa no discurso.

Desta forma, restringimo-nos ao breve tratamento das unidades-padrão, discutidas acima, bem como retomamos os níveis de atualização e de abstração baseados no modelo de Coseriu (1979) – sistema, norma e fala –. Em relação aos tipos de obras lexicográficas, Barbosa (1995) esclarece que:

Ao nível do *sistema* corresponde a unidade padrão lexical chamada *lexema*; o dicionário de uma língua tende a reunir o *universo dos lexemas*, apresentando, para cada um deles, os vocábulos que representam suas diferentes acepções. Os vocabulários técnico-científicos e especializados buscam situar-se ao nível de uma *norma* lingüística e sociocultural, têm como unidade-padrão o *vocábulo*. O glossário *lato sensu* resulta do levantamento das *palavras-ocorrências* e das acepções que têm num *texto* manifestado (BARBOSA, 1995, p. 20).

Ao aplicarmos os pressupostos teóricos de Coseriu (1979), conjuntamente à análise das obras lexicográficas, percebemos que um dicionário de língua apresenta para cada entrada várias acepções do *lexema*, se bem que são possíveis de serem estreitamente correlacionados entre si no interior do sistema geral de uma língua. No que se refere ao vocabulário técnico-científico que propõe inventariar os termos de um domínio e as noções indicadas para esses termos através de definições, é inegável que o uso dos termos e conceitos está ligado a todo um conhecimento lingüístico-científico e cultural, o qual pretendem estabelecer e conservar. Por sua vez, como examinamos no texto de Barbosa (1995), estes vocabulários situam-se numa perspectiva sincrônica (eventualmente diacrônica), não lhes sendo pertinentes as variações diatópicas e diastráticas. Definem-se por uma rigorosa perspectiva sinfásica e, contudo, buscam ser representativa de um universo de discurso, o qual compreende **n** discursos.

Já o glossário, pretende ser representativo da situação lexical extraída de um único texto manifestado, podendo ser classificado, de acordo com esta autora, em *lato sensu* e *stricto sensu*. Ambos os conceitos decorrem da coleta de palavras-ocorrências (do falar

concreto) e dos significados em um único texto. Enquanto o glossário *stricto sensu* apresenta as unidades lexicais no contexto exclusivo de uma única atualização definidas em suas significações específicas, sem reunir num só verbete duas ou mais palavras-ocorrências com a mesma forma de expressão. Havendo necessidade de explicação da mesma palavra, cada uma delas poderá corresponder a uma entrada. No que tange ao glossário *lato sensu* que se encontra ao final de uma obra é, de certa maneira, um vocabulário, visto que reúne vários empregos, isto é, várias palavras-ocorrências de um mesmo vocábulo.

É importante destacar que, devido à ampliação de obras lexicográficas e a diversidade de conceitos para uma mesma denominação, Barbosa (2001) adverte que a sua concepção de glossário se aproxima imprescindível daquela sugerida por Haensch (1982), relacionando-se também a noção de glosas. Relembrando, como já referenciado anteriormente, este lexicólogo nos sugere, que quando uma glosa aparece ao final de um texto em forma alfabética a denominamos de glossário. Desta maneira, Barbosa (2001), em consonância com Haensch (1982), acredita também que, “Desgraçadamente, nem todas as obras lexicográficas que registram e explicam o vocabulário usado por um autor, ou uma obra literária se chamam ‘glossários’”³² (HAENSCH, 1982, p. 106).

Não há que se suspeitar que, de fato, vigora uma falta de clareza para a classificação dos diferentes produtos lexicográficos e múltiplos conceitos para caracterizar cada um desses rótulos nominativos. Percebemos, também, neste estudo, algumas limitações e diferenças nas próprias definições consultadas, sobretudo, se as compararmos às descrições de: dicionário, vocabulário e glossário estabelecidos por Vilela (1995) em relação aos demais autores. Assim, partindo destes pressupostos, julgamos ser ilustrativo não somente as definições de Haensch (1982) que tem servido de sustentação teórica para outros estudos, como também, se faz

³² Nossa tradução do original em espanhol: “Desgraciadamente, no todas las obras lexicográficas que registran y explican el vocabulário usado por un autor o una obra literária se llaman ‘glosarios’” (HAENSH, 1982, p. 106).

necessária uma conceituação mais pormenorizada, fundamentada nas teorias de Haensch (1982), que nos foi concedido pelo professor e pesquisador Braz José Coelho (Catalão – GO) e, notadamente, podem ser certificadas em seu texto: *Dicionários - Estrutura e tipologia*. Assim, segundo o autor, é preciso entender que:

De um modo geral, o dicionário que se apresenta como um repertório amplo, um acervo considerável das unidades léxicas de uma língua, procura registrar e explicar o significado e uso do maior número de palavras e expressões em circulação. O vocabulário já é mais restrito, se apresenta como um conjunto de palavras de um determinado campo, ou de um autor ou de uma obra. Normalmente a informação apresentada num vocabulário é bem mais sucinta: depois do lema em entrada não aparece a taxionomia e no final do verbete não há abonações, como soe acontece nos dicionários – praticamente os verbetes possuem apenas a entrada e a explicação, às vezes, exemplificação. A razão disso é o fato de não haver informação sobre os possíveis usos dos itens já que são ou termos técnicos, ou termos retirados de um texto e colocado no final como apêndice. O glossário seria, talvez, o mais antigo esforço para a construção de um instrumento lexicográfico, e tenha servido de modelo para, mais tarde, se criarem o dicionário propriamente dito e a enciclopédia. Teve sua origem na antiguidade clássica e por finalidade a explicação de palavras e expressões próprias de uma fase mais antiga da língua grega, a que serviu para compor as obras literárias produzidas pelo gênio grego, como as epopéias de Homero (COELHO, 2003, p. 49-50).

O trabalho do professor Coelho (2003) aclara também uma definição de glossário resenhada por Robins (1979), que nos demonstra um desejo dos sábios da época, principalmente instalados pelo espírito de superioridade lingüística que dominavam os gregos e por uma sublime inquietação de manter a “pureza” da língua de seus antepassados, debruçaram-se sobre as cópias de obras literárias a fim de não só autenticá-las, com o objetivo de conservá-las, mas também de torná-las acessíveis às gerações da época, compondo comentários e glossários de significados de palavras e expressões já de difícil compreensão.

Do mesmo modo, conforme já mencionado anteriormente, a nossa pesquisa surgiu do interesse de se investigar o léxico de um autor rotulado de pré-modernista – o ficcionista Monteiro Lobato - que culminou em um objetivo principal: a elaboração de um glossário

neológico que funcionasse como guia para as comunidades lingüísticas dirimirem suas dúvidas e, similarmente, atendendo a uma conservação do universo lingüístico literário.

Desta forma, na seqüência, focalizamos um estudo sobre as criações léxicas, buscando abordar também esse processo de expansão lexical na literatura.

3.5 – Neologismos

O léxico está em permanente processo de transformação e à medida que a sociedade evolui surgem novos vocábulos na língua. A criação de novas palavras é resultante das necessidades sociais que os indivíduos têm em nomear as idéias ou objetos que estão a sua volta, uma vez que, a língua não é estática, ela acompanha as transformações que ocorrem no âmbito de uma sociedade.

Nesta perspectiva, convém ponderar que estas inovações lexicais não somente fazem parte da dinâmica da língua como também constituem uma evidência inequívoca de sua vitalidade. Como confirma B. Quemada: “Uma língua que não conhece nenhuma forma de neologia seria uma língua morta e, em suma, a história de todas as nossas línguas constitui a de sua neologia” (QUEMADA, 1971 *apud* ALVES, 1980, p. 119).

Assim, podemos afirmar que a criação neológica sempre esteve presente na linguagem humana materializada na forma falada ou escrita. E sendo o nosso trabalho acadêmico uma investigação de formações neológicas em um texto literário, faz-se necessário analisar as definições e contributos teóricos apresentados por estudiosos deste assunto.

Para tanto, tratamos nesta pesquisa de compreender as diferentes conceituações e abordagens atribuídas ao fenômeno neológico pelos seguintes lingüistas: Matoré (1953);

Guiraud (1972); Guilbert (1975); Boulanger (1979-1990); Barbosa (1981-1991-2001); Biderman (1981-2001), Carvalho (1984); Riffaterre (1989); Alves (1990-2000).

Vale ressaltar que, embora os falantes de uma comunidade reconheçam com certa facilidade as unidades da língua que podem ser consideradas inusitadas, o conceito de neologismos é tão variável segundo a perspectiva dos teóricos que trazem, muitas vezes, dificuldades a estes usuários quanto a sua definição.

Assim, segundo Matoré (1953), o neologismo pode ser conceituado como uma acepção nova introduzida no vocabulário de uma língua numa determinada época e, segundo ele, esta formação lexical ocorre por meio de uma:

- Nova unidade lexical, que pode ser criada ex-nihilo (*gás*), a partir de uma onomatopéia (*tic-tac*), de um nome de pessoa (*Bottin*) e, na maior parte dos casos, extraída do fundo nacional (prefixação, sufixação, composição) ou emprestada de uma língua viva ou morta.
- Unidade lexical já emprestada e à qual se atribui um significado novo, por exemplo, *magasin*, atestado no francês antigo, recebe por volta de 1825 a acepção de “loja elegante e de grandes dimensões”.
- Por meio da mudança de classe gramatical. *Idéal*, é de longo tempo adjetivo, a partir de 1830, ele torna-se também um substantivo (MATORÉ, 1953, p. 41)³³.

Para Matoré (1953), há várias possibilidades que podem ser verificadas desde o surgimento de uma palavra nova. Se a unidade lexical nova corresponder a uma necessidade do momento, poderá ser difundida, porém, são as palavras raras e efêmeras que se constituem objeto de análise de alguns lexicólogos, pois estas nunca não foram empregadas. No entanto, em outros casos, a palavra que aparece pode ainda exprimir uma procura passageira, não

³³ Tradução do original em francês: “– Par un mot nouveau, qui peut être créé ex nihilo (*gaz*), tiré d’une onomatopée (*le tic-tac*), d’un nom de personne (*bottin*) et, dans la très grande majorité des cas, tiré du fonds national (par suffixation, préfixation, etc.) ou emprunte à une langue vivante ou morte. – Par un mot déjà employé, mais auquel on attribue un sens nouveau: par exemple, *magasin* est attesté en ancien français mais il prend, vers 1825, la signification de ‘boutique élégante et de grandes dimensions’. – Par un changement de catégorie grammaticale. *Idéal* est resté longtemps adjectif; à partir de 1830, il est aussi substantif” (MATORÉ, 1953, p. 41).

permanece por ser aprovada coletivamente por um grupo social reduzido. Já no que se refere àquelas palavras criadas isoladamente não será, provavelmente, aceita por um grupo social importante mesmo quando se admite uma coletividade que deu origem a ela.

Desta forma, compreendemos que não é apenas a existência de uma forma neológica que permite imediatamente a sua inclusão ao acervo lexical de uma língua. É, pois, a comunidade lingüística que decide pelo uso ou não das formações neológicas, definindo assim, sobre a difusão destas palavras no léxico de um grupo lingüístico.

Uma outra abordagem de sistematização dos processos fundamentais da criação neológica foi apresentada por Pierre Guiraud. Este, por sua vez, define os neologismos e as constantes mudanças lexicais com base nas categorias lexicais qualificadas de morfo-semânticas. Propõe, então, quatro princípios para a classificação neológica: criação do tipo onomatopaico, criação do tipo morfológico, criação do tipo semântico e criação do tipo alogênico.

Guiraud (1972 *apud* GUILBERT, 1975, p. 58) esclarece que a primeira tipificação de neologismos é explicitada pelo seu próprio nome onomatopéico. A segunda, do tipo morfológica, reúne todos os produtos da derivação e composição, a terceira designa as modificações de sentido e a quarta os empregos de todas as espécies, não somente as línguas estrangeiras, mas também os dialetos, as técnicas e aos socioletos de diferentes grupos sociais.

Em contrapartida, o lexicólogo francês Guilbert (1975), objetivando dar uma contribuição a mais aos estudos neológicos, vê a necessidade de classificar os neologismos partindo de um certo número de postulados retirados da observação do funcionamento da língua, quais sejam:

- (1) Uma língua nacional funciona conforme seu próprio código, em virtude do qual são produzidos também como enunciados de discursos e formações lexicais. Tudo que provém de uma outra língua deve ser considerado como próprio de um outro código.

- (2) O neologismo constitui um signo que comporta uma fase “significante” e uma face “significado”. Esses dois componentes são modificados conjuntamente no ato de criação neológica, mesmo se a mutação parece basear-se principalmente sobre a morfologia da palavra ou sobre seu significado.
- (3) A morfologia neológica, a exceção jorro da expressão onomatopéica não é uma unidade de significação mínima. O estoque lexical de palavras simples se deve a transmissão de geração a geração. A criação resulta da combinação de elementos mais simples existentes na língua, ela reside, então, principalmente no modo de relação entre estes elementos.
- (4) A criação do neologismo não pode ser dissociada da pessoa do locutor que o cria e do enunciado que ele produz em uma dada situação quando se formula a nova palavra.
- (5) O neologismo apresenta um aspecto oral ou escrito no momento de sua formação. Uma ou outra de suas duas formas de produção não saberia ser negligenciada para definir o fonetismo ou o grafismo da palavra nova e a relação que se institui entre as duas formas (GUILBERT, 1975, p. 59)³⁴.

Em virtude dos postulados do funcionamento da língua, Guilbert (1975) estabelece quatro classes de processos geradores da criação lexical:

- a) **Neologismos fonológicos** consistem na formação da substância do significante e na sua transcrição.
- b) **Neologismos sintagmáticos** englobam todos os modos de formação os quais requerem a combinação de elementos diferentes; eles são morfossintáticos e reúnem todas as formas de derivação;
- c) **Neologismos semânticos** consistem na mudança semântica sem que uma nova forma significante seja criada, são do domínio do significado.
- d) **Neologismos por empréstimos** definem os diferentes aspectos do empréstimo a uma língua estrangeira³⁵ (Isto é, em um novo sistema lingüístico) (GUILBERT, 1975, p. 59).

³⁴ Tradução do original em francês: “- 1º) Une langue nationale fonctionne selon son propre code em vertu duquel sont produits aussi bien les énoncés de discourse que les formations lexicales. Tout ce qui provient d’une langue autre doit être considere comme relevant d’un autre code. - 2º) Le néologisme est un signe linguistique comportant une face “signifiant” et une face “signifié”. Ces deux composantes sont modifcées conjointement dans la creation néologique, meme si la mutation semble por ter principalement sur la morphologie du terme ou sur sa signification. - 3º) La formation néologique, à l’ exception du jaillissement de l’ expression onomatopéique, n’ est pas une unite de signification minimale. Le stock lexical des mots simples appartient ou fonds transmis de generation en generation. La creation résulte de la combinaison d’éléments plus simples existent dans la langue: elle reside done principalement le mode de relation entre ces elements. - 4º) La creation du néologisme ne peut être dissociée de la personne du locuteur qui le crée et de l’énoncé qu’il produit, dans une situation donnée lorsqu’il formule le mot nouveau. - 5º) Le néologisme présente un aspect oral ou écrit au moment de as formation. L’une ou l’ autre de ces deux formes de production ne saurait être négligéé pour définir lê phonétisme ou lê graphisme du mot nouveau et la relation qui s’institue entre lès deux formes” (GUILBERT, 1975, p. 59).

³⁵ Tradução do original em francês: “a) La néologie phonologique [...] consiste dans la formation de la substance du signifiant et dans as transcription. b) La néologie syntagmatique [...] englobe tous les modes de formation qui impliquent la combinaison d’éléments différents; elle est morpho-syntaxique et rassemble toutes les formes de

Vale lembrar que a impressão que se tem é que foi Guilbert (1975) o primeiro lingüista a propor os quatros tipos de classificação neológica, porém, este lexicólogo francês adota a mesma tipificação de Guiraud (1972), somente altera algumas denominações e introduz subdivisões. Em outros termos, Guilbert mantém, inclusive, a mesma nomenclatura básica usada por Guiraud, troca apenas o nome morfologia por sintagmática, alogenético por empréstimo, permanece com o nome da forma semântica. Notadamente, as idéias centrais das definições também são mantidas, contudo, acrescenta uma explicação mais abrangente a cada um dos tipos neológicos. Já no que se refere ao neologismo fonológico temos uma subdivisão em “ex-nihilo” e onomatopaica, conservando desta última forma neológica a mesma denominação atribuída por Guiraud.

Desse modo, é perceptível que, nos estudos referentes à neologia, raríssimos são os pesquisadores que citam ou atribuem ao lingüista Guiraud o seu devido reconhecimento. Todavia, Guilbert foi original ao demonstrar que sua classificação neológica advém das teorias de Guiraud, apesar de não expor isso claramente em sua obra clássica “Criativité Lexicale”. No entanto, percebemos tal fato visto que, primeiramente, retoma os tipos neológicos guiraudianos, critica-os, considerando equivocadas algumas afirmações e em seguida propõe, conforme já pontuamos, a sua tipificação de produções neológica.

É indiscutível que Guilbert trouxe grandes impulsos aos estudos da neologia ao considerá-la como demonstração da criatividade lexical. Aliás, Guilbert (1975), ao mencionar a palavra ‘criatividade’, nos remete a significação desse vocábulo apresentado por Chomsky. Segundo o posicionamento de Noam Chomsky (1966), a criatividade é uma qualidade distintivamente humana, que diferencia os homens das máquinas e, até dos outros animais. Contudo, essa criatividade é regida por regras, princípio fundamental da teoria gerativista

dérivation [...] c) La néologie sémantique [...] consiste dans la mutation sémantique sans création d’une substance significative nouvelle; elle est du domaine du signifié. d) Lê néologie d’emprunt [...] definit les différents aspects de l’emprunt à une langue étrangère” (GUILBERT, 1975, p. 59).

chomskyana, que acredita que são as regras que determinam a produtividade das línguas humanas, propriedade esta que possibilita ao falante a construir e compreender um número infinito de enunciados sem jamais ter lido ou mesmo ouvido antes.

Nesta perspectiva, Guilbert (1975) demonstra que as unidades lexicais são construídas em virtude de uma combinação de elementos lexicais simples, a criação lexical consiste na aplicação de um certo número de regras possuindo a mesma potência recursiva que as regras gramaticais. Neste caso, o locutor dispõe da mesma faculdade de produção de unidades lexicais novas pela aplicação de regra da sintaxe específica do léxico. Desse modo, o lexicólogo francês define a neologia lexical “pela possibilidade de criação de novas unidades em virtude das regras de produção inclusas no sistema lexical.”³⁶ (GUILBERT, 1975, p. 31)

Com efeito, podemos observar que falantes de uma língua, freqüentemente, utilizam-se das possibilidades permitidas pelo sistema lingüístico para produzir novas palavras e expressões.

Ainda, apoiando-se no princípio da criatividade descrita por Chomsky, o lexicólogo francês propõe lúcidas reflexões sobre o processo de criatividade que, segundo ele, pode manifestar-se de quatro tipos:

a) **Neologia denominativa** – [esta] primeira forma não reside da vontade de inovar sobre o plano da língua, mas na necessidade de nomear um objeto ou um novo conceito.

b) **A criação neológica estilística** - uma outra forma de criação lexical fundada sobre a procura da expressividade da palavra nela mesma ou da frase para a palavra para traduzir idéias não originais de uma maneira nova, para exprimir de uma forma inédita uma certa visão pessoal de mundo. Esta forma de criação propriamente do falar poético, pelas quais se fabrica uma matéria lingüística nova e uma significação diferente do sentido a mais

³⁶ Tradução do original em francês: “*Par la possibilité de création de nouvelles unités lexicales en vertu des règles de production incluses dans système lexical*” (GUILBERT, 1975, p. 31).

difundido, está ligada a originalidade profunda do indivíduo falante à faculdade de criação verbal, à sua liberdade de expressão.

c) **A neologia da língua** – entendemos pelas formações verbais que não se distinguem nulamente das palavras comuns do léxico ao ponto em que não se observam quando chegam a ser empregadas pela primeira vez.

d) **Poder gerador de certos elementos constituintes** – todas as formas de neologismos distinguidos anteriormente se situam necessariamente ao nível da fala para aparecer em seguida na língua, quer dizer, no uso se generaliza, ou no seio da comunidade lingüística. (...) Mas pode distinguir-se formas neológicas que se situam não no processo da fala → língua, mas inversamente na relação língua → fala. [Como] particularmente em elementos formadores do tipo: mini, super, hiper. [...] Rapidamente o tipo de formação [...] é gerador de uma série de criações comportando o mesmo elemento³⁷ (GUILBERT, 1975, p. 40-44).

Retomando as definições de Guilbert (1975), podemos afirmar que o primeiro tipo de criação lexical, atualmente, encontra-se representado nas terminologias científicas e técnicas devido à necessidade que se tem de designar os objetos (ou produtos) associados às novas descobertas e tecnologias. Estas criações terminológicas fazem parte do subsistema lingüístico que é a linguagem de especialidades (ou tecnoletos), os quais compreendem inovações lexicais próprias de uma área específica.

O segundo tipo ilustra os neologismos criados na linguagem literária. Este tipo de criação lexical é comumente encontrado não somente na literatura como no discurso humorístico e no jornalístico. E como assegura Guilbert (1975), é a criação artística que tende

³⁷ Tradução do original em francês: “a) *La néologie dominative - la première forme ne reside pas dans la volonté d’innovation sur le plan de la langue, mais dans la necessite de donner un nom à un objet à un concept nouveau.* b) *La création néologique stylistique – une autre forme de création lexicale fondée sur la recherche de l’expressivité du mot em lui-même ou de la phrase par le mot pour traduire des idées non originales d’une manière nouvelle, pour exprimer d’une façon inédite une certaine vision personnelle du monde. Cette forme de création à proprement parler poétique par laquelle on fabrique une matière linguistique nouvelle et une signification différente du sens le plus répandu, est liée à l’originalité profonde de l’individu parlant, à sa faculte de création verbale, à sa liberté d’expression.* c) *La néologie de langue – entendons par là des formations verbales qui ne se distinguent nullement des mots ordinaires du lexique au point qu’ils ne se remarquent pas lorsqu’ils viennent à être employés pour la première fois.* d) *Puissance génératrice de certains éléments constituints – Toutes les formes de néologisme distinguées précédemment se situent nécessairement au niveau de la parole pour apparaître ensuite dans la langue, c’est-à-dire, dans l’usage généralisé, au sein de la communauté linguistique. (...) Mais on peut distinguer des formes néologiques qui se situent non dans le processus parole → langue, mais inversement dans la relation langue → parole. Particulièrement à des éléments formateurs du type mini, maxi, hyper. Vite le type de formation est générateur d’une série de créations comportant le même élément”* (GUILBERT, 1975, p. 40-44).

“a satisfazer o único sentimento estilístico do criador”³⁸ (GUILBERT,1975, p. 42). Por essa razão, no decorrer desse trabalho, seremos compelidas a debruçar sobre esta forma neológica, uma vez que o *corpus* de nossa pesquisa refere-se a uma obra literária, estando diretamente relacionada à neologia estilística.

O terceiro tipo neológico é processado na comunicação e surge freqüentemente na fala coloquial. Geralmente são formações efêmeras que correspondem às atualizações da competência lingüística do falante. Ou seja, são unidades lexicais criadas momentaneamente, de acordo com as regras de formação de palavras em Língua Portuguesa, visa normalmente difundir ou traduzir idéia e expressões, cuja forma elaborada no ato da fala não se encontra registrada em um dicionário.

O quarto tipo são formantes de palavras já conhecidos na língua que podem retornar como palavras neológicas ou ainda são palavras que, em certas épocas, ficam em moda dando origem a inúmeras criações lexicais. Ex: mega-espetáculo, hipermercado, megapromoção, megaconcerto etc...

No âmbito do estudo da neologia lexical, outro lexicólogo que trouxe grandes colaborações foi o canadense Boulanger (1979), que propõe uma conceituação sucinta, embora bastante abrangente:

Unidade do léxico, palavra, lexia ou sistema, cuja forma significante ou a relação significante/significado não estava realizada no estágio imediatamente anterior de um determinado sistema. Unidade lexical de criação recente, uma acepção nova atribuída a um elemento existente, ou então uma unidade recebida de um outro código (BOULANGER, 1979 *apud* ALVES, 2000, p. 105-106).

³⁸ Tradução do original em francês: “[...] à satisfaire le seul sentiment esthétique du créateur” (GUILBERT, 1975, p. 42).

Nesses termos, adota três processos por meio dos quais os neologismos são criados em uma língua:

- a) **Formal** – neologismos criados por meio de derivação, composição, siglas, redução de palavras ou pela articulação de uma ou diversas sílabas que possuem um valor significante inédito;
- b) **Semântica** – neologismos criados pela atribuição de um novo significado a um mesmo segmento fonológico;
- c) **Por empréstimo** – neologismos que resultam da adoção de um lexema estrangeiro (BOULANGER, 1979 *apud* ALVES, 1980, p. 119).

Desta forma, o lingüista canadense esclarece que os neologismos estão ligados à morfologia, à semântica e ao processo de transferência de unidades lexicais de uma língua para outra, esse processo de criação permite adicionar palavras novas aos efetivos já disponíveis.

Nesta ótica, refere-se à criação lexical como mecanismo que ativa a evolução lingüística. De fato, o léxico de uma língua viva jamais pode ser fechado, fixo, ou vir a envelhecer, principalmente no que concerne o contexto moderno. A criatividade lexical ilustra “maravilhosamente como as palavras e os seus sentidos são móveis e mutantes como a própria vida”³⁹ (BOULANGER, 1990, p. 239).

Assim, a criação lexical é um dos fenômenos que sustenta o permanente ciclo da linguagem humana. É parte fundamental para comunicação e expressão do próprio homem moderno enquanto ser social e histórico que vive em um universo lingüístico.

Nesse sentido, a formação de novas palavras sempre foi e será uma necessidade da comunicação humana. A sociedade, nos últimos tempos, tem evoluído num ritmo acelerado e não acompanhar esse ritmo significa ficar de fora, desconhecer as informações mais recentes. Sem dúvida, vivemos num mundo em que toda revolução social requer “uma revolução

³⁹ Nossa tradução do original em francês: “[...] *merveille comment les mots et leurs sens sont mobiles et changeants, comme la vie elle-même*” (BOULANGER, 1990, p. 239).

lingüística e o retorno por força de neologia como principal motor da mudança” (BOULANGER, 1990, p. 236)⁴⁰.

Sendo assim, podemos entender que as palavras surgem e surgiram como resultado de uma necessidade de expressão pessoal do homem, pois incessantemente neologismos são criados pelos técnicos, escritores, poetas, jornalistas, cronistas, humoristas etc... . São estes chamados artistas da língua, que estão criando sempre palavras e expressões novas ou dando novos significados a itens lexicais já existentes. Segundo Boulanger (1990):

A criatividade lexical enquanto obra lingüística, forma um dos componentes essenciais e o mais sensível acontecimento de uma língua. E nisso ela nos concerne tudo, os usos cotidianos, poéticos, lingüísticos, romancistas,... em suma, tudo que a pessoa fala e escreve⁴¹ (BOULANGER, 1990, p. 234).

Devemos salientar, também, que as inovações neológicas na literatura e na língua em geral sempre sofreram reações puristas que, com base na tradição das línguas, manifestam uma rejeição ao emprego dos neologismos ou os aceitam sob certas restrições.

Conforme assinala Boulanger (1990), a língua francesa, não muito diferente da nossa língua, foi demarcada de períodos de estagnação lingüística: “Guarda-se geralmente no espírito os momentos onde as repressões serviram em literatura e em língua geral ainda que os árbitros da língua e os puristas estigmatizaram toda tentativa de inovação depois de ter garantido seu império sobre a evolução da língua”⁴² (BOULANGER, 1990, p. 234). Contudo, entusiasmo inventivo de vários escritores, de muitos humanistas, de uma massa de

⁴⁰ Nossa tradução do original em francês: “[...] *une révolution linguistique et le retour en force de la néologie comme principal moteur de changement*” (BOULANGER, 1990, p. 236).

⁴¹ Nossa tradução do original em francês: “[...] *La créativité lexicale, en tant qu’oeuvre linguistique, forme l’une des composantes essentielles et la plus sensible de l’avenir d’une langue. Et, em cela, elle nous concerne tous, usagers quotidiens, linguistes, poètes et romanciers et médecins... Em somme, toute personne qui parle et qui écrit*” (BOULANGER, 1990, p. 234).

⁴² Nossa tradução do original em francês: “*On garde généralement à l’esprit les moments ou les répressions ont sévi en littérature et en langue générale alors que les arbitres de la langue et les puristes ont stigmatisé toute tentative d’innovation après avoir assuré leur emprise sur l’évolution de la langue*” (BOULANGER, 1990, p. 234).

pesquisadores e de grandes sábios favoreceu o amadurecimento e a eclosão permanente de um francês de onde o acesso lexical estava totalmente proibido e excluído.

No entanto, no decorrer dos séculos, de forma geral, na linguagem literária, essa atitude preconceituosa vem se tornando menos freqüente do que em épocas anteriores. É inevitável repreender a liberdade criativa dos usuários de uma língua nos domínios da inovação lexical.

E, apesar das manifestações puristas, hoje, já nos parece claro que o entusiasmo inventivo nos diversos ramos da atividade humana, seja na literatura, na música, nas ciências e na tecnologia têm favorecido para o amadurecimento e enriquecimento da ou das línguas. Como afirma Boulanger:

Sem palavras vivas, parece impensável difundir o conhecimento e a experiência, parece impossível de se inserir no mosaico do pensamento universal e de fazer parte dos chefes de fila que são em última atividade os decisores do surgir do mundo. A configuração de todos os campos do saber sejam científicos, técnicos ou artísticos, está sujeita à neologização, à criatividade incessante e vigilante, organizada da ou das línguas⁴³ (BOULANGER, 1990, p. 237).

Segundo reitera Barbosa (1981), é inegável, entretanto, que as mudanças da língua se efetuem, apesar de todas as pressões conservadoras, e repercutam em todos os níveis do sistema lingüístico, em todos os universos de discursos, mas não constituam uma ameaça para a sua continuidade e para intercompreensão entre os membros de um grupo.

E, de acordo com a percepção dessa autora, a neologia pode, então, ser descrita como:

O processo pelo qual a mudança lingüística provoca o aparecimento de formas de significantes e significado novas – não ainda encontradas na língua ou num determinado conjunto de enunciados. [Sendo assim], ela

⁴³*Tradução do original em francês:* “Sans mots vivants, il paraît impensable de diffuser la connaissance et l’expérience, il semble impossible de s’insérer dans la mosaïque de la pensée universelle et de faire partie des chefs de file qui sont en dernier ressort les premiers décideurs de l’avenir du monde. La configuration de tous les champs du savoir, qu’ils soient scientifiques, techniques ou artistiques, est assujettie à la néologisation, à la créativité incessante et vigilante spontanée ou aménagée de la ou des langues” (BOULANGER, 1990, p. 237) ⁴³.

deve poder ser estudada ao nível de suas conseqüências, de seus resultados, isto é, dos neologismos (BARBOSA, 1981, p. 78).

Recuperando as reflexões teóricas de Guilbert (1975:59), Barbosa (1991) afirma a existência dos seguintes processos instauradores de neologismos: o fonológico, semântico, sintagmático e alo genético.

Na classificação das formas neológicas, a autora relata que há duas categorias básicas para os neologismos fonológicos: o específico (ou criação fonológica propriamente dita) e o complementar. O primeiro tipo pode apresentar-se como:

Uma seqüência de fonemas totalmente inédita, imotivada do ponto de vista da relação significado/significante, ou, então, como uma seqüência inédita, deferente por constituir a tentativa de reprodução, ou antes, de imitação lingüística, da coisa significada pelo significante que lhe serve de suporte formal (BARBOSA, 1981, p. 176).

Assim, os neologismos fonológicos específicos se subdividem em “ex-nihilo” e onomatopaicos. Denominar-se-ia o primeiro tipo de criação, aqueles que não tomam como ponto de partida para a sua constituição signos mínimos, que pertençam a um código lingüístico qualquer. E o segundo tipo de criação por uma freqüência fonológica inédita, porém, parcialmente motivada pelo som produzido pelo referente, ou a ela relacionado, que está procurando representar ou interpretar lingüisticamente.

Barbosa (1981) esclarece, ainda, a criação fonológica “ex-nihilo” pode ocorrer com certa freqüência no discurso literário, raro no discurso coloquial, religioso dentre outros, sendo freqüente no texto publicitário. No entanto, esse tipo de neologismo pode gerar, na obra literária, problemas de decodificação nos casos em que não sejam introduzidos circunstancialmente, de forma que não apresente nenhuma referência lingüística que remeta o leitor a um tipo de experiência de conhecimento anterior áquela.

Já a outra forma básica de criação fonológica – o complementar- resulta da:

Combinatória inédita de morfemas, fato que já define a derivação ou a composição, como processos primários, dos quais decorre uma nova organização fonológica, enquanto processo secundário ou complementar, processo no qual a mutação fonológica é um epifenômeno, caracterizando que Guilbert denomina morfo-fonológico (BARBOSA, 2001, p. 40).

Diferentemente do neológico fonológico, o neologismo semântico trata-se de uma significação nova para um mesmo segmento fonológico. Em outros termos, a neologia semântica aparece quando se empregam: “signos já existentes no código, em combinações inesperadas ou inéditas com outros signos do enunciado. O neologismo surge, então, como resultado de uma combinação sêmica” (BARBOSA, 1981, p. 202-203).

O terceiro tipo de criação neológica é denominado sintagmático e corresponde à combinatória inédita de signos e mesmo de vocábulos, segundo os modelos de estrutura vocabular de uma língua. Define-se através do processo de composição e derivação. Este último pressupõe um elemento lexical de base, morfema ou palavra, ou ainda uma frase de base, da qual pode derivar uma frase inédita ou uma palavra inédita.

Por fim, Barbosa (1981) considera como neologismos alogénéticos aqueles que decorrem da importação de itens lexicais que pertençam a um outro sistema lingüístico. Distinguem-se, assim, os empréstimos internos dos empréstimos externos. Pelo primeiro, entende-se o movimento realizado entre os vocabulários regionais e profissionais. O segundo refere-se ao empréstimo que um sistema lingüístico faz de palavras de outros idiomas.

Barbosa (2001), reiterando os estudos do lingüista Guilbert (1975), classifica e analisa o neologismo alogénético em determinados tipos:

a) **palavra estrangeira**, aquela que aparece apenas no discurso em que é empregada; b) **peregrinismo**, unidade léxica que se acha na primeira fase de sua inserção, equivalentes, pois, a um primeiro momento da ‘adoção’ neológica, revelando, entretanto, um acentuado aumento de frequência no eixo do tempo; c) **xenismo**, a palavra adotada que, embora apresente crescente aumento de frequência, não sofreu adaptações, nem no plano da expressão nem no plano do conteúdo; d) **empréstimo**, palavra que, tendo passado pelas fases a e b, torna-se de alta frequência e distribuição regular, sofrendo alterações nos planos da expressão e do conteúdo (BARBOSA, 2001, p. 42).

Analisando a gênese dos neologismos e a sua tipificação, Barbosa (2001) elucida que aceitabilidade de uma criação lexical depende da vontade individual e consenso social e cultural. Tratando das questões de aceitabilidade de um vocábulo neológico bem como do seu provável percurso, a autora afirma que:

Com efeito, há vários momentos importantes na criação do neologismo: a) o instante mesmo de sua criação; b) o momento pós-criação do neologismo, que se refere à recepção, ou o julgamento de sua aceitabilidade por parte dos destinatários c) e o momento em que começa a dar-se a sua desneologização⁴⁴. [...] [Assim], o neologismo assume o estatuto de neologismo de língua, quando, depois de criado num ato de fala é aceito pelos interlocutores e reempregado noutros atos de comunicação (BARBOSA, 2001, p. 37).

Diante do exposto, entendemos que a existência de um neologismo é ratificada pela aceitação da sociedade em que ele está inserido, pelo uso efetivo da palavra nova nessa comunidade. Entretanto, é necessário salientar que não se pode afirmar tal fato, quando se trata dos neologismos literários, visto que a obra literária independe da aceitação ou não do emprego neológico. Isso se deve justamente por ser a obra ficcional um universo autônomo, em que a forma neológica empregada por um autor, não visa necessariamente a difusão do seu emprego na comunidade lingüística. O que significa dizer que, no discurso literário o criador não tem intenção de que a palavra criada transponha parte do léxico de uma língua, embora aconteça a possibilidade de integrar-se a vocabulário usual de um grupo lingüístico.

⁴⁴ **Desneologização**: O uso freqüente de um termo neológico faz desaparecer o impacto da novidade lexical e a nova palavra passa a integrar o inventario lexical de uma comunidade, vindo a ser registrada em um dicionário.

Em relação aos neologismos produzidos em textos literários, conforme mencionamos anteriormente, são criados, muitas vezes, para causar efeitos estéticos, resultantes de uma função expressiva da linguagem. Os autores utilizam-se do código lingüístico para recriar uma realidade apoderando-se, no entanto, de novas formas para aclamar os seus dizeres. De posse dessas construções inusitadas, manifestam-se tanto a sua subjetividade e as necessidades de comunicação quanto o seu trabalho artístico de recriação da própria língua.

Nessas condições, as criações neológicas em um universo de discurso literário diferenciam-se dos demais tipos de universos de discursos, principalmente no que se refere aos discursos técnico-científicos. Enquanto o primeiro busca a polissemia, a multissignificação a pluri-isotopia, as línguas de especialidades sustentam uma norma de discurso, baseada, sobretudo, na função de instrumento de comunicação entre especialistas, buscando a eficácia, a objetividade e a mono-isotopia. Desse modo, é possível apontar o processo preferencial de criação de termos como pertencentes a uma classe ou área específica de discursos.

Ao contrário, portanto, do universo de discurso literário, em que cada texto-ocorrência tem suas próprias marcas de enunciação, não há caracterizadores gerais de processos neológicos preferenciais e pode ainda estabelecer-se dentro de uma mesma obra uma taxionomia desses processos. Assim, os produtos resultantes das criações lexicais literárias devem ser analisados em cada obra e não no conjunto de obras, ou melhor, em cada texto manifestado e no máximo em textos do mesmo subuniverso de discurso (BARBOSA, 2001, p. 48-49).

Dentro de uma mesma perspectiva, Riffaterre (1989) acentua que o neologismo literário difere profundamente do neologismo na língua. Este é forjado para exprimir um referente ou um significado novo. Seu uso depende de uma relação de fatores não lingüísticos (de palavras e coisas), embora portadores de uma significação, não precisa ser

necessariamente captado como forma rara ou excepcional. O neologismo literário é, segundo Riffaterre (1989, p. 53), uma:

[...] anomalia e utilizado em virtude dessa anomalia, às vezes até independentemente de seu sentido. Ele não pode deixar de chamar a atenção porque é captado em contraste com seu contexto e porque seu emprego, assim como seu efeito, dependem de relações que se situam inteiramente na linguagem.

Assim sendo, segundo este autor, os neologismos literários suspendem o automatismo perceptivo e obriga o leitor a tomar consciência da forma da mensagem que está decifrando, atitude pretendida pela própria comunicação literária.

Acrescentamos, ainda, que esta criação neológica precisa ser investigada também pelo leitor enquanto possibilidade ou não de indicar fontes históricas retratando o léxico de uma época ou mesmo de uma região, ou como instrumento de construção de uma ideologia e até de valores culturais e pensamentos dos membros de uma sociedade. Dentro de uma análise neológica de cunho literário, não podemos descartar relações intrínsecas ligadas a estes fatores.

E, como esclarece Biderman (1981), o léxico pode ser considerado como o tesouro vocabular de uma determinada língua. Ele inclui a nomenclatura de todos os conceitos lingüísticos e não-lingüísticos, peculiarmente, inclui todos os referentes do “mundo físico e do universo cultural, criado por todas as culturas humanas atuais e do passado” (BIDERMAN, 1981, p. 138).

Nesses termos, para esta pesquisadora, o léxico abrange todo o universo conceptual de uma língua. E são os usuários da língua - os falantes – e, especificamente, os poetas e escritores, indivíduos criativos e de maior competência lingüística, que enriquecem o léxico

de nossa língua com novos vocábulos ou novas significações de vocábulos já existentes, e estas criações inusitadas são identificadas como neologismos.

Dando um enfoque diferente na classificação dos neologismos, Biderman (2001) distingue dois tipos de neologismos: os neologismos conceptuais e os neologismos formais. São neologismos conceptuais quando se trata de “uma acepção nova que se incorpora ao campo semasiológico de um significante qualquer [...] verifica-se às vezes, a ampliação de um campo semântico através de novas conotações que vão sendo dadas ao um significante”. (BIDERMAN, 2001, p. 158-159). Em outras palavras, os neologismos conceptuais são aqueles que já se encontram dicionarizados cujo sentido usado no contexto não está incluído no verbete do dicionário.

Já o neologismo formal “Constitui uma palavra nova introduzida no idioma. Pode ser um termo vernáculo ou um empréstimo estrangeiro” (BIDERMAN, 2001, p. 161). Sendo assim, os neologismos formais são as palavras que ainda não constam no verbete dos dicionários.

É oportuno ressaltar que, dentre os tipos neológicos propostos por Biderman (2001), podemos apresentar aspectos comparativos com as definições teóricas do canadense Boulanger (1979). Este lexicólogo classifica os neologismos conceptuais em semânticos, já os neologismos formais são somente aqueles criados por processos autóctones de valor significante inédito, não incluem, dentre eles, os neologismos formados por empréstimos, este último constituirá um terceiro tipo de processo gerador de criação lexical.

Todavia, ainda no que diz respeito a estas criações lexicais, a professora Biderman (2001, p. 166) explica que, uma vez criado, é lançado dentro da grande corrente vital de evolução da língua. Pode ser incorporado a um campo semântico e começará a sofrer influxos dos seus vizinhos de significação. Segundo Biderman, a combinação léxica no discurso e as conotações estilísticas também imprimirão a ele matizes novas, ampliando o halo de

significação. Passará, assim, a fazer parte da semântica evolutiva da língua. Entretanto, nem sempre terá vida longa pode ter criação efêmera como as gírias. Tornar-se-á duradouro quando já aceito em uma comunidade lingüística e for dicionarizado. De fato, constatamos que o dicionário é um depositário do léxico abstrato da língua, atua como fixador das lexias neológicas orais e escritas que poderiam morrer facilmente ou não ser lembradas, se não fosse esse arquivo que as recolhe e preserva até por séculos.

Outra autora que tem abordado pesquisas sobre os neologismos – tema discutido em livros, artigos e tese de livre-docência de sua autoria – é a lexicóloga Ieda Alves. Segundo o seu apontamento teórico, o conceito de neologia é concebido a todos os fenômenos novos que atingem uma língua. A autora chega, assim, a uma distinção entre neologia e neologia lexical. A primeira é definida como “movimento de evolução que atinge a língua em seu sistema fonológico, morfológico, sintático e textual” e a neologia lexical como “responsável pela criação individual das palavras” (ALVES, 2000, p. 109). Para Alves, as criações neológicas não podem ser dissociadas dos componentes: frásico e textual. Com exceção das formas onomatopaicas, todos os neologismos são criados no âmbito das sentenças e dos textos em que estas se inserem, isto é, em um contexto pragmático.

Alves (1990) afirma que as inovações lexicais em Língua Portuguesa formam-se, muitas vezes, por meio de mecanismos oriundos do latim - basicamente os processos de derivação e a composição – ou de itens lexicais provenientes de outros sistemas lingüísticos. Este último tem sido herdado de outros idiomas desde o início da formação histórica de nossa língua (influência celta, fenícia, basca, bárbara, árabe, africana, tupi, francesa, espanhola e italiana).

Vale lembrar que, atualmente, há uma influência avassaladora da língua e da cultura inglesa em virtude do grande prestígio que essa nação vem alcançando em todo o mundo. Dentre os processos neológicos autóctones e de origem estrangeira, Alves (1990) aponta

alguns recursos utilizados para a ampliação do léxico. No primeiro caso, são os neologismos sintáticos formados por: derivação prefixal, derivação sufixal, derivação parassindética, composição (composição subordinativa, coordenativa, satírica, por bases não – autônomas, sintagmática, por siglas etc...); neologismos formados por conversão e outros processos (truncação, palavra-valise, reduplicação e derivação regressiva); assim como os neologismos fonológicos e semânticos. No segundo caso, os que não fazem parte do acervo lexical da língua receptora, classificando-os em: decalque, integração do neologismo por empréstimo (adaptação gráfica, morfológica ou semântica ao sistema da língua acolhedora) e aspectos morfossintáticos dos neologismos (a base emprestada, em geral, mantém a classe gramatical, gênero e número da língua de origem).

Ademais, uma unidade léxica tem caráter neológico “à medida que é interpretada pelo receptor” (ALVES, 1990, p. 11), por isso, todas estas inovações lingüísticas devem ser criadas conforme o sistema de uma língua, caso contrário, provavelmente não será compreendido pelo interlocutor e a comunicação não será efetuada. Há ainda, alguns casos, em que não basta que um significante esteja de acordo com o sistema de uma língua para que ele se torne um elemento integrante do léxico desse idioma, como por exemplo, temos os neologismos fonológicos.

Segundo explica Carvalho (1984), nem todas as novidades surgidas são aceitas imediatamente, porque a adoção é uma seleção e em toda seleção normalmente se aceita aquilo que é funcional e certo. Essa aceitação corresponde a uma necessidade estética, social ou mesmo funcional da sociedade. Há, portanto, uma própria auto-regulamentação inerente à própria língua.

Na verdade, o nosso vocabulário reflete as convenções humanas e não somente a nossa escolha lexical é intencional como também o ato de criação do vocábulo. Toda criação neológica é uma tentativa de “impor um conceito por intermédio de sua representação escrita

ou falada. Mais que um ato lingüístico, portanto, a criação é um ato social, uma tentativa de impor uma a visão de mundo a uma comunidade” (CARVALHO, 1984, p. 10-12).

De acordo com Carvalho (1984), o homem se vale, no entanto, de termos preexistentes, ligados a determinadas noções, e os utiliza em novas formações (neologismos semânticos), estabelecendo uma ligação com conhecimentos anteriores. Ou, então, muitos desses termos são criados a partir do nada, “*ex-nihilo*”, são raros e pouco importantes (neologismos fonológicos). Contudo, muitos falantes recorrem também às regras de construção de palavras da Língua Portuguesa. Nesse tipo de criação, diversas formas de elementos são usadas na elaboração de novas palavras. Dentre elas: os prefixos, os sufixos, a composição, a siglas e a derivação imprópria. O homem, no seu cotidiano, mantém ainda intercâmbio com a cultura de outras línguas e à medida que se torna freqüente, enriquece o nosso idioma com os empréstimos (neologismos por empréstimo).

Estas inovações lexicais bem como os empréstimos constituem os neologismos, termo que significa etimologicamente “nova palavra”, composta “híbrico do latim **neo** e do grego **logos**” (CARVALHO, 1984, p. 8). E, conforme destaca a autora, a linguagem humana no domínio da ciência, da imprensa escrita e da arte busca sempre nomear, respectivamente, as descobertas técnico-científicas; os aspectos ligados à cultura de massa, de intenção comunitária e generalizante; e a própria intensidade do sentimento (o transbordamento poético).

Carvalho (1984) nota que os termos criados nas línguas de especialidades são geralmente internacionalizados. A necessidade de dar a definição aos objetos novos de forma padronizada advém do fato de que a ciência e a técnica não têm pátria, nem as civilizações são estanques. Há intercâmbio e qualquer descoberta é logo conhecida “no mundo inteiro, sendo conceituada de maneira que possa ser compreendida por falantes de diversas línguas”

(CARVALHO, 1984, p. 34-35). Por isso, já existe uma associação internacional encarregada de elaboração de termos na terminologia científica.

Já no texto publicitário, quando um dado novo, de forte interesse para a comunidade, é introduzido no contexto sócio-cultural, os escritores buscam nomear e designar com precisão para informar e sensibilizar seu público. Notadamente, a imprensa escrita, de jornais ou revistas, é a via de acesso de divulgação da maioria das inovações lexicais.

Importante destacar que a linguagem nesse tipo de texto, é tratada de maneira funcional, extrai-se “o máximo de poder de penetração e novidade. É aí que entra o neologismo como uma maneira rápida, diferente e por vezes mordaz de transmitir uma notícia” (CARVALHO, 1984, p. 62). A imprensa diária tem força, presença e fazem parte do cotidiano de cada um de nós, leitores. Por isso, os termos recém-criados nestes textos têm a possibilidade de ser conhecidos e, por ventura, serem difundidos.

No que concerne ao domínio literário, a lingüista pernambucana explica que a linguagem dos escritores - em especial, a de Carlos Drummond de Andrade - é a prova do espírito criador e de seu poder de comunicação. A originalidade desses artistas concretizados “na seleção e invenção das palavras não impede que sintamos um cunho especial de conversa nos seus escritos” (CARVALHO, 1984, p. 29).

Embora alguns escritores são avessos a novidades, outros arriscam e são bem sucedidos em seu uso e conceitos, como por exemplo, Guimarães Rosa, que utiliza os mais diversificados processos na formação de palavras com radicais gregos, latinos, indígenas e africanos. No entanto, é perceptível que a maioria das gramáticas tem sua exemplificação a partir das obras dos autores consagrados, tomando-os com padrão. O público leitor também reconhece a legitimidade dos prosadores e poetas, nos “domínios da língua escrita, motivo pelo qual os usos e inovações na literatura são aceitos” (CARVALHO, 1984, p. 28).

Desta forma, podemos ressaltar que a inovação lingüística é fenômeno permanente que corresponde às necessidades dos falantes, sejam elas de ordem científica, política, artística e mesmo cultural. Essas tendências também se modificam, se renovam e necessitam ser nomeadas, provocando a criação de novos lexemas que podem ou não tornar-se futuro verbetes no dicionário.

Dado o exposto, perfazendo e analisando as discussões teóricas destes autores quanto às tipologias neológicas, adotamos para a realização desse estudo o posicionamento e as avaliações apresentadas pelo lexicólogo canadense Boulanger (1979). Entendemos, pois, que o conceito desenvolvido por este autor é bastante amplo para a tipificação dos neologismos. Nessas condições, para a análise das lexias selecionadas no texto literário lobatiano, optamos por seguir os seguintes processos de classificação de produções lexicais: neologismos formais, neologismos semânticos e neologismos por empréstimos.

E tendo em vista o aparecimento dessas inovações lexicais ocorridas na Língua Portuguesa, cabe ao pesquisador, dentre outras funções, observar dentro do *corpus* literário, considerado o foco de nossa investigação, a ocorrência do fenômeno neológico. O estudo lexical nesta fonte de pesquisa permite analisar a evolução da sociedade que dele se utiliza, pois as transformações sociais e culturais refletem-se, nitidamente, no acervo lexical de um grupo social.

CAPÍTULO IV - ANÁLISE DO *CORPUS*

Este capítulo tem por finalidade apresentar a composição da macroestrutura e microestrutura do glossário e, em seguida, a análise dos dados.

4.1 - A organização da macroestrutura e microestrutura do glossário

Retomando a fundamentação teórica e os parâmetros metodológicos dessa pesquisa, cumpre registrar, neste subitem, a nossa proposta para a organização da macroestrutura e microestrutura de um glossário neológico. Sabemos que ainda são poucos, ou praticamente inexistentes, os estudos teóricos que buscam estabelecer critérios para a estruturação interna de um glossário. No geral, alguns trabalhos que se propõem a elaborar glossários tendem a aproveitar as reflexões teóricas sugeridas para os dicionários e, para então, adaptá-las em suas obras de cunho lexicográfico. Seguindo direções semelhantes e, claro, recuperando os princípios metodológicos que presidiram este trabalho, a seguir, destacamos a constituição da nomenclatura, bem como a disposição dos verbetes adotados para este glossário.

Com relação à macroestrutura (chamada também de nomenclatura) as entradas encontram-se, na seqüência vertical, listadas em ordem alfabética. Compõem-se de todos os neologismos pertencentes à classe gramatical: substantivos, adjetivos e verbos, os quais foram constatados na obra “Urupês” de Monteiro Lobato. Através desse repertório lexical, objetivamos fornecer definições e algumas informações lingüísticas a estas palavras.

A nossa preocupação é de registrar o léxico lobatiano. E este glossário, como fonte de pesquisa, pode ampliar as percepções lingüísticas daqueles leitores que, ainda, desconhecem

os sentidos das lexias contextualizados nesta obra. Portanto, há que se apresentar um estudo lexical, direcionado principalmente para professores e alunos, já que este público leitor tem demonstrado um considerável interesse por textos representativos da literatura nacional.

A fim de facilitar a consulta e, observando a ordem alfabética, dividimos as palavras em dois grupos: primeiro arrolamos as unidades lexicais classificadas como neologismos semânticos e, em seguida, aquelas compreendidas como neologismos formais (Segundo a teoria de Boulanger (1979), criados por meio de derivação, composição, etc...). Ao final do glossário, no item destinado ao apêndice, organizamos um índice remissivo com todas as entradas para uma localização rápida das palavras.

Já a construção da microestrutura desse glossário, como qualquer outra obra lexicográfica, corresponde ao modo como os verbetes são organizados. Sabemos que um verbete inicia-se sempre por entrada. E, segundo Coelho (2003), entende-se por entrada “a unidade léxica a ser explicada” e por verbete “a entrada e o conjunto de informações apresentado sobre ela” (COELHO, 2003, p. 61). É oportuno esclarecer que a constituição do verbete, isto é, a escolha de suas informações, depende do tipo de instrumento cultural que se deseja produzir. Porém, há alguns componentes básicos para a estruturação do verbete. Para Andrade (2004), o mais simples verbete deve conter “pelo menos três níveis de informação: classe da palavra a que pertence a palavra-entrada; definição ou equivalência sinonímica e abonação ou exemplo de emprego, ou seja, entrada, informação taxionômica, informação sintática, informação semântica e pragmática” (ANDRADE, 2004, p. 36)

Desse modo, para um melhor domínio da prática lexicográfica, escolhidas as entradas e todos os paradigmas que integram o enunciado lexicográfico, estes devem ser mantidos ao longo de toda obra, com o intuito de garantir o rigor metodológico. De acordo com Barbosa (1990, p. 4), estes elementos e a própria metodologia que permite a construção de uma obra lexicográfica, organizam-se, sobretudo, em função de sua natureza.

Assim, observando essa necessidade de normalização dos procedimentos elegidos e a adequação aos objetivos, na descrição da estrutura dos verbetes que constituem o glossário, seguimos uma sistemática constante, orientando-se pelo seguinte modelo:

Entrada + categoria gramatical + gênero + n° de ocorrência + abonação + definição + notas lingüísticas.

No que diz respeito à categoria gramatical, adotamos algumas abreviaturas, a saber:

S.f – para substantivos femininos Adj.f – para adjetivos femininos Verb – para verbos
S.m – para substantivos masculinos Adj.m – para adjetivos masculinos

Em relação à forma canônica da tradição lexicográfica, a palavra de entrada sofre um processo de lematização, ou seja, os nomes substantivos e adjetivos têm registro no masculino singular e os verbos no infinitivo. Percebemos, então, que algumas palavras apresentam-se na Língua Portuguesa apenas no gênero feminino.

Quanto às abonações, elas são recolhidas do próprio *corpus* de investigação e mantida a ortografia do autor, fato que permite ao leitor verificar, através da ilustração contextual da palavra, o que se escreve nas definições. Isso fará com que o consulente entenda também que as palavras inseridas em outros contextos poderão não corresponder aos sentidos propostos por Lobato em sua obra.

As definições, por sua vez, são estabelecidas por paráfrases explicativas, buscando algumas vezes a indicação de sinônimos⁴⁵, posto que estamos preocupadas apenas em apresentar os possíveis sentidos dentro do contexto literário lobatiano.

⁴⁵ Segundo Biderman (1984), os sinônimos também contribuem para o entendimento da palavra e devem ser indicados para tornar “mais completas as informações sobre o signo lingüístico que constitui a entrada lexical” (BIDERMAN, 1984, p. 39).

Ademais, construímos um glossário contextual, isto é, os sentidos dos neologismos estão contextualizados pelas abonações. Assim, é importante deixar claro que não conseguimos também extrair os sentidos fora de seus contextos, por isso, entendemos que o contexto é um elemento de suma importante para a elaboração de sentidos.

Posto isto, todas as notas são elaboradas para fornecer informações adicionais ou de caráter lingüístico. Nas observações lingüísticas, há referência à tipologia neológica, pois cada criação lexical está vinculada a uma classificação.

Por fim, a nossa proposta metodológica de construir quadros, após o registro de uma entrada, que archive as bases lexicais ou palavras já dicionarizadas, justifica-se pela aceitação da teoria neológica de Boulanger (1979). Neste contexto, no conjunto de palavras não atestadas nos dicionários que serviram de apoio para esta pesquisa, buscamos apresentar uma possível base lexical, já dicionarizada, para a partir dela, assegurarmos de algumas informações que possam contribuir para a construção de sentidos dos neologismos classificados como formais. Há que se perceber ainda que, a associação entre bases lexicais e afixos poderá resultar em novas formações lexicais. E estas inovações lingüísticas utilizadas também por Lobato, são permitidas pelo sistema das línguas.

Nos casos em que as palavras encontram-se registradas nos dicionários, tem-se a oportunidade de demonstrar que os neologismos utilizados por Monteiro Lobato adquiriram, no enunciado da obra, algumas facetas sugestivas de efeitos de sentidos. Isto é, no contexto literário estas palavras atualizaram semas diferentes. Assim, estes neologismos caracterizados como semânticos precisam ser estudados dentro do texto em que se encontram manifestos.

A seguir, iniciamos a análise dos dados e a construção do glossário de neologismos encontrados no *corpus*.

4.2 – Análise do corpus

4.2.1 - Palavras classificadas como neologismos semânticos.

1 - ACASTELAR

lexia	Definição do dicionário A.M.S (1813).
acastellar	v. at. Munir, fortificar com castellos: - o muro, a Cidade. § – se: recolher-se no castello da fortaleza. F. em casa forte; ou coisa que defenda.

lexia	Definição do dicionário C.A. (1881).
acastellar	(a-kas-te-lar), v. tr. Fazer à imitação de castello / Fortificar com castello: Acastellou a villa / v. pr. Defender-se em algum ponto fortificado. / Prevenir-se, precaver-se / F. A + castello + ar.

ACASTELAR (verb.) (1 oc.)

Abonação: “*O velho ouvira o zunzum da má vida; vacillava, entretanto, em abrir os olhos ao infeliz empulhado. Correu a mão tremula pela cabeça do moço, afagou-a, e morreu sem mais palavras. Sempre fôra amigo de reticencias, o bom velho. Elesbão regressou ao sitio com aquelle aviso a verrumar-lhe os miolos. Passou dias pensando nelle, e <acastellando> hypotheses, de cara amarrada*” (U, p. 131 – 132).

Sentido: O mesmo que construir, elaborar, reformular. Estar absorvido em, cogitar, meditar, matutar. Ato ou efeito de amontoar, agrupar, ajuntar ou reunir. Desse modo, podemos depreender, então, que acastellando tem o sentido de aglomeração de idéias, que não se consegue livrar facilmente delas, algo ou alguma situação do convívio social que apreende os nossos pensamentos, germinação de julgamentos prévios que vai nascendo, cultivando e pululando na mente de um indivíduo. Arquitetar juízos e/ou opiniões baseados em indícios, isto é, construídos por um amontoado de suposições, que são comungadas e, ao mesmo tempo, alimentadas por fortes convicções reais de nossa consciência. Diz-se, então, da aprimoração delongada de um raciocínio ou de uma apuração dialógica que diagnostica os

fatos, apoiando-se em algumas alternativas prós e contras que são mortificadas incessantemente em uma faculdade humana de pensar logicamente. Enfim, o mesmo que estar absorvido em pensamentos.

Notas Lingüísticas: O emprego do verbo “acastelar”, contextualizado nesta abonação literária, excede aos significados descritos pelos quatro dicionários consultados, haja vista que, por uma opção metodológica, já discutida na presente pesquisa, apenas dois deles estão representados acima. Assim, através da citação abonatória, é possível perceber que a palavra “acastelar” não corresponde simplesmente aos sentidos cristalizados por estes manuais lingüísticos, ao designarem-se as seguintes definições: fortificar com castelos, defender-se em algum ponto fortificado, precaver-se de algo ou, até mesmo, refugiar-se em algum lugar seguro, dentre outros. Isso demonstra que Monteiro Lobato produziu um neologismo a partir de uma palavra primitiva pertencente ao léxico da Língua Portuguesa, contudo, transferiu para ela um novo sema, caracterizando-se como uma lexia neológica semântica.

2 - ARANHOL

Lexia	Definição do dicionário A.M.S. (1813).
Aranhol	s. m. Armadilha de caçar aves, com feição de teia de aranha. § O lugar da teia da aranha, onde ella se recolhe.

Lexia	Definição do dicionário C.A. (1881).
Aranhol	(a-ra-nhol) s. m. buraco ou toca onde a aranha se recolhe. / Armadilha para apanhar pássaros, do feitio da teia de aranha. / F. Aranha + ol.

ARANHOL (s.m) (1 oc.)

Abonação: “*Vota. Não sabe em quem, mas vota. Esfrega a penna no livro eleitoral, arabescando em cinco bons minutos o <aranhol> de gatafunhos tremidos a que chama a sua graça. Se ha tumultos, chuchurreia de pé firme, com heroísmo, as porretadas oposicionistas,*

e ao cabo segue para a casa do chefe, de gallo cívico na testa e collarinho sungado para traz, afim de lhe depor novamente nas mão o "dipeloma" (U, p. 225).

Sentido: Linhas ou riscos traçados por qualquer objeto que escreve, cuja formação do tracejamento rabiscado no papel é visualizada por uma idêntica aparência aos fios de teias de aranhas. É um tipo de escrita que apresenta traços emaranhados, entrelaçados, torcidos e embolados, muito confusos. Caracteriza um conjunto de letras ilegíveis e mal formadas. Indivíduo que não apresenta uma coordenação motora para escrever e possui uma caligrafia tosca, mal traçada, uma verdadeira garatuja sem muita estética.

Notas Lingüísticas: Monteiro Lobato, ao designar a palavra ‘aranhol’ como um sinônimo de uma escrita malfeita, embaralhada e que lembre os fios de teia de aranha, conferiu a esta palavra um traço semântico novo e, portanto, neológico. Como podemos perceber, os sentidos analisados para o vocábulo ‘Aranhol’, em consonância com o fragmento abonatório, são completamente díspares daqueles expostos a uma lexia homógrafa descontextualizada nos dicionários cotejados.

3 - AZEITONA

Lexia	Definição do dicionário A.M.S (1813)
Azeitona	s. f. Fruto da oliveira, da qual se extrahе o óleo, ou azeite. Mart. C. 225. “Sam comparados a oliveiras carregadas de azeitona.” § Azeitona sapateira; muito molle, e quasi podre.

Lexia	Definição do dicionário C.A. (1881)
Azeitona	(a-zei-to-na) s.f. fructo da oliveira./ Cor de azeitona, uma variedade do verde escuro. / F. ar. Az-zeituna.

AZEITONA (s.f) (2 oc.)

Abonação: “ *Chismou-se de cabocismo. O cocar de pennas de arara passou a chapéu de palha rebatido á testa; a ocara virou rancho de sapé; o tacape afilou, criou gatilho, deitou ouvido e é hoje espingarda trouxada; o boré descahiu lamentavelmente para pio de inambu'; a tanga ascendeu a camisa aberta ao peito. Mas o substrato psychico não mudou: orgulho indomavel, independência, fidalga, coragem, virilidade heroica, todo o recheio, em summa, sem perder uma <azeitona>, dos Perys e Ubirajaras. Este setembrino rebrotar duma arte morta inda se não desbagoou de todos os fructos” (U, p.216-217).*

Sentido: A menor porção, a parte primordial, a essência de alguma coisa. Qualquer atitude ou qualidade do indivíduo que, entre outras coisas, o exalta, o engrandece e, ao mesmo tempo, eleva a uma maior perfeição. Os traços, as características, os vestígios da conduta humana e da esfera mental de um indivíduo ou de grupos de indivíduos. A percepção, o pensamento, a sensibilidade e o modo de proceder de certos grupos indígenas. Refere-se, ainda, a parte mais importante da qualidade ou da personalidade de certos grupos indígenas, dentre os seus atributos, destacam-se o ‘espírito’, a ‘alma’ e a ‘mente’.

Notas Lingüísticas: Acreditamos que, para esclarecer melhor a palavra ‘azeitona’, faz-se necessária uma contextualização da crítica literária inserida na narrativa. Neste trecho abonatório, ‘azeitona’ não significa necessariamente o ‘fruto da oliveira’, mas uma alusão crítica às características e à própria postura do sertanejo na literatura brasileira, que nos oferece uma imagem bastante próxima ao índio idealizado no romantismo por José de Alencar. Monteiro Lobato, completamente avesso à imagem romântica do sertanejo, revela em “Urupês”, o caboclo de carne e osso que conheceu. Segundo o autor, esta figura humana era fraca, indolente, supersticiosa e feia. Derruba, também, uma tradição inaugurada por José

de Alencar, que apontava a mestiçagem do índio com o branco como geradora de uma nação forte. Neste contexto, Lobato desvenda e institui a tese do caboclisto, ou seja, a mistura de raças gera um tipo fraco, indolente, preguiçoso, passivo.

Face ao exposto, podemos dizer que ‘azeitona’ é uma palavra já existente na língua, mas foi usada em um novo contexto, com novos sentidos e/ou valores. Temos, portanto, uma palavra neológica do tipo semântico.

4 - BIOCO

Lexia	Definição do dicionário A.M.S. (1813).
Bióco	s. m. Ademães, gestos affectados para dar a entender que alguém que os faz é modesto. <i>Eurf.</i> 1. 4. para desanimar os namorados. <i>Eurf.</i> 2.7 f. 91 § Para inspirar medo. <i>Albuq.</i> 2.7 P.P.2. 124.§ Bicos de virtudes. H. Dom. P. 2§. <i>Andar a mulher de bioco</i> ; coberta c’o manto affectando modéstia.

Lexia	Definição do dicionário C.A. (1881).
Bioco	(bi-ô-ku) s. m. Mantilha que algumas mulheres usavam cobrindo a cabeça e parte do rosto, para affectar uma vida austera: Mas quem diz mal de nós? Talvez a do <i>bioco</i> . (Castilho). / (Por anal.) Manta ou lenço que envolve a cabeça e parte do rosto. / (Fig.) Ademanes, gestos affectados para simular modéstia, virtude, santidade; modo hypocrita [quase sempre usado no plural]: confessava que tudo alli via de oração, mortificação e penitência eram <i>bicos</i> de virtude falsa. (Fr. L. de Souza) / Reserva excessiva e affectada. / Ameaças vans, ferros: Estes emissários da ira real começaram com bicos e bramidos a metter medo as creança. (R. da Silva) / F. ital. <i>Baiucco</i> .

BIOCO (s.m.) (1 oc.)

Abonação: “A terra... Nós mal damos tento da nossa profunda adaptação ao meio terreno. A sua fixidez, o variegado de aspectos, o bulício humano, a cidade, os campos, a mulher, as arvores... Sabem os pharoleiros melhor do que ninguem o valor dessas teias. Enlurados num < **bioco** > de pedra, tudo quanto para nós é sensação de todos os instantes nelles é saudade ou desejo. Cessam os ouvidos de ouvir a musica da terra, rumorejo de arvoredo, vozes amigas, barulho de rua, as mil e uma notas d’uma polyphonia que nós sabemos que o é, e encantadora, unicamente quando uma segregação prolongada nos ensina a lhe conhecer o *rythmo*” (U, p.11-12).

Sentido: Qualquer cavidade construída, artificialmente, de pedras, em forma de gruta ou caverna. Muralhas que são utilizadas para cobrir, abrigar, fortalecer, ou defender-se contra ataques de qualquer natureza. Paredes altas e espessas, geralmente compostas de grandes blocos de pedra, usadas para cercar determinada área, servindo-lhe também de proteção ou como divisa com relação ao exterior. Um espaço vazio, oco, cercado naturalmente de pedras. Algo ou alguma coisa que oferece resistência a assédio, ataque, ou mesmo que seja apropriado para a execução de algum tipo de atividade.

Notas Lingüísticas: Embora a palavra ‘bioco’ esteja arrolada nas obras lexicográficas, aludidas neste estudo, suas definições são bastante distintas quando comparadas ao sentido contextualizado desta palavra no fragmento literário Lobatiano. Portanto, estas análises nos direcionam a probabilidade de ser um vocábulo neológico semântico.

5 - CHUCHURREAR

Lexia	Definição do dicionário A.M.S. (1813).
chuchurrear	v.at. Beber pouco e pouco, sorvendo, e fazendo um soído.

Lexia	Definição do dicionário C.A. (1881).
Chuchurrear	(xu-xu-rrri-ar) v. intr. Beber aos goles, sorvendo e fazendo ruído. / (Flex) V. <i>Ablaquear</i> / F. onomatopica.

CHUCHURREAR (verb.) (1 oc.)

Abonação: *“Vota. Não sabe em quem, mas vota. Esfrega a penna no livro eleitoral, arabescando em cinco bons minutos o aranzol de gatafunhos tremidos a que chama a sua graça. Se ha tumultos, <chuchurreia> de pé firme, com heroísmo, as porretadas opposicionistas, e ao cabo segue para a casa do chefe, de gallo cívico na testa e collarinho sungado para traz, afim de lhe depor novamente nas mão o “dipeloma” (U, p. 225).*

Sentido: Enfrentar, não desistir, encarar. Atacar de frente, fazer face, acometer, combater. Resistir a, suportar, agüentar. Olhar de frente, afrontar sem medo. O mesmo que obstinar, recalcitrar.

Notas Lingüísticas: De acordo com a terminologia de Boulanger (1979), consideramos que ‘chuchurrar’ é um neologismo semântico já que o lexema existente assume, no contexto acima, um sentido conotativo. Portanto, não se trata de uma nova palavra, mas de um novo significado para uma palavra conhecida. Na verdade, o que é neológico é o sentido da palavra.

6 - CUIADA

Lexia	Definição do dicionário C.F. (1925)
Cuiada	f. Bras. Porção, que pôde ser contida numa cuiá (de cuiá)
Cuia	Fruto da cuieira. Casca do fruto da cuieira. Almofada de cabellos postiços, que faz parte de certo penteado feminino. * Bras. Vasilha, feita da fruta cuité. * Bras do S. Vasilha de barro, ou de cabaço, etc., em que se prepara o mate e donde se toma por um canudo, que se chama bomba. * Pl. Conchas da balança. (T. Guar).

Lexia	Definição do dicionário L.F. (1957)
Cuiada	s.f. De cuiá + ada. Porção de infusão de mate que pode ser contida numa cuiá.
Cuia	s. f. Do guar. Fruto da cuieira. / 2. casca do fruto da cuieira que depois de seca é empregada na fabricação de pratos, púcaros e outros utensílios. / 3. almofada de cabelos postiço, que, em certo penteado feminino, se coloca sobre a nuca./ 4. Vasilhas, feita de fruta cuité; cabaça. / 5. Vasilha de barro, ou cabaço, etc.; em que se prepara o mate e donde ele se toma por um canudo chamado bomba. / 6. Medida de capacidade para secos equivalente a 1/32 de alqueire. / 7. Gír. Cabeça.

CUIADA (s.f) (3 oc.)

Abonação: “- *Você fica com o pau, cachaceiro – concluiu Pedro – mas deixa estar que há de chorar muita lagrima p’r’amor disso. / - Béeé! estrungiu Nunes triunfalmente. / Os Porungas desceram, resmoneando em conciliabulo, seguidos do olhar victorioso de Nunes. / - Então, compradre? Viu que <cuiada > choca? E’ só chá de língua, pé, pé, pé, mas chegar mesmo? quando! O guampudo conheceu arruda pelo cheiro” (U, p.69).*

Sentido: Palavra desdenhosa e irônica, usada para designar pessoas desprovidas de inteligência. Uma porção de cuias, isto é, de cabeças ou cucas incompetentes, ignorantes, estúpidas e tolas.

Notas Lingüísticas: No fragmento lobatiano, a palavra ‘cuiada’ passou a ser usada num contexto que lhe é próprio. Esta palavra não significa necessariamente “Porção, que pode ser contida numa cuia”, mas o sentido depreendido é de uma chacota dirigida a um grupo de pessoas, que são expostas ao ridículo, ao desdém, por serem consideradas “abelhudas”, imbecis e de curta inteligência. Desse modo, pode-se depreender que, ‘cuiada’ é uma palavra existente no léxico português, mas foi empregada em um novo contexto, onde lhe foi conferido um novo sentido. Segundo a definição de Boulanger (1979), podemos defini-lo como um neologismo semântico.

7 – DEBULHAR

Lexia	Definição do dicionário A.M.S (1813)
Debulhar	v. at. Tirar o grão dos casulos. § Desfolhar v.g. debulhar uma flor. § Debulhar-se em lágrimas, chorar muito.

Lexia	Definição do dicionário C.A. (1881)
Debulhar	(de-bu-lhar), v.tr. separar o grão dos cereais (do competente involuero e das folhas, praganas, etc.) / Tirar a pelle dos fructos: debulhar um pecego. / lat. Despoliare.

DEBULHAR (verb.)(1 oc.)

“Nunes passava os dias na obra, vendo o compadre desbastar a madeira com um braço só. Pasmava daquillo, e do adjutório que ao braço perfeito dava o toco aleijado. Entrementes <debulhavam> historias . O velho sabia coisas, e Nunes respondia com outras, tendenciadas sempre a patentear a ruindade dos Porungas” (U, p.70).

Sentido: Relatar, expor, reproduzir as histórias, fictícias ou não, uma atrás da outra. Diz-se, então, do hábito de narrar várias histórias, casos alheios ou aventuras.

Notas Lingüísticas: Podemos considerar que a palavra ‘debulhar’ é um neologismo semântico, decorrente da atribuição de um novo significado a uma unidade lexical já conhecida e também de uso na Língua Portuguesa. Em face disso, há que se destacar que a palavra ‘debulhar’ foi empregada pelo escritor Monteiro Lobato, com uma carga expressiva diferente.

8 - MUNHECA

Lexia	Definição do dicionário A.M.S (1813)
Munheca	s.f. A juntura da mão com braço, o collo da mão.

Lexia	Definição do dicionário C.A. (1881)
Munheca	(mu-nhe-ka) s.f. (anat.) o pulso, a parte do corpo onde a mão se liga ao braço. / F. hesp. <i>Muñeca</i> .

MUNHECA (s.f) (5. oc.)

Abonação: “*Emquanto isso Maneta, desageitadamente, ia escavando o cocho a machado e enxó. Depois rasgou as furas da haste, e afeiçãoou a <munheca>. Promptas que foram, atacou o pilão. Escava que escava, em tres dias pol-o de lado, concluso. Restava sómente apparelhar a virgem*” (U, p.70).

Sentido: Depreende-se que seja o eixo central do monjolo. Ou, ainda, a mão de monjolo, peça que serve para pilar.

Notas Lingüísticas: A palavra ‘munheca’ já existe na Língua Portuguesa, mas foi usada em sentido conotativo. Trata-se, portanto, de um novo uso desta palavra, pois no contexto da obra

literária, adquiriu novos traços sêmicos. Com base na teoria de Boulanger (1979), podemos classificá-la como um neologismo semântico.

9 - PASSAMENTO

Lexia	Definição do dicionário A.M.S (1813)
Passamento	s.m. Estar em passamento; e, na hora da morte, em agonia “tudo nelle erão anciãs, e passamentos.” Feo, Trat. 2. f. 146. B. Clar. 3.c.26. “estava em passamento” na Edic. De 1791. Tom. 3.f. 282. erradamente vêi passatempo.

Lexia	Definição do dicionário C.A. (1881)
Passamento	(pa-ssa-men-tu), s.m. morte; agonia da morte: As palavras solennes de consolo e de esperança que a Egreja consagrou para suavizar a hora tremenda do passamento. (Herc.) / F. Passar + mento.

PASSAMENTO (s.m) (1. oc.)

Abonação: *“Ganha fama de caloteiro. / - Parecia um homem serio, e no entanto roubou-me cinco alqueires de milho, diz o da venda, calabrez gordo, enricado no <passamento> de notas falsas”* (U, p.187).

Sentido: Ato de movimentar, transitar, circular algo ou alguma coisa. Diz-se, também, da ação de passar de mão em mão. Contrabando, comercialização ou, ainda, uma transação ilegal.

Notas Lingüísticas: A lexia ‘passamento’ encontra-se registrada nos dicionários seleccionados, e é reconhecida pelos falantes da Língua Portuguesa. Contudo, esta palavra ao ser empregada no trecho literário lobatiano, exposto acima, revitalizou não somente o seu uso, como também, os seus sentidos. De acordo a teoria de Boulanger (1979), a lexia estudada é considerada um neologismo do tipo semântico.

4.2.2 - Palavras classificadas como neologismos formais.

1- ALADAINHADO

Bases Lexicais	Definição do dicionário A.M.S. (1813).
Ladainha	s.f Preces, com que se invoca a favor divino, rogando à Virgem, ou aos Santos, que no-lo alcancem, e orem por nós. § F. Copiosa, longa narração. <i>Vieira. faz buma ladainha de seus serviços. Couto, 6.4.5 bia dizendo bua ladainha do que elle queria</i> (em reproche dos que chamava, que saíssem das casas das amigas, para o trabalho).

Bases Lexicais	Definição do dicionário C.A. (1881).
Ladainha	(la-da-i-inha), s. f. oração ou supplica á Virgem e aos Santos invocando aquella e estes pelos seus nomes e atributos symbolicos a fim de que roguem a Deus pelos fieis: A procissão sahia gravemente entoando as <i>ladainhas</i> e preces publicas. (Garrett.) / (Fig.) Longa e fastidiosa enumeração: Fazer a <i>ladainha</i> das suas desgraças. A que vem cá toda essa <i>ladainha</i> ... responde com viveza a linda esposa (Fil. Elys) / F. lat. Lítania.

ALADAINHADO (adj. m.) (1 oc.)

Abonação: “*A modinha, como as demais manifestações de arte popular existentes no paiz, é obra exclusiva do mulato, em cujas veias o sangue recente do europeu, rico de atavismos estheticos, borbulha de mistura com o sangue selvagem, alegre e são do negro. O caboclo é soturno. Não canta senão rezas lúgubres. Não dança senão o batuque <aladainhado>. Não escolte o cabo da faca como o Kabyla. Não compõe sua canção como o fellah do Egypto*” (U, p. 230 – 231).

Sentido: Podemos considerar que a palavra ‘aladainhado’ significa ritmos ou barulhos reiterados e fastidiosos, geralmente, produzidos por instrumentos de percussão. É também muito comum, num acompanhamento musical, a participação de pessoas que ajudam a realizar movimentos alternados fazendo uso de batidas, pancadas em objetos de sons musicais ou, até mesmo, seus integrantes incrementam sapateados fortes e repetidos. Outras vezes, entoam cantigas seguindo a seqüência dos sons que são repercutidos. Possivelmente, estes sons reiterados induzem o indivíduo, no caso, o caboclo, a executar movimentos corporais de

maneira ritmada e com coreografias semelhantes, muito enfadonhas⁴⁶ e sem apresentar grandes inovações, harmonizando-se à própria composição musical de notações uniformes. Há, então, relações próximas à ladainha que realiza na reza, e não propriamente no canto ou na dança, uma série de invocações curtas cantadas ou recitadas por um celebrante e, ao mesmo tempo, repetidas pelos fiéis em celebração a Deus, a Virgem e aos santos.

Notas Lingüísticas: Percebemos que Monteiro Lobato usou uma base lexical já conhecida pelo falante, apontada como ‘ladainha’, e caracterizou o som produzido pelo batuque como ‘aladainhado’, observando não somente na produção acústica, mas também na construção gestual do seu bailado uma análoga estrutura com aquelas preces religiosas acompanhadas de ‘ladainhas’. Em razão disso, temos um batuque “aladainhado”, formada de [a + ladainha+ada], um neologismo formal constituído por derivação sufixal e prefixal⁴⁷.

2- ALIADISMO

Bases Lexicais	Definição do dicionário A.M.S (1813)
Alliado	Part. pass. de Alliar. § subst. V. g. os <i>allidados</i> .
Alliar	v.at. Fazer, contrair aliança. § Aliar-se: ligar-se com vinculo de afinidade. § Confederar-se. § <i>Alliar metaes</i> , mistura-los em certas proporções, para vir a ter preço proporcional ao das quantidades misturadas, e as suas qualidades.

Bases Lexicais	Definição do dicionário C.A. (1881)
Alliado	(a-li-á-du) adj. Juncto por aliança. / s. m. O que fez aliança. / Apaniguado, sequaz, cúmplice. / Parente por afinidade. / F. <i>Alliar</i> + <i>ado</i> .
Alliar	(a-li-ar) v. tr. Reunir , juntar, ligar, combinar: <i>Alliar</i> a valentia com a prudencia. / Reunir em um interesse commum, em uma acção commun (falando dos estados, dos povos, das

⁴⁶ Monteiro Lobato no artigo “Velha praga” denuncia a devastação do fogo provocado no campo pelo caboclo, conforme percebe-se nesta abonação há uma alusão crítica a personalidade dos caboclos nômades que apresentam gestos grosseiros, tedioso, uma aparência triste e sombria manifestada, inclusive, em uma dança monótona, cansativa, pouco atrativa por não proporcionar também a mesma vivacidade das modinhas do mulato.

⁴⁷ Necessário se faz registrar que sabemos da dificuldade que se tem em classificar determinadas palavras como parassintética. Por isso, muitos autores têm enfatizado a problemática do tratamento de algumas palavras inseridas nesta classificação, dentre estes autores, podemos citar: Sandman (1989-1997), Rocha (1998), Basílio (2003) e outros. Desse modo, observando as diferentes concepções teóricas e algumas divergências entre os mesmos, resolvemos, neste estudo, falar-se simplesmente em derivação sufixal e prefixal. Haja vista também que o nosso foco de estudo é o neologismo, portanto, não temos a intenção de posicionar-nos em nenhuma dessas discussões.

	classes ou das pessoas): Os interesses do commercio alliam a Inglaterra a Portugal. / Unir por casamento. / v. pr. Concluir um tratado de aliança: A Prússia <i>alliou-se</i> com a Itália contra Áustria. / Harmonizar-se, conciliar-se: A religião não póde <i>allia-se</i> com uma vida lissoluta. / Unir-se por casamento. / F. Lat. <i>Alligare</i> .
--	--

ALIADISMO (s. m.) (1 oc.)

Abonação: *“Tudo isto afim de que não falte aos soletradores de taes e taes bibocas desservidas de trem de ferro o pabulo diario da graxa preta em fundo branco, por meio da qual se estampam em língua bunda as facadas que deu o Pé Espalhado no Camisa Preta, o queijo que furtou o Bahianinho ao Manoel da Venda, o hábeas-corpus ao Caetano, o romance traduzido do Jorge Ohnet, os salvamentos de pátria da alta volataria nacional, o palavriado gordo das ligas d'isto e d'aquillo, a descoberta de espões onde nada ha que espisar, a polycultura, o zebu, o analphabetismo, o <aliadismo>, o germanismo, as potocas da Havas, e quanta mais papalvice grela por massapés e terras roxas deste paiz das arabias”* (U, p. 187 – 188).

Sentido: No contexto literário, podemos depreender que ‘aliadismo’ é relativo a um sistema forte de aliança⁴⁸ entre pessoas, partido político ou classes sociais que possuem propostas e ações comuns, em que os membros de uma mesma corporação estabelecem um pacto entre si para fortalecer os seus ideais, buscam como propósito convencer autoridades ou uma população a pleitearem a favor dos seus projetos sociais, planos políticos que divulgam ser de interesse público ou empresarial. É possível também um agravamento de rivalidades contra aqueles manifestantes que não são adeptos as suas razões ou que representem algum tipo de ameaça partidária. Refere-se, portanto, a uma convivência recíproca entre grupos sociais numa mesma façanha compactuada, sendo comum a ocorrência de alguns casos de ladroagem, corrupções, vantagens alheias ou engabelações sociais.

⁴⁸ É oportuno ressaltar, aqui, as alianças formadas entre alguns países que se uniram durante a primeira Guerra Mundial (1914). Provavelmente, Monteiro Lobato, como homem participativo e inteirado aos acontecimentos políticos, acompanhou os noticiários desse fato histórico e, portanto, influenciado por tal episódio, forneceu ao léxico português a criação do neologismo “aliadismo”.

Notas Lingüísticas: O vocábulo ‘aliadismo’ constitui uma criação lexical não alistada nos dicionários compulsados nessa pesquisa, porém, encontramos as bases lexicais tais como: ‘aliar’ e ‘aliado’. Em ‘aliadismo’, temos uma palavra nova acoplada de um sufixo –ismo, este sufixo, por sua vez, acrescenta a base [aliad-] uma significação acessória de ‘algum sistema político’. O mesmo sentido faz-se presente, normalmente, na descrição de certas lexias como: federalismo, feudalismo, partidarismo. Dessa maneira, é perceptível também na lexia ‘aliadismo’ um facciosismo político, apresentando uma característica neológica do tipo formal, derivada de uma base lexical [aliad-] acrescida do sufixo [-ismo].

3- ALUARADO

Bases Lexicais	Definição do dicionário A.M.S. (1813).
Lua	s. f. O Planeta que anda mais próximo a terra. § <i>LadRAR a lua</i> se diz o que falla, e grita contra aquelle, a quem não pôde fazer mal. §. <i>Ter a Lua sobre o forno</i> : estar aluado, com ataque de loucura. Ulis. F. 10 <i>Vos estais agora com a lua sobre o forno</i> § <i>Homem de luas</i> : o que não é igual no seu humor, que talvez obra como alocado. § . fig. <i>Uma Lua</i> : um mez. §. <i>Meya Lua</i> ; a figura della de metal, que alguns Mouros trazem nas suas toucas. §. <i>Meya Lua</i> ; obra de Fortificação militar, diante dos Baluartes em forma de Revelim triangular; e interiormente em forma de Lua crescente. § <i>Lua de fogo</i> : cautério com ferro da feição de Meya Lua: usado entre os alveitares. §. <i>Lua</i> , na Química, o mesmo que prata. §. Enchente, vasante da Lua; o crescer; o mingoar mingoante da Lua. §. <i>Lua nova</i> ; a Lua logo que torna a apparecer no principio do Mez lunar. §. <i>Lua cheya</i> ; quando o seu disco está todo illuminado. §. <i>Renova-se a Lua</i> , reveza, ora em fio, ora em crescente, ora em sua redondeza. §. <i>Lua cris</i> ; eclipsada. §. <i>Achar sempre a mesma Lua em as coisa, e pessoas</i> : não achar mudanças. Cam. Son.
Luar	s.m. O clarão da Lua.

Bases Lexicais	Definição do dicionário C.A. (1881).
Lua	(lu-a). s.f. satélite que gira em volta da terra, descrevendo uma órbita elliptica no espaço de 27 dias, 7h 43' 15'' 5''' . / Fig. Um mez. / O crescente ou meia lua: Firmes ainda nas lanças musulmanas, profanas luas brilham. (Garrett) / Eclipse da lua, o seu desaparecimento momentâneo devido à interposição da terra entre ella e o sol. [O povo chama lua cris à lua eclipsada.] / Edade da <i>lua</i> . V. Edade / Phases da <i>lua</i> . V. Phase/ Lua nova, diz-se quando ella está em conjuncção ou quando se acha entre a terra e o sol voltando para nós a sua face obscura./ <i>Lua cheia</i> ./ Meia <i>lua</i> . V. meia <i>lua</i> / (Hipp.) <i>Lua</i> de fogo, cautério feito com um ferro em forma de meia-lua./ <i>Lua</i> de mel, o primeiro mez ou os primeiros dias que se seguem ao dia do casamento: Os noivos foram passar a lua de mel a Cintra. / (Bot.) <i>Lua</i> de água, nome do nenuphar branco. / <i>Ter lua</i> , ter pancada na mola, ter telha / Estar com a <i>lua</i> , disparatar, despropositar./ <i>LadRAR a lua</i> . V. <i>LadRAR</i> / F. <i>Luna</i> .
Luar	(Lu-ar). S.m. o clarão da lua: a claridade que ella espalha sobre a terra: Luar de janeiro não tem parceiro, mas lá vem o de agosto que lhe dá pelo rosto (prov.) Só o espaço, o ceo e o luar melancholico que batia n'estas solidões...(R. da Silva)/ F. Luar + ar.

ALUARADO (adj. m.) (1 oc.)

Abonação: *“Deixei-me ficar á janella a ver cahir a tarde. Nada mais triste do que umas ave-marias no ermo. A treva espressára as águas e absorvia no céu os derradeiros pallores da luz. No poente, um leque< aluarado>, vermelhaço nas varetas, com dedadas sangrentas de nuvens a barral-o de listrões horizontaes. Triste...”* (U, p. 20).

Sentido: É a combinação ou fusão dos últimos raios de luzes do pôr do sol com o brilho da lua que desponta no céu. As primeiras luminosidades espargidas do luar, a manifestação de um esplendor de luzes solares refletidas pela lua. Expansão gradativa e irradiante de uma claridade pela luz da lua. Relativo aos instantes iniciais das várias nuances repercutidas pelo brilho do luar.

Notas Lingüísticas: ‘Aluarado’ é uma formação nova no léxico português, temos uma base lexical [-luar-] conhecida pelos usuários da língua, aderida a um prefixo [-a] e um sufixo [-ado]. O referido sufixo notifica, dentre outros sentidos, a designação de ‘aproximação, adicionamento’. Já o sufixo [-ado] formador também de adjetivos a partir de substantivos, informa, especificamente, nesta palavra o significado de ‘ provido de, que possui’. Assim, temos um neologismo formal composto por derivação sufixal e prefixal, em que a particularidade do sentido de cada um desses componentes formadores de palavras vem acrescentar a unidade vocabular ‘Aluarada’, uma definição de ‘aproximação da lua, que é provido ou possui o brilho do luar’.

4- BEATIFICATÓRIO

Bases Lexicais	Definição do dicionário A.M.S. (1813).
Beatificação	s.f. Acção de beatificar, fazer feliz. § O estado do beatificado. § O declarar a igreja alguém por Bemaventurado no Ceo.
Beatificar	v. at. Declarar a Igreja algum morto entre o número dos que gozão da visão beatifica de Deos. §. fig. Fazer feliz (<i>beare</i>) <i>Vieira</i> . “Os trabalhos padecidos por amor de Deus

	<i>beatificação.</i> ” 2.§ Dar a Bemaventurança. Paiva, Ser. 1.f. 332. Depois desta vida vos beatifique <i>Deus</i> por Gloria e f. 153. v. Christo no Ceo beatificando os Anjos.
--	---

Bases Lexicais	Definição do dicionário C.A. (1881).
Beatificação	(bi-a-ti-fi-ka-ssão) s.f. acção e efeito de beatificar. / Ceremonia ecclesiatica na qual o papa, assistido pelo collegio dos cardeaes, declara, que uma pessoa já fallecida mereceu por suas virtudes entrar no numero dos bemaventurados, recommendando-a por isso ao culto religioso e á invocação dos fieis, mas sem impor obrigação. [N’isto differe de canonização]./ F. beatificar + ao.
Beatificar	(bi-a-ti-fi-kár) v.tr. Fazer beato ou bemaventurado, conduzir á bemaventurança celeste. / Fazer feliz. / Declarar beato pela cerimonia da beatificação. / (Fig.) Fazer passar como santo ou como próprio de santo ou como bom. / v.pr. Fazer-se bemaventurado. / Louvar-se em excesso. / F. lat. beatificare.

BEATIFICATÓRIO (adj.m.) (1 oc.)

Abonação: “*S. Benedicto, e o arção das sellas que inda é hoje Santo Antonio. Isto, no fundo, talvez commova de lagrimas o calendário; mas não deixa bem airados os santos varões. Não valeu apena ao primeiro padecer martyrios <beatificatorios> para descer á terra transfeito em lenho, e andar por ahi nos distúrbios a empolar gallos no coruto dos espancados*” (U, p.138).

Sentido: Que serve para ou que tem força de beatificar. Que encerra beatificação, que beatifica.

Notas Lingüísticas: Trata-se também de uma palavra nova, construída por uma base lexical [beatificar] que foi justaposta ao sufixo [-(t)ório]: beatificatório. Este sufixo é produtivo na formação de adjetivos a partir de um verbo e apresenta no contexto o sentido de ‘ação de beatificar’ ‘pertinente à beatificação’. Com base na terminologia de Boulanger (1979), a palavra ‘beatificatório’ seria, portanto, um neologismo formal.

5 - BICHANCA

Bases Lexicais	Definição do dicionário A.M.S. (1813).
Bicho	s.m. Todo genero de insectos, e animalejos, que vive nas madeiras, frutas, nos lugares humidos, no corpo dos aminais. §. Animal montezinho, feroz. § Gente vulgar, de pouca conta: v. g. O bicho da mantieria, servos, criados della. Eufr.5.1 o bicho escolástico, na

	Universidade. § Bichos. V. Molas § Mal do bicho: doença causadas de bichos, que andão nos intestinos crassos.
--	---

Bases Lexicais	Definição do dicionário C.A. (1881).
Bicho	(bi-xu) s.m. nome de qualquer animal excepção do homem, das aves e dos peixes e mais particularmente os insectos e vermes. Essas peras têm bichos. Madeira com bicho [...] / Bicho de conta, insecto da família das Myrianpodes que vive de baixo das pedras e sítios úmidos e se enrola quando le tocam (iulus) / Bicho de seda, a lagarta de um insecto do genero bombyx (v. mori ou b. sericaria). / (Fig.) Bicho da consciência, o remorso. / Mal do bicho, doença occasionada por vermes existentes no intestinos. / Bicho do matto, fera; (fig.), pessoa intratável, amiga da solidão. / o bicho homem, o homem considerado como animal malfazejo. / Diz-se do homem tido por creatura pobre, miserável, mortal. / Bicho de cozinha, creado ou creada da cozinha. / Pessoa muito feira. / Casa ou pateo dos bichos, recinto fechado onde estão mettidos animaes ferozes. / Pancada de crear bicho (phr. Pop.) muita pancada. / Matar o bicho (loc.pop.) beber aguardente antes do almoço. / Matar o bicho do ouvido a alguém, importunar alguém com pedidos ou narrações fastidiosas; gritar-lhe ao ouvido. / -, pl. piolhos: A crença tem bichos.

BICHANCA (s.f.) (1 oc.)

Abonação: - *"Uma coitada que nem nome tem. E'mansa, está muito perto da terra, não faz mal a navio. Ali mora um anequim, <bichanca> do tamanho do diabo, que gosta de virar canoas. Mas, aqui para nós, moço, isso é embromação"* (U, 1918, p. 16).

Sentido: A palavra 'bichanca' é uma forma de se referir a um animal vertebrado, grande, feio, muito pesado que se abriga no rio ou mares. Qualquer coisa, vista de longe no rio, com um formato comprido ou movimentos ondulantes e que produza a impressão de algum bicho aquático perigoso, consideravelmente, de aparência enorme. Próprio de bicho, alguma espécie animal de tamanho espantoso, diferente do homem, que possa procriar, ter instintos e provocar algum tipo de medo.

Notas Lingüísticas: O vocábulo 'bichanca' não consta em nenhum dos dicionários analisados e, por isso, com base na teoria neológica de Boulanger (1979), podemos afirmar que esta palavra é uma criação lexical classificada como neologismos formais, um dos processos geradores bastante produtivos de neologia, composto por uma derivação sufixal. Não é demais lembrar que este vocábulo apresenta alguns sentidos congruentes a três lexias que já

fazem parte do léxico português e, ainda, encontram-se lexicalizadas. Para esta exemplificação, temos: bichão, bicharoco, bicharrão.

6- CABOCLOCÊNTRICO

Bases Lexicais	Definição do dicionário C.A. (1881)
Caboclo	Adj. De cor de cobre; acobreado (no Brazil). / F. nome de uma raça indígena do Brazil.

Bases Lexicais	Definição do dicionário C.F. (1925)
Caboclo	(bô), adj. Bras. Que tem côr acobreada. M. Mestiço. * Bras. O mesmo que carijó. * Homem do sertão, de côr morena semelhante á dos bugres. Cf. Vald. Silveira, Caboclos. (Do tupi caá-boc).

CABOCLOCÊNTRICO (adj. m) (1 oc.)

Abonação: *“Todos os volumes do Larousse não bastariam para catalogar-lhes as crendices e como não ha linhas divisórias entre estas e a religião, confundem-se ellas n’uma emmaranhada anastomose. Não ha distinguir onde uma pára e outra começa. A ideia de Deus e dos santos torna-se < caboclocentrica>. São elles os graúdos lá de cima, os coronéis celestes, debruçados no azul para espreitar-lhes a vidinha e intervir nella, ajudando um e castigando outro, tal qual como os mettediços deuses de Homero. Uma torcedura de pé, um estrepe, o feijão entornado, o pote que rachou, o bicho que arruinou, tudo isso diabruras da côrte celeste para castigo de más intenções ou actos. Dahi o fatalismo. Se tudo movem cordeis lá de cima, para que luctar, reagir? Deus quis”* (U, p. 228-229).

Sentido: É a visão que os caboclos têm de Deus ou dos Santos como o centro de todas as coisas. O significado de Deus sob o ponto de vista dos caboclos. Os caboclos têm Deus como ponto de convergência de tudo, como o centro ou a medida do universo. Essa divindade superior ao caboclo pode conduzir suas vidas, propiciar dádivas a quem merece ou retirar-lhe tudo quando não é digno de sua graça. Assim, na perspectiva do caboclo, Deus como um ser

supremo, infinito, eterno, justo, tem uma influência especial no destino do homem e do universo.

Notas Lingüísticas: ‘Caboclocêntrico’ é uma palavra não arrolada nos dicionários referenciados neste estudo. No entanto, consideramos que estabelece relação com a lexia ‘caboclo’, porém, há presença de novos sentidos devido ao acréscimo de um elemento de composição [cêntri-] e, ainda, do sufixo [-ico], o que atribui à lexia estudada uma nova formação lingüística. Desta forma, o componente [cêntri-], conjuntamente com o sufixo [-ico], transpõe a base lexical [caboclo] a idéia de: centro / ideologia (Doutrina) / humana. Vale ressaltar que, não raras vezes, o referido sufixo tem relação estreita com as formações em [-ismo]. Por isso, podemos encontrar algumas lexias já lexicalizadas como: antropocêntrico/ antropocentrismo, cristocêntrico/ cristianismo, etnocêntrico/ etnocentrismo, teocêntrico/ teocentrismo etc. Do mesmo modo, para a nova criação lexical ‘caboclocêntrico’ (doutrina dos caboclos que vê Deus como o centro), classificada por nós como neologismo do tipo formal, por curiosidade, averiguamos e confirmamos a existência da lexia ‘cabocloclismo’⁴⁹, conferindo um sentido específico de “*ato ou sentimento próprio de caboclo*”. Portanto, acreditamos que Monteiro Lobato, como falante da Língua Portuguesa, utilizou-se do conhecimento das regras de formação de palavras e das potencialidades simbólicas desta língua para criar novas palavras, revitalizando o nosso repertório lexical.

7 - CARRETILHADO

Bases Lexicais	Definição do dicionário A.M.S (1813).
Carretilha	s.f. Roda de metal enfiada n’um eixo, com que se cortão, deixando um lavor, as massas de forrar pasteis, bolos, &c. §. Foguete de canudo que se solta. §. Broca embebida n’um rodete, que se gira com um arco; instrumento de ferreiros e espingardeiros.

⁴⁹ O vocábulo ‘cabocloclismo’ foi encontrado somente em dois dicionários, aqui pesquisados, sendo o primeiro de autoria de Cândido de Figueiredo e o segundo de Laudelino Freire.

Bases Lexicais	Definição do dicionário C.A. (1881).
Carretilha	(ka-rre-ti-lha) s.f. dim. De carreta/ (Ferr.) Broca embebida em uma roda, que se faz girar com a corda de um arco movido à mão. / (Techn) Depressão circular que forma com que uma cinta ao meio dos casulos finos e ovaes da seda. F. carreta + ilha.

CARRETILHADO (adj. m) (1 oc.)

Abonação: “- *D. Laurita, estou adivinhando que este foi enrolado pelas suas mãos, lamechei eu tomando um delles./ - Qual? acudiu a menina, - esse que não tem marca de carretilha? / - Sim. / Ella desferiu a mais Argentina das risadinhas. / - Justamente os que não tem marca são da Lucrecia... / - Ora você, cascalhou Fausto, a confundir as artes da prima com os da preta! / - Os meus são estes, disse Laura, apontando os <carretilhados>” (U, p. 202).*

Sentido: Que é modificado pela carretilha. As massas de pastéis ou bolos que já foram percorridas pela carretilha, ou seja, encontram-se cortadas pela carretilha.

Notas Lingüísticas: A palavra ‘carretilhado’ é uma nova criação lexical, resultante do processo de derivação sufixal a partir do substantivo ‘carretilha’, ao qual se juntou o sufixo [-ado], que adiciona um significado de “marca feita com um instrumento”. Portanto, consideramos o sentido próximo aos sentidos possíveis atribuídos à palavra neológica contextualizada nesta abonação. É importante destacar que encontramos também algumas formações lexicais semelhantes em nossa língua, tais como: penada (traço de pena), pincelada (traço ou toque de pincel) e outros. Sendo assim, segundo a terminologia de Boulanger (1979), temos em ‘carretilhado’ um neologismo do tipo formal.

8- DESEMBARCADIÇO

Bases Lexicais	Definição do dicionário A.M.S. (1813).
Desembarcadouro	s.m. lugar onde se desembarca. B. 4. 10. 15.
Desembarcar	v.ar. Tirar da embarcação para fora . § v. n. Sair da embarcação.
Desembargador	s.m. Magistrado Mayor, que despacha as causas, e litígios nas Relações, e no

	Desembargo do paço, e outros Tribunais, Desembargadores de Fazenda. Ord. Af. T. 44. argum. “Desembargadores d’ElRei, assy da Fazenda, como da Justiça”. Ibid. § “por seus Desembargadores, também de sua Fazenda, como do livramento (despacho, ou desembargo) do nosso Paço”
Embarcação	* N/C

Bases Lexicais	Definição do dicionário C.A. (1881).
Desembarcador	(de-zen-bar-ka-doi-ru) s. m. lugar de desembarque / F. Desembarcar + oiro.
Desembarcar	(de-sem-bar-Kár), v. tr. Tirar ou fazer sahir de um navio, etc.; pôr em terra (os passageiros, as mercadorias). / -, v. <i>intr.</i> Sahir da embarcação; saltar em terra. / F. Des+embarcar.
Desembargador	(de-zen-bar-gha-dor) s.m. título que antigamente se attribuia aos juizes das relações, casa da supplicação e desembargo do paço, e por que ainda hoje são vulgarmente designados os juizes das relações. / F. Desembargar + or.
Embarcação	(em-bar-ka-di-ssu) adj. e s.m. que anda ou costuma andar embarcado; marinheiro, marítimo./ F. embarcar +iço.

DESEMBARCADIÇO (s.m.) (1 oc.)

Abonação: “Ao passar por pé d’um magote de catraeiros, um delles chasqueou em tom amolecado: - “Gerebita, como vae a Maria Rita?. O <desembarcadiço> rosnou um palavrão de grosso calibre e seguiu caminho, de sobreceño carregado. Interessou-me aquella typo” (U, 1918, p. 13).

Sentido: Aquele que desembarca ou tem a disposição de trabalhar diariamente em um local de desembarcação. O indivíduo encarregado de retirar pessoas e mercadorias de um navio e colocá-los em terra. Um servidor que exerce o ofício de cuidar, organizar, pôr, despachar alguns produtos, muitas vezes, deve acompanhar o seu itinerário e depois retirá-los de um cargueiro. Designação qualificada a alguém pelo ato ou função de desembarcar algo ou alguém.

Notas Lingüísticas: Na palavra [des + embarcad + iço] temos não somente um prefixo **des-** que transmite a idéia de movimento de tirar, sair, separar, mas também, uma lexia substantiva formada por um sufixo **-iço** a partir de um verbo. Interessante perceber que a maior produtividade de palavras com o sufixo **-iço** está na formação de palavras adjetivas advindas

de um verbo, como por exemplo: achacadiço, achadiço, abafadiço, agarradiço, agastadiço, agitadiço, apaixonadiço, apanhadiço, assustadiço, atiradiço, atoladiço, descontentadiço, desenfadadiço, desenfastiadiço, encalmadiço, encontradiço, enfastiadiço, enjoadiço, espantadiço, fugidiço, malcontentadiço, malhadiço, namoradiço, movediço, quebradiço, zangadiço. Raras são as formações de vocábulos com o sufixo **-iço** originado de formas verbais e tendo como resultado palavras substantivas. Somente foi possível localizar duas⁵⁰ lexias: alagadiço (subst. e adj.), meio-serviço (subst.). Dentre elas, podemos inserir a palavra neológica ‘desembarcadiço’(subst.).

Isso nos leva a inferir que Monteiro Lobato, ao criar uma palavra inexistente na Língua Portuguesa, utilizou-se também de um recurso de formação com o sufixo **[-iço]**, ainda pouco comum no que diz respeito à substantivação dessa forma sufixal provenientes de um verbo. Assim sendo, faz-se necessário assinalar a declaração de Bauer (1983), referenciada por Rocha (1998) de que “sob o ponto de vista estatístico, a linguagem literária é mais exceção do que regra no comportamento lingüístico”. (ROCHA, 1998, p. 122). A propósito, é perceptível que a lexia ‘desembarcadiço’ não foi registrada nos dicionários escolhidos para uma investigação neológica, por isso, optamos pela comparação de que o vocábulo [embarcadiço] encontra-se destituído do prefixo **des-**, portanto, a palavra pesquisada caracteriza-se como um neologismo formal composto de uma base lexical [-embarcad-] unida a dois componentes derivacionais: o prefixo [des-] e o sufixo [-iço].

9- DESGRAMADO

Lexia	Definição do dicionário A.M.S (1813).
Desgramado	*N/C

⁵⁰ Para obtermos esta conclusão foi feita uma listagem exaustiva de palavras com uma terminação sufixal em **[-iço]** presente na Língua Portuguesa, consultadas nos dicionários descritos nesta pesquisa e em outros de acesso eletrônico para facilitar o levantamento, pois o nosso objetivo era justamente encontrar palavras com esse sufixo e visualizar a predominância de classes de palavras que se enquadram tais palavras, embora foi significativo ter conhecimento de que há poucas exceções de formações substantivas com o sufixo **-iço** a partir de um verbo.

Lexia	Definição do dicionário C.A. (1881).
Desgramado	*N/C

DESGRAMADO (adj. m) (1 oc.)

Abonação: “*Segurava então a barbica do mento e sonhava as grandezas futuras, balanceando prós e contras. Os contras já estavam de fóra. Só havia prós. E concluía, entrando em casa, para a mulher: - Este anno quebro um milhão <desgramado>! Carecia, pois, de armar monjolo. Desdobrado em farinha o milho, vinham dobrados os lucros*” (U, p. 66).

Sentido: Que ou que está em grande quantidade, ou em abundância, ou em demasia. Grande porção de; grande parte de; uma quantidade indefinida.

Notas Lingüísticas: Não encontramos a palavra ‘desgramado’ em nenhum dos dicionários selecionados para esta pesquisa, porém, podemos estabelecer uma comparação entre esta lexia e a palavra ‘desgraçado’. Assim, em ‘desgramado’ é notável um cruzamento com as lexias ‘desgraça’ ou ‘desgraçado’, já que é também usado, popularmente, no sentido de ‘infeliz, de má sorte, desventurado, infame ou miserável’. Nestas condições, o vocábulo ‘desgramado’ tem sido aludido com uma maior frequência entre os falantes da Língua Portuguesa, até mesmo em substituição a ‘desgraçado’, talvez por ser aquela uma forma menos afrontosa, menos constrangedora e de caráter eufêmico. Podemos dizer que a palavra des + grama + ado é formada por uma derivação sufixal e prefixal e, de acordo com Boulanger (1979), é um neologismo formal.

10- EMBIRINCHAR

Bases Lexicais	Definição do dicionário A.M.S (1813)
Birra	s.f. Doença de bestas, ou vícios, com que sentindo a garganta apertada se ajuda de ferrar os

	dentes na mangedoura, para poder engolir. § birra: pertinácia teima caprichosa, paixão, sanha, agastamento. Eufr. 5. Não lbe dardes o vosso, be mais birra, que gosto: “Vos escrevo de birra.” D. Franc. Man. Cart. 13. Cent. 4. § .Tomar birra com alguém; engar com elle, trazer tensão com elle. / gil / vicente, f. 163.
Emberrar	v. n. Ateimar com ira, enfado, paixão, reprovando alguma coisa; famil. <i>Embirro</i> nisso; <i>embirro</i> para ali. Eufr. Ficar birrento, se elle <i>embirrar</i> , e te deixar a boas noites, e se casar ? Aulegr. Se <i>embirão</i> estas raparigas, ou morrerá o asno, ou quem o tange. Ulis.

Bases Lexicais	Definição do dicionário C.A. (1881)
Birra	(bi-ra) s.f. (veterin) vicio que teem algumas cavalgadas de ferrarem os dentes com muita força em alguma coisa e especialmente na manjedoura. / Teimosia, capricho, pertinácia: Ahí torna à birra d’antes. (Castilho) / Ter birra com alguém, ter-lhe antipathia, aversão.
Emberrar	(em-bi-rrar) v. intr. (com a prep. em) teimar com ira e pertinácia, enfado, paixão, reprovando alguma coisa; Embirro em cortar o arvoredado / [Com a prep. com] Antipathizar; demonstrar ódio, aversão, malquerença: Pois com as vivas também me eu quero, com defunctas embirro. (Castilho)/ Tornar-se provocante com dictos, picuinhas: Deixe-me homem, não embirre! (Castilho.) F. Em + birra + ar.

EMBIRRINCHAR (verb.) (1 oc.)

Abonação: “- Este, Mendanha, é moço bonito que o que quer é dinheiro e pandega, você não vê? / - Qual! <embirrinchou> o teimoso, sempre há de saber pouco mais que os velhos; aprendeu coisas novas. No caso da Nhazinha Leandro, não a poz boa n’um apice? ” (U, p.99).

Sentido: Falar com obstinação ou enfado, emitindo, ao mesmo tempo, um ruído alto e agudo, similar ao rincho. Agir com insistência insensata e mostrar-se irritado atritando, assim, os dentes uns contra os outros.

Notas Lingüísticas: ‘Embirrinchar’ é uma nova criação verbal, não dicionarizada, que reúne forma e semas das palavras ‘emberrar’ e ‘rinchar’. Analisando a nova palavra, verificamos que houve a supressão do infinitivo verbal [-ar] de ‘emberrar’, mas manteve o seu radical acrescentando-lhe o verbo ‘rinchar’. Este, por sua vez, é também um verbo de 1ª conjugação, que permaneceu inalterável ao final da formação do novo vocábulo. Temos, assim, a junção de [embirr + rinchar], em que as letras -rr + r- passam a ser escritas somente como rr-, produzindo o fonema [X] e já o infinito verbal [-ar], como faz parte tanto da palavra

‘embirrar’ quanto do vocábulo ‘rinchar’, o que possivelmente ocorre é a sua transferência para a última sílaba da formação ‘embirrinchar’. Na terminologia de Boulanger (1979), podemos também classificá-la como neologismo formal.

11- ESGANIÇANTE

Bases Lexicais	Definição do dicionário A.M.S (1813)
Esganiçar-se,	v. at.refl. Levantar a voz com tom agudo, como cão que gane; no sentido próprio. Gloriando-se de o cão ficar esganiçando-se com a dor.

Bases Lexicais	Definição do dicionário C.A. (1881)
Esganiçar	(es-gha-ni-ssár), v.tr. tonar aguda (a voz) á imitação da do cão. / -, v. pr. Gritar com voz aguda semelhante o ganir do cão. / (Fig.) Cantar como que expremendo e esforçando a voz aguda. / F. Es+ ganir+ içar.

ESGANIÇANTE (adj.m) (1oc.)

Abonação: “*E coxeando, cambaio, semi-nú, tropeçando nas cruces, galgando túmulos com agilidade inconcebível em semelhante creatura, Boccatorra saltou o muro e fugiu, seguido de perto pela sombra <esganiçante> de Merimbico*” (U, p.157).

Sentido: Que produz a idéia de um som agudo do cão. Que reporta às lembranças dos tons estridentes do cão. O que pode emitir o sinal desta mesma voz. Diz-se também da persistência do ganido do cão.

Notas Lingüísticas: É notável que a palavra ‘esganiçante’ não se encontra registrada nos dicionários selecionados. Podemos perceber, na palavra contextualizada, a presença de alguns semas novos que lhe conferem também o caráter neologizante. Em relação à forma, cumpre destacar que [es + ganiç + ante] é uma nova formação lexical, composto por um processo de derivação prefixal e sufixal. De acordo com Boulanger (1979), seria também um tipo de neologismo formal.

12- ESTAFETADO

Bases Lexicais	Definição do dicionário A.M.S (1813)
Estafeta	s.f. Correyo, que acarreta as cartas das Villas para as Cidades, e leva as que o Correyo deixou na cidade para as Villas, e Lugares.

Bases Lexicais	Definição do dicionário C.A. (1881)
Estafeta	(es-ta-fé-ta) s.m. Correio a cavallo que leva os depachos, cartas ou encomendas de uma estação para a seguinte, onde as entregas a outro ou aos destinatários. / F. it. Staffetta.
Estafeteiro	(es-ta-fe-tei-ru) s. m. (ant.) O mesmo que estafeta. / Religioso que administrativa o correio da comunidade. / F. estadeta-eiro.

ESTAFETADO (s.m) (2. oc.)

Abonação: *“Quer dizer um real por cada nove braças de tormento. Com um vintem paga-lhe 330 metros de supplicio. Vem a sair um kilometro de martyrio por 60 réis. Não é caro. O <estafetado> entra a definhar de canceira e fome”* (U, p.184).

Sentido: É aquele que suporta uma vida penosa de estafeta. Portador de despachos, encomendas, cartas que têm trabalhos intensos, cansativos, muito fastidiosos e estafantes. Uma pessoa de aparência cansada, fadigada, que apresenta esgotamento físico e mental (com estafas) em consequência da vida martirizada que leva como estafeta.

Notas Lingüísticas: ‘Estafetado’, palavra não dicionarizada, criada por Monteiro Lobato, possivelmente, pela junção das palavras ‘estafeta’ e ‘estafado’. A partir de ‘estafeta’ temos o sentido de “correio a cavalo ou entregador de telegramas, cartas” e de ‘estafado’ o significado de “cansaço extremo”. Notamos que ambos os traços semânticos destas palavras estão presentes também no vocábulo ‘estafetado’. Quanto à forma, o que chama a atenção é o jogo de construção lexical, pois no início da nova palavra ‘estafetado’, podemos depreender a palavra ‘estafeta’ ou, ainda, se excluirmos as letras **-et** (de estafetado), a outra palavra resultante será ‘estafado’. Em síntese, supomos que Monteiro Lobato observando tanto a forma quanto o significado das duas lexias existentes na língua, criou uma terceira palavra de

caráter inusitado no léxico português. Para Boulanger (1979) seria, então, um neologismo formal.

13- ESTRECORTAR

Bases Lexicais	Definição do dicionário A.M.S (1813)
Cortar	v. at. Dar Golpe com instrumento afiado de ferro, ou pedra aguçada, e separar o que estava unido, em parte, ou de todo: v. g. cortar um dedo, cortar um braço. § Fig. Abrir, separar movendo-se, andando: e fig. Andar surdir: v. a ave corta os ares: o Navio os mares.[...] § Cortar as aza, no fig. Atalhar, tirar os meyo. § Cortas as unhas aos ladrões, aos malversadores. § Atalhar v.g. cortar o comboi, a marcha do inimigo, o passo. Cortou Deos a carreira do sol. Vieira. Cortar os intentos. § Cortar o caminho: interromper, atalhar com impedimentos: fazendo-o intratável, v.g. o inverno, cortá-lo ao inimigo derribando pontes; oppondo forças que obriguem a retroceder. [...] § Cortar por si refreyar-se; conter-se; ceder. § cortar pela majestade: deixar, depor, não usar dos direitos della. Vieira “cortou pela majestade, lançou-se aos pés dos homens” sofrer detrimento. Havemos de cortar pela Cavallaria (não usar do valor), e não pela vida (poupando-a). § Cortar por todos os embaraços, empenhos, vencer, romper, não fazer caso: assim cortar por obrigações particulares; por satisfazer á obrigação pública. § Cortar pelo sono; furtar o tempo ao sono. Vieira. “corta o taful pelo sono.” § pronunciar: v.g. “corta bem o Inglez:” famil. § Apparar: v.g. cortar a penna: - o livro que só há-de encadenar. § Talhar: v.g. - um vestido. § O rio corta a cidade: divide-a passando por ella. § Entalhar: v.g. - versos nos troncos das arvores. Bern. Lima. [...] § cortar tem o mudo, except. eu corto, tu cortas, elle corta, elles cortão e no subj. Eu, e elle corte, elles cortem.

Bases Lexicais	Definição do dicionário C.A. (1881)
Cortar	(Kur-tár), v. tr. Separar, dividir em duas ou mais partes com instrumento de gume: cortar o pão. Cort ar a carne. / Pode-se cortar á faca, diz-se das coisas espessas, de um liquido mais consistente do que o regular. / Cortar as orelhas a alguém, diz-se como ameaça de lh’as puxar fortemente: Não socego em quanto não tiver cortado com estas mãos as orelhas e a língua ao biltre abeatado. (Castilho) / (Fig.) Cortar os braços e as pernas a alguém, tirar-lhe todos os meios de operar efficazmente; causar-lhe uma grande consternação. / Cortar o mal pela raiz, extirpal-o destruir o que lhe dava origem. / Separar em duas ou mais partes, destruindo ou interrompendo por qualquer forma a continuidade: Cortar uma ponte. / Talhar sobre um molde ou segundo certas regras: Cortar umas calças. Cortar a cantaria. / Separar de todo com instrumento de gume; amputar: Cortar um ramo a uma arvore. Cortar uma perna. Supprimir: Cortar uma parte do artigo / (Fig.) Cortar as azas a alguém, tirar-lhe a liberdade de ação. / Fazer uma incisão, um golpe em: A faca cortou-me a pelle./ [...] Impedir, embargar (falando da voz das palavras): A dor cortava-lhe a voz./ Cortar a palavra a alguém, impedil-o de continuar a falar./ Interromper: Cortando o diálogo, abaixou levemente a cabeça em signal de approvação. (R. da Silva) Nenhuma esperança consoladora cortava o horror da morte. (Idem) / (Jog.) Cortar as cartas, dividir o barulho em duas ou mais partes; partir, talhar. / Cortar uma carta, jogar trunfo sobre a carta do parceiro. / - v. intr. Dar golpe, fazer incisão: Esta faca não corta bem. / Cortar por alguma coisa, supprmil-a: É preciso cortar pelas despesas inúteis. / (Fig.) Cortar largo ou por largo, gastar largamente; não dar importância a pequenas coisas. / Atravessar, cruzar: Cortamos por entre os viçosos pampanos do Cartaxo. (Garrett.) / (Fig.) Cortar direito, proceder com rectidão: Sou justo, corto direito. (R. da Silva) / -. V. pr. Ferir-se com um instrumento cortante: Cortou-se quando ia a partir o pão. / Fender-se, abrir pelas pregas: Esta seda cortase muito. / (Fig. Pop.) Cortar-se com alguma coisa, furtal-a, apoderar-se d’ella illicitamente. / F. lat. Curtare.

ESTRECORTAR (verb.) (1. oc.)

Abonação: “Com gritos de espanto que o cansaço e o bater dos dentes <estrecortavam> exclamou: - *Estão desenterrando Christina!* – *Eu vi uma coisa desenterrando Christina!... Eu vi!...*” (U, p.155-156).

Sentido: Impedir ou cortar a continuidade de um barulho intenso. O mesmo que causar pequenas interrupções ou intervalos na fluidez de um som maior e estridente. Cruzar ou romper o som penetrante através da intercalação de pequenos ruídos agudos e ofegantes. Em síntese, ‘estrecortar’ é equivalente a: “Interromper a espaços, cruzar-se reciprocamente; cortar-se mutuamente”.

Notas Lingüísticas: ‘Estrecortar’, que sugere a formação dos seguintes componentes [estre + cortar], é uma nova criação verbal, não lexicalizada em nossa língua, apresentando, assim, características neológicas do tipo formal.

14- ESVERDECER

Bases Lexicais	Definição do dicionário C.A. (1881)
Esverdeado	(es-ver-di-à-du) adj. De cor tirante a verde; mesclado de verde: Amarello esverdeado. Uma fazenda esverdeada./ F. Esverdear + ado.
Esverdear	(es-ver-di-ár) v. tr. Dar (a algum objecto) uma côr esverdeada ou verde. / - v. intr. e pr. Tomar uma côr verde ou esverdeada. / (Flex.) V. Ablaquear. / F. Es + verde + ear.

Bases Lexicais	Definição do dicionário C.F. (1925)
Esverdeado	Adj. Que tem côr tirante a verde. Mesclado de verde. (De esverdear)
Esverdear	v.t. Tornar verde. Dar côr verde ou tirante a verde a. * Prov. alg. Separar (a uva que vai para o lagar) da que é verde. * Prov. alg. Separar do figo pincre, nas esteiras, (o que é maduro). V. i. Tornar-se verde ou tirante a verde.

ESVERDECER (verb.) (1. oc.)

Abonação: “No meio della, em terreiro descoivarado, entremostra-se uma tapera. <Esverdece> o melão de S. Caetano por sobre o tapume arruinado do quintalejo, onde

laranjeiras hervadas, e uma ou outra planta domestica, marasmam agoniadas pelo matto suffocante” (U, p.124).

Sentido: Fazer-se verde; adquirir ou emitir a cor verde; mostrar-se na cor verde. Ou ainda, qualquer fruto que apresenta uma tonalidade verde por não estar maduro.

Notas Lingüísticas: A palavra ‘esverdecer’ é formada por uma base lexical [verde], acrescida de um prefixo [es-] e um sufixo [-ecer]. Neste caso, o prefixo [es-] apresenta um sentido próprio de “transformação” e já o sufixo formador de verbo [-ecer] indica a idéia de “ação incoativa ou mudança de estado”. Desse modo, podemos atribuir à palavra ‘esverdecer’ o significado de “o princípio de um novo estado, ou a passagem para um novo estado”, mais especificamente, deduzimos que seja a “mudança ou a passagem para uma cor que tenha as nuances do verde”. Segundo a terminologia de Boulanger (1979), a palavra estudada é uma criação lexical do tipo formal.

15- ETCETRANO

Bases Lexicais	Definição do dicionário A.M.S (1813)
Etcétera	V. Ecétra: etcetera é mais polido.
Ecétera	s.m. Com hum ecétera responde. Prestes, f. 37. ecétera, do Latim et, e cetera, palavras, que querem dizer: e o mais: e se usão por não repetir o mais que se havia, de dizer.

Bases Lexicais	Definição do dicionário C.A. (1881)
Et cetera	(é-de-ssé-te-ra), locução latina de uso freqüente que significa “e o mais, e outras coisas, e assim por diante”, e que escreve por abreviatura etc. ou &c. ou &.

ETCETRANO (s.m) (1. oc.)

Abonação: “*Além das encommendas pequenas, pouco trabalhosas, surgiam outras de vulto, como levar um cavallo arreado ao sr. Fulano que vinha em tal dia, acompanhar a mulher de < Etcetrano>, e que taes” (U, p.192).*

Sentido: Designação vaga de pessoa indeterminada, que se menciona depois de enumerar várias outras. Para evitar uma longa enumeração, seria o tratamento atribuído às demais pessoas de nomes desconhecidos ou que, intencionalmente, não se deseja nomeá-las. Supõe-se que seja a quarta das três pessoas mencionadas indeterminadamente, cabendo à primeira o nome de fulano, e à segunda o de sicrano, à terceira o de beltrano e, a partir da quarta, o de etcetrano.

Notas Lingüísticas: ‘Etcetrano’ é também uma nova criação no léxico português. Monteiro Lobato, possivelmente, observando o significado e a enumeração seqüencial de “Fulano, Sicrano e Beltrano”, assim como a informação genérica da locução “et cetera” (abreviatura ‘etc...’) criou uma nova palavra assinalada como ‘etcetrano’. É uma lexia desconhecida pelos falantes da Língua Portuguesa, formada por derivação sufixal [etcet(r) + -ano], que faz alusão tanto à forma e ao significado de ‘et cetera’ (empregada, comumente, para encerrar uma enumeração com o sentido de “assim por diante”), quanto a idéia de “indivíduo indeterminado”. De acordo com Boulanger (1979), ‘etcetrano’ é um neologismo formal.

16- FIDENCISMO

Lexia	Definição do dicionário A.M.S (1813)
Fidencismo	*N/C

Lexia	Definição do dicionário C.A. (1881)
Fidencismo	* N/C

FIDENCISMO (s. m) (2. oc.)

Abonação: *“Foi assim o caso: o novo pleito estava ás portas, como Catilina. Nova Victoria seria, para o estafeta, novo triennio de martyrio. Biriba ponderou de si para a sua egua que a salvação de ambos estaria na derrota. Demittiam-n’o, e elle, veterano e martyr do*

<**fidencismo**>, *continuaría com jus ao apoio do partido sem padecer pela via cocygeana o contacto odioso das sete horas diárias de socado. Deliberou trahir*” (U, p.195).

Sentido: Relativo ao nome Fidêncio, cuja pessoa é a principal interessada em um movimento político ou que tenha relações estreitas com algum grupo político. Palavra depreciativa atribuída a uma pessoa de nome Fidêncio, por conduzir uma política indolente e desonesta. A atuação política e social de Fidêncio. Período de seu governo ou de seu domínio na política. Ou ainda, movimento político-social de que foi chefe Fidêncio⁵¹.

Notas Lingüísticas: ‘Fidencismo’ é uma palavra criada a partir de um nome próprio, o sufixo [-ismo] é não somente um formador de palavras nominais, como em: “hitlerismo, quixotismo, budismo etc”, como também, remete-nos aos sentidos de “sistema, orientações políticas ou modo de proceder”. Depreende-se, assim, em ‘fidencismo’ as características de ambas as formações com o sufixo [-ismo]. Para Boulanger (1979), é um neologismo do tipo formal.

17- FLEXAÇO

Bases Lexicais	Definição do dicionário A.M.S (1813)
Flécha	e deriv. V. frecha, e deriv.
Frécha	s.f. Haste com farpa lisa, ou farpada, cujo extremo opposto se embebe na corda do arco para a disparar em caça, ou na guerra, seta: enrestar as fréchas: encara-las para as disparar. § Espécie de alavanca, que serve de erguer as pontes levadiças, por meyo das cordas, ou correntes, que à frecha estão atadas. § De frécha; adv. Direito a algum lugar, ou pessoa, sem se divertir ou parar. v.g. “veio a mim de frecha.” H. Naut. T. f. “aonde a terra se demandava de frécha”. Barr. 1.9.4 e freq. Couto, 10.7.6.

⁵¹ A nova palavra “Fidencismo” faz referência a uma política de caráter autoritário, exploradora e que traz grandes benefícios somente a uma determinada pessoa de cargo ilustre. Vale ressaltar que Monteiro Lobato era um escritor muito ligado a política de seu país, fez algumas denúncias em sua época, foi contra o Departamento Nacional de Produção Mineral e, por isso, foi preso. Aliás, é também pelo fato de Monteiro Lobato ser um escritor de notável consciência política e social que alguns de seus livros foram apreendidos pela polícia e, conseqüentemente, registrados no DEOPS (Departamento de Ordem Política e social, órgão ativo durante o período de 1924 a 1983).

Bases Lexicais	Definição do dicionário C.A. (1881)
Fecha	(flé-xa) s.f. frecha, setta, haste cuja extremidade é ordinariamente munida de um ferro triangular, chanfrado na base, e se arremessa por meio de um arco. / Qualquer objecto parecido com a flecha./ (Mecan.) A peça principal sobre que gira a machina. / (Geom.) Parte do raio perpendicular à corda, comprehendida entre ella e o arco, ou de uma curva symetrica que termina no arco e na curva. / (Archit.) A parte pyramidal em ferro, pedra ou madeira que remata as partes superiores dos edificios ou torres. / (Bot.) O mesmo que setta. / (brazil). A canna dos foguetes. / F. all. Flitsch.

FLEXAÇO (s.m) (1. oc.)

Abonação: “*O caboclo é o menino Jesus nacional. E’ de ver o orgulhoso entono com que respeitaveis figurões batem no peito exclamando com altivez: sou de raça de caboclo! Annos atraz o de que se orgulhavam era d’uma ascendencia de tanga, inçada de pennas de tucano e dramas íntimos obrigados a <flexaços> de curare*” (U, p.217).

Sentido: Grandes lançamentos de flechas. Diz-se, ainda, de golpes violentos de flechas, isto é, da tentativa de encantoar alguém e de causar-lhe sérios ferimentos com flechas. Ação e/ou efeito de espetar flechas.

Notas Lingüísticas: Em ‘flexaço’, o que nos chama a atenção é que o sufixo [-aço] expressa tanto a idéia de ‘golpe com X’ como a de ‘forte, violento’, com um valor de aumentativo. Esta função do sufixo [-aço], em português, cabe-lhe mais raramente, podendo ser ilustrada em algumas formações lexicais, a saber: joelhaço, pataço, chicotaço etc. Nesta perspectiva, consideramos que a palavra estudada é um neologismo formal, constituído por uma derivação sufixal.

18- GUINHOLESCO

Lexia	Definição do dicionário A.M.S (1813)
Guinholesco	* N/C

Lexia	Definição do dicionário C.A. (1881)
Guinholesco	* N/C

GUINHOLESCO (adj.m) (1. oc.)

Abonação: *“Como anoitecesse, recolhi pouco depois e deitei-me. Dormi e sonhei. Sonhei um sonho agitadissimo, <guinholesco>, com luctas, facadas, o diabo”* (U, p.23).

Sentido: Fantasioso, animado ou dotado de vida e movimento. Que revela toda uma imaginação e que parece ter movimentos bem distintos e reais. Cheio de vivacidade, mas com ações turbulentas e muito conflituosas. Que diverte, de modo original, envolvente, denso e fascinante.

Notas Lingüísticas: A palavra ‘Guinholesco’ não foi encontrada em nenhum dos dicionários consultados, também não foi possível localizar uma base lexical próxima à formação desta palavra. Deduzimos, assim, que esta palavra é formada por Guinhol + esco, em que o referido sufixo foi utilizado como recurso estilístico, pois atribui à lexia estudada uma força de expressão igual à de ‘extraordinário’, isto é, sugere uma conotação de ‘fantástico, fantasioso’. O sufixo [-esco] é um caracterizador de palavras adjetivais, temos, assim, em ‘guinholesco’ uma nova formação lexical de cunho também adjetival, classificada como um neologismo formal.

19- HILARIÃO

Bases Lexicais	Definição do dicionário C.A. (1881)
Hilare	(i-la-re), adj. (poet.) alegre, ledó, folgazão, risonho. / F. lat. Hilaris
Hilariante	(i-la-ri-an-te) adj. (poet.) que produz a alegria / (Chim.) Gaz hilariante, o protoxydo de azote, assim chamado porque produz, quando se respira, uma espécie de alegria./ F. r. Lat. Hilaris.

Bases Lexicais	Definição do dicionário C.F. (1925)
Hilare	Adj. Poét. Contente; risonho; folgazão. (Lat. hilaris).
Hilariante	Adj. Que produz a alegria. Que tem alegria. Gás hilariante, o mesmo que protóxydo de azoto. (de hilare).

HILARIÃO (s.m) (1. oc.)

Abonação: *“Tudo cança. Farto de tal vida, o < hilarião> entrou a sonhar nas delicias de ser tomado a serio, falar e ser ouvido sem repuxo de musculos faciaes, gesticular sem promover a quebra da compostura humana, atravessar uma rua sem presentir na piúgada um côro de ‘Evem o Pontes!’ ”* (U, p. 33).

Sentido: Hilarião é quem ou aquele que diverte as pessoas, que provoca alegria, risos e hilaridades. Aquele que diz ou conta piadas, isto é, que por atos e/ou palavras faz com que os outros riam. Alguém que gosta de se divertir e divertir os outros, são os piadistas, os trocistas, os gracejadores, os caçoadores e outros. Pessoa alegre, risonha, brincalhona, galhofeira. Diz-se, também, de uma pessoa que tem como única profissão alegrar os outros, como um meio de sustento e sobrevivência.

Notas Lingüísticas: ‘Hilarião’ é uma palavra nova na Língua Portuguesa, não lexicalizada, conquanto podemos considerar que temos uma base lexical [hilar-] conhecida pelos falantes da língua, acoplada a um sufixo [-ão]. Este sufixo é bastante produtivo em bases substantivais, serve para formar aumentativos, mas na palavra contextualizada, o seu sentido não é necessariamente de alguém que é ‘enorme’ ou que possui uma ‘estatura grande’. Na verdade, observamos uma ampliação do sentido deste sufixo que foi empregado, pejorativamente, para designar ‘alguém que gosta muito de’ ou que ‘faz algo habitualmente, ou em excesso’. Na terminologia de Boulanger (1979), esta palavra é, então, um neologismo formal construído por derivação sufixal.

20- INGRAMATICALISSIMA

Bases Lexicais	Definição do dicionário C.F. (1925).
Ingrammatical	ou ingramatical, adj. Contrário ás regras da grammática. (De in... + gramatical)
Ingrammaticalidade	ou ingramaticalidade, f. Qualidade de ingrammatical.

Bases Lexicais	Definição do dicionário L.F. (1957).
Ingramatical	Ou <i>ingrammatical</i> , adj. De <i>in</i> + <i>gramatical</i> . Contrário às regras da gramática.
Ingramaticalidade	Ou <i>ingrammaticalidade</i> , s.f. Qualidade de <i>ingramatical</i> .

INGRAMATICALÍSSIMA (adj.f) (1. oc.)

Abonação: *“O camarada contou a historia que para aqui translado com a possível fidelidade. O melhor della evaporou-se, a frescura, o correntio, a ingenuidade de um caso narrado por quem nunca aprendeu os pronomes e porisso narra melhor que quantos por ahi sorvem literaturas inteiras, e grammaticas, na anciã de adquirir o estylo. Grandes folhetinistas andam perdidos por esse mundo de Christo, entre a gente do campo, <ingrammaticalissima>, porém pittoresca no dizer como ninguem”* (U, p. 126 - 127).

Sentido: Qualidade de quem não sabe absolutamente nada de regras gramaticais. Aquele que se presume ser muito ruim ou péssimo de gramática. Atributo do que é incorreto e extremamente imperdoável, segundo o julgamento crítico de algumas pessoas ditas como cultas e, sobretudo, considerando os critérios estabelecidos nas gramáticas normativas⁵². Refere-se, ainda, a uma pessoa que não valoriza, não dá a devida importância, ou então, que não se preocupa muito com a construção gramatical dos textos.

Notas Lingüísticas: A palavra [*in* + *gramatical* + *issima*] é uma criação lexical resultante do processo de derivação prefixal e sufixal. Se considerarmos a existência da lexia ‘*ingramatical*’, talvez a formação que melhor nos corresponda seja: [*ingramatical* + *issima*]. Nesta perspectiva, procurando esclarecer o sentido desta palavra, podemos deduzir que, a

⁵² Monteiro Lobato tinha um certo receio aos professores de português, tanto que escreveu um dos contos mais interessantes da sua produção literária, intitulado: “O colocador de pronomes”. Além disso, no prefácio da obra “Urupês” (1947), ele demonstra verdadeira ojeriza aos acentos da Língua Portuguesa. Em síntese, estes fatos revelam também o interesse de Lobato em tornar a linguagem literária mais simples, sem rebuscamentos e, bem próxima a do universo popular. Monteiro Lobato foi um homem inovador no mundo das letras, foi o primeiro escritor a propor uma renovação na linguagem literária, um dos aspectos anunciadores da geração de 1922 e, portanto, demonstra um dos méritos de seu projeto nacionalista de cunho intelectual e artístico.

partir do prefixo [-in] obtemos somente a idéia de ‘negação’. Mas quando a base lexical ‘ingramatical’ é acrescida do sufixo superlativo [-issimo]. Sob o ponto de vista semântico, este morfema de grau atua com grande força estilística, pois amplifica o sentido e intensifica a qualidade que é expressa pelo adjetivo ‘ingramatical’. Em ‘ingramaticalíssima’ temos, então, uma nova formação lexical classificada como um neologismo formal. É uma palavra criada por Monteiro Lobato, possivelmente, pelos conhecimentos que tem da estrutura da língua, haja vista que a construção desta palavra é também permitida pelo próprio sistema lingüístico da Língua Portuguesa.

21- LOGICASINHA

Bases Lexicais	Definição do dicionário A.M.S (1813)
Lógica	s.f. A Arte, que ensina a pensar exactamente, e a descobrir a verdade, meditando, lendo, discorrendo, disputando, observando, experimentando

Bases Lexicais	Definição do dicionário C.A. (1881)
Lógica	(ló-ji-ka) s.f. a parte da philosophia que estuda as leis do pensamento e que expõe as regras que se devem observar na invenção e exposição da verdade. / O livro compendio ou tratado que ensina esta sciencia. / A aula onde se professa esta disciplina. / Raciocínio encadeado; ligação nas idéias; coherencia entre os principios e as conclusões. / (Pop.) Palavriado, artimanhas para enganar, lábia. / F. lat. Lógica.

LOGICASINHA (s.f) (1. oc.)

Abonação: “*Que interesse tinha elle no crime? / - Nenhum. Era o que allegava. Era como argumentava a <logicasinha> normal de toda a gente./ Não obstante, eu o trazia d’olho, certo de que era o criminoso*” (U, p.86).

Sentido: Relativo à curta inteligência, um raciocínio sem justeza, exatidão e coerência. Que é conforme o senso comum, isto é, determinadas opiniões e modos de sentir são geralmente aceitos de modo acrítico como verdades. Por isso, normalmente, considera-se que os pensamentos e as atitudes de tais pessoas são depreciáveis ou de pouco valor. Diz-se de pessoas que têm, no sentido irônico, um ‘raciocínio pequeno’.

Notas Lingüísticas: ‘Logicasinha’ é uma nova palavra, não alistada nas obras lexicográficas escolhidas, neste estudo, como *corpus* de exclusão. É oportuno notar que, nesta palavra, o sufixo [-z(s)inho] não tem tanto a função de indicar diminuição como a de expressar uma conotação de ironia, é pejorativo, e encontra-se presente também uma intenção emotiva do emissor. Entendemos que, tais considerações são o fito principal para a construção desta palavra. De acordo com Boulanger (1979), é também um neologismo formal, constituído por derivação sufixal.

22- OLHODARRUAVEL

Bases Lexicais	Definição do dicionário A.M.S (1813)
Olho	s.m. O órgão da vista; por onde passão os rayos da luz, para pintarem no fundo delle a imagem dos objectos: levantar os olhos ao Ceio. § Ter olho a sua utilidade; respeitar; olhar § Andar com o olho sobre o hombro: estar a letra, e vigiar-se de algum dano. § Estar com os olhos em alguma coisa; desejá-la. § Andar em olho: espiar. “andavão em oito da vinda das fustas.” Estar com os olhos longos, esperando com muito desejo, e olhando ao longe quando vei, couto. § Passar um papel pelo olhos; lê-lo sem ponderação, e mal. Vieira. § Viver a olho; sem ordem, sem razão. [...] § Estar em olho de alguém; observando-o. “estavão em hum tezo, em olho dos nossos.” Estavam em olho deste feito: olhando, vendo o que se obrava em armas. § Mostrar aos olhos; ver a olho. [...] § Dar olho: dar olhado. § Trazer alguém de, ou em olho; vigiar os seus passos, e acções. § Por no olho da rua; é, no meyo da rua. § Vento pelo olho, pelo meyo da proa, de todo em todo contrario ao rumo que se levava. § Olho de água; golpe della, que rebenta de algum buraco, ou abertura da terra. § Por-se ao olho do sol; é bem defronte, donde aos seus rayos vem mais direitos. § Quebrar os olhos a alguém. V. Quebrar § Trazer em olho: notar, ter conta, fazer caso: v.g. “Trazer em olho a alguém.” § Ter alguem em olho; estar vigiando-o, observando o que faz. “os tinhão em olho do lugar onde estavão escondidos.” [...] § Ver alguém com bons olhos: ter-lhe boa vontade, affeição. § Correr com os olhos algum lugar; examiná-lo olhando-o. [...]. A olho: visivelmente, ou como se mostrasse o objecto. “A Satyra, que sem nomear alguém notava os vícios tanto a olho (por meyo de vivas descrições), que bastava para ser conhecido o culpado”. § Encher os olhos: contentar, satisfazer.

Bases Lexicais	Definição do dicionário C.A. (1881)
Olho	(ô-lhu), s.m. (anat.) órgão da visão situado em órbita própria, de forma mais ou menos globular, ordinariamente em numero de dois, collocados na parte anterior da cabeça do homem e de quase todos os animais. / Órgão da vista considerado como indicio das qualidades ou defeitos do espírito, do character, das paixões, dos sentimentos: A bondade brilha nos seus olhos. / (Fig.) Olhar, vista, percepção operada pelo sentido da vista: Nenhum olho mortal pode este alcacer d’ora avante avistar. (Garret). [...] Dar uma vista de olhos. V. vista. [...] Trazer de olho alguém ou alguma coisa, espí-la, observá-la, tomar nota d’ella para na primeira occasião havel-a à mão. / Ver alguma coisa ou pessoa com bons olhos, ter-lhe affeição; com maus olhos, ter-lhe aversão e zanga. [...] Ver alguma coisa com olhos attentos, vê-la ou examiná-la attentamente. [...] A olho (loc. adv.), calculando só pela vista; sem conta, peso nem medida: Comprar ou vender a olho. / Até aos olhos (loc. adv.), muito, excessivamente, a mais não pode ser: Estou farto de o ouvir até aos olhos. Deante do olhos (loc. adv.), em presença, à vista. [...] A olhos vistos (loc. adv.), á evidencia, patentemente; de modo que todos vêem: Ficará-lhe molesto o peito, e a olhos vistos ia mudando.

OLHODARRUAVEL (adj.m) (1. oc.)

Abonação: *“A politica do coronel Evandro, em Itaóca, deu com o rabo na cerca, des’que em tal pleito o competidor Fidencio, tambem coronel, guindou a cotação dos botos de gravata a quinhentos mil réis, e os de pé no chão a dois aparelhos de roupa, mais um chapéo. O primeiro acto do vencedor foi correr a rasoura do Olho da Rua em tudo quanto era <olhodarruavel> em matéria de funcionarismo publico. Entre os roçados estava a gente do correio, inclusive o estafeta, para cuja substituição se inculcou ao governo o Izé Biriba.”* (U, p.188).

Sentido: Refere-se a todas as pessoas que eram passíveis de serem destituídas do seu emprego ou cargo. Aquelas pessoas que podem ou que devem ser mandadas para fora de um local de serviço, isto é, as pessoas que a *priori* merecem ser convidadas ou intimadas a deixar o seu emprego. O mesmo que analisar e decidir quais as pessoas que teriam de sair de suas repartições, as que não poderiam ficar, as que não lhe eram simpáticas.

Notas Lingüísticas: ‘Olhodarruavel’ é uma palavra nova no léxico português. Percebemos que foi criada a partir da expressão popular “olho da rua”, mas que sofreu, por sua vez, algumas alterações na forma escrita e na fonética. Assim, podemos considerar a seguinte formação lexical [olho + da + r(r)ua + vel]. Vale lembrar que a nova palavra foi grafada apenas numa única palavra. No que diz respeito ao sentido, entendemos que a presença do sufixo [-vel] contribui para adicionar a esta palavra, novos valores semânticos, uma vez que este sufixo informa também uma idéia de ‘o que ou quem é digno de’ ou ‘passível de sofrer determinada ação’. Desta forma, podemos depreender, pelo contexto da nova palavra, os seguintes sentidos ‘aquele que é digno de ser mandado a ir embora’ ou ‘aquele que é passível de ser demitido’. Com base na teoria de Boulanger (1979), podemos concluir que

‘olhodarruavel’ é uma criação lexical do tipo formal, por isso, uma lexia ainda não dicionarizada.

23- PASSARICO

Bases Lexicais	Definição do dicionário A.M.S (1813).
Passarinho	s.m. Ave pequena.
Pássaro	s.m O macho das aves.

Bases Lexicais	Definição do dicionário C.A. (1881).
Passarinho	(Pa-ssa-ri-nhu) s. m. dim. De pássaro. / (Zool). Passarinho moscardo, pássaro tenuirostro (trochilus). / (Bot) Casta de uva tinta cultivada no Minho, de que se conhecem duas variedades; o passarinho bravo; que a melhor, e o passarinho manso. / F. Pássaro + inho.
Pássaro	(pá-ssa-ro).s.m. nome das aves pertencentes á ordem dos passeres. / Qualquer outra ave pequena. / (Pop) Astuto, sagaz. / Pássaro bisnau.V. Bisnau / F. Lat. Passer

PASSARICO (s.m.) (2 oc.)

Abonação: “Dizia sempre: *pestinha, porque não morre? Bocca atôa, a comer, a comer. Estica o cambito, diabo! Isso dizia a mãe – mãe, hein? A Ignacia, entretanto, morava lá só para zelar da aleijadinha. Era quem a vestia, e a lavava, e arrumava o pratinho daquelle < passarico> enfermo*” (U, p.118).

Sentido: Diz-se de um ser humano pequeno, frágil, sensível e raquítico. Qualquer pessoa que tem um feitio físico doente, franzino, com poucas forças para movimentar-se e que vive confinado num cubículo e, por isso, sente-se aprisionado na ausência de cuidados ou de algum amparo humano. Sentimento comparável ao de um passarinho com um canto triste e movimentos fracos preso a uma gaiola.

Notas Lingüísticas: Podemos observar que não há o registro do vocábulo ‘passarico’ nos dicionários consultados. Conquanto alicerçados na teoria de Rocha (1998), acreditamos que

esta palavra é um exemplo de neologismo literário não pertencente à língua comum ou que ainda não se encontra presente na competência lexical média de um falante brasileiro, mas que foi construída por um autor de obras literárias ao fundamentar-se, essencialmente, nos conhecimentos que possui da estrutura de sua língua. A palavra ‘passarico’ é uma formação nova de uma base lexical [pássaro] utilizada no grau diminutivo - **ico**, classificada como neologismo formal, por ser criada através do processo de derivação sufixal.

24- PELOTADA

Bases Lexicais	Definição do dicionário A.M.S (1813)
Pellóta	s.f. Pella de ferro, ou chumbo. Orden. L.5.T. Eufr. “despedir pelotas.”

Bases Lexicais	Definição do dicionário C.A. (1881)
Pelota	(pe-lú-ta), s.f. péla pequena, bola de ferro ou de chumbo. / (Cir.) Instrumento ou parte de instrumento que serve para exercer compressão. / (Cir.) A almofada de uma funda herniária. / (Techn.) Cada uma das partes em que se corta a massa (do pão) depois de sovada, e que se atira contra o fundo ou contra as faces da masseira. / (Techn.) Almofada para alizar o pêlo dos chapéus depois de engommados. / (Brazil) Coiro de boi com as extremidades em fôrma de cesto. [N’elle se colocam as pessoas para atravessarem um rio onde não há canoa.] / (Trás-os-Montes) Pequena bola de neve. / F. Pela + ota.

PELOTADA (s.f) (1. oc.)

Abonação: “*Um negociante caloteado disse-lhe um dia, entre frouxos de riso baboso. - Você ao menos diverte, não é como o major Carapuça que caloteia de carranca. Aquelle recibo sem sello mortificou seu tanto ao nosso pandego; mas a conta subia a quize mil e seiscentos, valia bem a <pelotada>. Entretanto, lá ficou a lembrança della espetada como alfinete na almofadinha do amor próprio*” (pág.33).

Sentido: Grande soma de dinheiro; grande porção de dinheiro; montão ou bolo de dinheiro.

Notas Lingüísticas: Em ‘pelotada’, podemos obter uma base lexical [pelot-], conhecida pelos falantes da Língua Portuguesa, uma vez que se encontra presente também nas lexias ‘pelota’,

‘pelotão’, ‘pelotar’ etc. Contudo, ‘pelotada’ é uma nova criação lexical, pois é composta pela seguinte formação [pelot + ada], um neologismo formal, constituído por derivação sufixal. Percebemos que esta palavra faz uma analogia à expressão “*bolada de dinheiro*”, de uso em nossa língua. Desta forma, não é demais suscitar que o sufixo - **ada** revela, como característica predominante, encontrada inclusive na maioria⁵³ das palavras com essa mesma terminação sufixal, uma definição significativa de “uma determinada quantidade de algo ou alguma coisa”, convenientes também aos significados possíveis atribuídos em nossa pesquisa.

25- PORUNGADA

Bases Lexicais	Definição do dicionário C. F. (1925).
Porunga	f. Bras. Vaso de couro, espécie de borracha.
Purunga	f. Bras Vasilha, feita da casca de plantas cucurbitáceas. (De purungo)
Purungo	m. Bras O mesmo que cabaça . Cf. Corn. Pires, Quem conta, 5.

Bases Lexicais	Definição do dicionário L. F. (1957).
Porunga	s.f. Vaso de couro para líquidos.

PORUNGADA (s.f) (4 oc.)

Abonação: “*Foi quando contaram ao Nunes que Pedro Porunga trazia negocio dum besta arreada. Besta arreada! o Porunga! Aquillo doeu-lhe no fundo d’alma. Era atrepar demais. Que?! já roncam assim?! bravateou. Pois hei de mostrar á <Porungada> quem é João Nunes Eusébio dos Santos, da Ponte-Alta!* “ (U, 1918, p. 65).

Sentido: Família dos Porungas. Todos os integrantes de uma família que possui na assinatura de seu nome uma designação comum de Porunga. Palavra pejorativa empregada para denominar uma grande quantidade ou porções de pessoas com o sobrenome de Porunga.

⁵³ Embora, existam algumas exceções de vocábulos formados com o sufixo **-ada**, como por exemplo: paulada, pedrada, facada e outros, em que não se enquadram no sentido, particularmente, destacado como: “quantidade de”. O que não invalida a existência de palavras no léxico português com este sufixo, como também, a sua criação, inclusive, evidenciados com maiores proporções e produtividade no sentido ilustrado.

Notas Lingüísticas: Em ‘Porungada’, temos uma palavra criada a partir de um nome de família, uma generalização alcunhada a todos os membros dessa mesma linhagem, o sufixo [-ada] ao juntar a base lexical [Porung-] produz um efeito de bando, cambada de gente de uma mesma classe social, origem, ou ações semelhantes. Um sufixo bastante produtivo para a caracterização de formações lexicais contáveis e de categoria humana, inclusive, no que se refere a estes dois últimos aspectos, denota traços similares com: criançada, mulherada, meninada, molecada, rapaziada, gurizada, moçada e outros. Conforme podemos notar, ‘Porungada’ é uma palavra não dicionarizada, um neologismo formal produzido por meio de uma derivação sufixal [-ada].

26- ROMANTICÃO

Bases Lexicais	Definição do dicionário C.A. (1881)
Romântico	(rru-man-ti-ku), afj. Próprio do romance; que tem alguma coisa de phantastico como o que se descreve nos poemas e nos romances: Scenas, quadros românticos. / Próprio para as scenas amorosas ou romanescas; poético: Tenteio embalde as cordas do romântico alude (Garret) / Diz-se de pessoa que nas idéas, no caracter na natureza, revela o que quer que seja de cavalheiresco ou de poético, que o eleva acima da realidade prosaica: Espiritos, almas românticas. / (Por ext. efig.) Piegas; lyrico; que se imagina heroe de romance; que affecta desprendimento das coisas positivas. / (Litterat) Diz-se de um gênero artístico e litterario, em cujas tendências pronunciadas se nota uma completa independência das regras convencionaes e a mira no effeito (contrapõe-se a clássico): Litteratura romântica. Eschola romântica. / Que se afasta do estylo e modo de composição dos auctores clássicos./ -, s. m. partidário da eschola romântica./ o gênero romântico./ (fig) Pessoa que affecta ares românticos. / F. fr Romantique.

Bases Lexicais	Definição do dicionário C.F. (1925).
Romantico	Adj. Relativo a romance ou próprio d'elle. Fantasioso. Poetico. Devaneador: meninas românticas. M. Sectário do romantismo. Escripitor, que se desvia das regras clássicas. Aquelle ou aquillo que tem caracter romanesco. (Do fr. romantique)

ROMANTICÃO (s.m) (1. oc.)

Abonação: “- *Se pára o caso dos loucos e te mettes com intermezos poéticos para uso de meninas olheirudas, vou dormir. Volta ao pharol, <romanticão> de má morte. /- Devia castigar-te sonegando à tua curiosidade o epilogo do meu drama, ò filho do café e do carvão/ - Conta, conta [...]*” (U, p. 23).

Sentido: Palavra depreciativa, usada para designar pessoas que não apreciam muito as cenas amorosas, romanescas ou poéticas, ou que, mesmo assumindo ares de um romântico, busca somente cultivar a solidão e há preferência por temas trágicos.

Notas Lingüísticas: A palavra ‘romanticão’ é uma criação lexical, não dicionarizada, constituída pelos seguintes componentes [romantic + ão]. Podemos dizer que o sufixo –ã o foi empregado com um sentido depreciativo, pois a lexia pesquisada não apresenta, no contexto abonatório, o valor de um aumentativo. Recuperando a própria narrativa do texto, entendemos que o narrador-personagem queria escutar logo o final da história de um drama trágico ocorrido no farol, descrito, em alguns momentos, quase que poeticamente por Eduardo, uma personagem com quem o narrador bate-papo e fica sabendo, então, da morte de Cabrea, no farol. Cabrea, segundo a história de Eduardo, foi morto por seu amigo ‘Gerebita’, que a princípio acusou-o de ser um louco. Logo depois, o crime é justificado pelo romance proibido de ‘Cabrea’ com a mulher de ‘Gerebita’. Portanto, ‘romanticão’ não caracteriza uma pessoa de sentimentos exagerados ou um grande romântico, mas aquele que não se sensibiliza com comentários poéticos ou que evoquem a inspiração, interessa-se somente pelos desfechos de dramas bastante calamitosos. Na terminologia de Boulanger, ‘romanticão’ seria um neologismo formal, uma vez que é também composto por derivação sufixal.

27- SALTADEIRA

Bases Lexicais	Definição do dicionário A.M.S (1813)
Saltador	Adj Que salta.
Saltante	p. pres. de Saltar, que salta. § No Bras. Que se representa em postura de saltar.
Saltear	v. at. Accommetter de improviso aos passageiros, e viandantes, e rouballos nas estradas; accommetter fazendo de improviso algum mal.” Teu pai foi hoje salteala” (a D.Ignez de Castro) Ferr. Castro. F. § Fazer invasão bellica de repente, para fazer prezas por torra, ou em náos tontra náos. “armadas para saltear as náos.” Castan. 3. f. M. Lusit. §. Fig. Os animaes ferozes salteão. §. Salteou-nos, hum pé de vento. Eufr. § A luz salteou-me os olhos; deslumbrou-me ferindo nelles de repente. Lobo: e fig. Saltear a vista da razão. Cam.

	Son. “o prazer sempre saltea quem mais dele desconfia.” Id. Nos Anfitri. §. Causar sobresalto, susto. Castan. § Saltear, v.n. andara salto, viver de salto, rapina. at. Roubar, saquear em facção de guerra. “nom curees de saltear”. De saquear em commettimento naval. “lancharas vinhão correr a Malaca, e saltear os juncos, que a ella vinhão.”§ Saltear-se, ficar salteado, ou sobresaltado, como coisa inesperada. “não se salteou muito com aquella viinda. “El-Rei salteou-se com tamanha novidade”.
--	---

Bases Lexicais	Definição do dicionário C.A. (1881)
Saltador	(ssál-ta-dôr), adj. E s. m. que salta que dá pulos, saltão./ F. Saltar + ado.
Saltante	(ssál-tant-te), adj. Que salta: e o crebro estalo da saltante castanha. (garret) / (Herald.) que está representado em postura de saltar. / F saltar + ante.
Saltear	(ssál-ti-ár), v. tr. Atacar ou acometer de súbito para roubar ou matar, dar assalto a: Os soldados pervertidos salteavam próprios bemfeitores; e ajustados com os ladrões de profissão acometiam as casas ao meio dia.(R. da Silva)/ Saquear, roubar: de saltear tão ferozmente aos bens d’aquella ilha. (Fil. Elys) / Dar salto ou assalto em; roubar ou matar em: Até o pobre e atrevido ladrão, que desde o primeiro passo com que salteiam os caminhos ...(Vieira) / Suprehender, tomar de assalto, assaltar, atacar: chegado ao castello que ia saltear, era elle quem encostava a escada ao muro.(Herc.) [...] / accometter, tomar de improviso: Mas entre tantas palmas salteado da temerosa morte. (Camões). A tristeza que me salteou então, salteia-me novamente ao escrever estas... linhas. (J. Fr. Lisboa)/ Cahir de improviso sobre, suprehender: salteou-se uma chuva fina e importuna. (Fr. L. Sousa) / aparecer inesperadamente a: De nos saltear um rancho de moçoilas (Castilho) / -, v. intr. andar a salto; viver da rapina. / -, v. pr. Sobresaltear-se com alguma noticia temerosa ou pavorosa, torvar-se; assustar-se; espantar-se: El-rei salteou-se com tamanha novidade (Dicc. De Moraes) / (Flex) V. Ablaquear. / F. salto + ear.

SALTADEIRA (s.f) (1. oc.)

Abonação: “Era ás escondidas que apanhava as moscas e as “depennava”, brinquedo muito curioso, consistente em arrancar-lhes todas as pernas e azas, para gozar o sofrimento dos corpinhos inertes. Aos grillos cortava as <saltadeiras>, e ria-se de ver os mutilados caminharem como qualquer bichinho de somenos” (U, p.91).

Sentido: As pernas que saltam ou que dão pulos; perninhas pulantes; pernas que são apropriadas para saltar.

Notas Lingüísticas: A lexia ‘saltadeira’, composta de uma base lexical [saltad-] aderida ao sufixo [-eira], é uma palavra nova no léxico português. O sufixo [-eira] é também um formador de substantivo a partir de verbos e assume, nesta palavra, o sentido de: ‘Ato de (movimentar) ou efeito de (saltar)’. Monteiro Lobato caracterizou as perninhas do grilo

através de uma formação lexical nova e, ao mesmo tempo, se apropriou de um sufixo que denota, dentre outros sentidos, a própria idéia de ‘determinada ação’. Na terminologia de Boulanger (1979) ‘saltadeira’ é, portanto, um neologismo formal.

28- VEIADO

Bases Lexicais	Definição do dicionário A.M.S (1813)
Véa	s.f. Vaso do corpo humano por onde anda o sangue, sem pulsação. § Fig. A veyá d’agua, do rio; onde corre mais tesa: nadar contra a veyá a’agua; fazer coisa muito trabalho, ou impossível: fig. “querer ser bom entre roins he nadar contra a veyá d’agua”. Eufr § Na minas a parte dellas onde esta o metal, ou coisa que se tira; v.g. a veia do oiro vai muita profunda. § Sangue, geração; v.g. homem de alta veia. § Veias no mármore, os perfiz das malhas de vazias cores. § Ter veia de poeta; engenho poético. § ter veia de doido, tocar de doido. (Veya, melh. Ortogr.)

Bases Lexicais	Definição do dicionário C.A. (1881)
Veia	(vei-a), s.f.(anat.) nome genérico pó que se designa qualquer dos vasos que transportam o sangue venoso das partes periphericas do corpo para o centro circulatorio. / (por ext.; pop. e fig) qualquer vaso sanguineo: cai o moço miserando sobre as bárbaras areias; rebenta o sangue das veias. Indo victoria anhelando. (Bocage). / Disposição, tendência: Está hoje com veia para chalaças [...] / Caracter, qualidade: Veia de sábio, de philosopho, de doido. / (Fig.) Entrada, via de comunicação: ... a vida corre e se atropela sob todas as fórmulas por mil veias, rios, estradas e canneas (J.Fr.Lisboa) / Corrente, veio de água: Como fonte em jorro desatada serpeia pelo valle em cem veias. (Castilho) / Mina, Filão,veio: Das prestantes veias de oiro que a terra produziu. (Camões) / (bot.) Nome dado ás nervuras secundarias das folhas. / Veias de água, sitio onde a água corre com mais força: O lobo poz-se da parte d’onde a corrente nascia; o cordeiro mais abaixo na veia de água bebia, (Curv. Semedo.) / (Anat) Veias cavas, nome por que se designam dois grossos vasos que levam ao coração o sangue venenoso recolhido de todas as partes do corpo. / (Anat.) Veias portas, vasos venenosos que transmittem o sangue dos capillares de um órgão aos capillares de um outro órgão. / (Fig.) a idade em que o sangue ferve nas veias, a juventude. / (Fig.) a idade em que o sangue gela nas veias, a velhice. / Emquanto o sangue me gira nas veias, emquanto eu viver. / Estar de veia ou com veia para alguma coisa, estar de maré, com disposição, com tendência para praticar essa coisa: E pois que estou em veia de citações. (J. Fr. Lisboa). / Estar em veia de felicidade, estar feliz, conseguir tudo que deseja. / (Fig.) Ficar sem sangue nas veias, gelar-se o sangue nas veias, ficar transito de pavor, de medo, de susto. / Não ter sangue nas veias, não ter energia e coragem. / F. lat. Vena.

VEIADO (adj.m) (1. oc.)

Abonação: “*Embora se estampasse na bocca quanto fosse preciso para dar áquella creatura a culmancia da ascosidade, a natureza malvada fora alem, dando-lhe pernas cambaias, e uns pés deformados que nem remotamente lembravam a fôrma do pé humano. E olhos vivíssimos,*

que pulavam das órbitas empapuçadas, <veitados> de sangue na esclerótica amarella” (U, p.150).

Sentido: Que tem veias expostas ou visíveis. Que formou muitos vasos sanguíneos ou estrias.

Notas Lingüísticas: A palavra nova [vei + ado] é construída pelo processo de derivação sufixal. O sufixo [-ado] é também um formador de adjetivos a partir de substantivos e transpõe, especificamente, a base lexical [veia] uma significação complementar de ‘provido de’, ‘um tanto de’, ‘que tem caráter ou forma de’. Desse modo, podemos inferir o sentido contextualizado desta palavra, como: ‘provido de veias’, ‘cheio de veias’, ‘que tem o formato de veias’. De acordo com a terminologia de Boulanger (1979), podemos classificar a palavra estudada como um neologismo formal.

29- ZARATRUSTICO

Lexia	Definição do dicionário A.M.S (1813)
Zarathrustico	*N/C

Lexia	Definição do dicionário C.A. (1881)
Zarathrustico	*N/C

ZARATRUSTICO (adj.m) (2. oc.)

Abonação: *“E nestas angelicaes presupposições, quando há crise financeira e lhe lembram economias, corta seus cinco, seus dez mil réis no pingue ordenado para que haja sobras permissidoras d’ir á Europa um cunhado bacharel, em commissão de estudos sobre ‘a influencia zygomática do perihelio solar no regimen < zarathrustico > das democracias latinas’ ” (U, p.185).*

Sentido: Pertencente ou relativo a, ou próprio de Zaratustra, uma personagem Nietzscheana. Refere-se, sobretudo, ao modo Zaratustra de pensar. Que lembre as idéias de Nietzsche expressas em seu “Assim falava Zaratustra”⁵⁴, considera uma das mais belas obras da literatura alemã.

Notas Lingüísticas: ‘Zaratrústico’ trata-se de uma inovação lexical, uma palavra ainda não alistada nos dicionários consultados, decorrente do processo de formação sufixal, pelo qual se justapôs o sufixo [-ico] ao nome [Zaratustra], produzindo, assim, o adjetivo ‘zaratrústico’. No léxico português, temos também algumas palavras similares a este processo de formação lexical, são exemplos: jeovístico, maométrico, narcisístico etc. Isto demonstra que Lobato, como conhecedor das regras de formação de palavras em sua língua, foi capaz de construir uma palavra de valor neológico, apresentada como ‘Zaratrústico’.

É possível verificar ainda, por registros biográficos, que Monteiro Lobato foi um grande leitor e admirador de Nietzsche. Muitos estudiosos consideram que Lobato sofreu as influências do pensamento deste filósofo alemão⁵⁵. Aliás, é importante destacar que os

⁵⁴ Considera Schopke (2000) que o destaque dado a esta obra deve-se, em grande parte, à presença, no livro, de duas das mais importantes contribuições do pensamento nietzscheano: as idéias de super-homem e de eterno retorno. Mas, tal idéia traz consigo um inconveniente: se as boas coisas retornam, também as más se repetirão. Foi por esta razão que Zaratustra chegou a adoecer: ele não sabia como evitar que o homem mesquinho e rancoroso retornasse. Como seria possível fazer nascer o super-homem?

Afinal, há uma interpretação filosófica de que, para Nietzsche, a idéia de um eterno retorno pressupõe e complementa a do super-homem. Pois, segundo seu pensamento, uma das maiores tendências do homem, ao longo de toda a sua história, foi a de desprezar o seu corpo e a própria vida terrena, em prol de uma existência “póstuma”. Aliás, o cristianismo e as religiões, de um modo geral, pregam a vida “póstuma” como a única e verdadeira existência feliz. Nietzsche crítica, portanto, esse tipo de pensamento, isto é, o sentimento mesquinho e rancoroso daqueles homens que desvalorizam suas próprias vidas, desqualifica-as, por acreditar nas limitações de sua condição humana. Assim, ele traz a boa-nova do super-homem, aquele que recupera o “sentido da terra”, vivendo e morrendo por ela. Este ‘super-homem’ somente poderá nascer quando “o homem afirmar a vida, sem buscar subterfúgios fantasmagóricos; ou [...] quando souber amar a existência sem depreciá-la, sem fazer dela um fardo que o oprime. Afirmar a existência e querer o seu eterno retorno é o que anuncia o super-homem” (SCHOPKE, 2000, p.2).

⁵⁵ Segundo Landers (1988) constantes são as referências do filósofo Friedrich Nietzsche em suas obras. Contudo, ressalva a referida autora que o impacto da filosofia de Nietzsche na formação do pensamento de Monteiro Lobato ainda não foi devidamente estudado, pois sendo um tipo de filosofia que enfatiza a individualidade do homem, o entusiasmo que o escritor Lobato “sente pelo alemão poderia explicar a procedência de todas suas ‘iconoclastias’ diante da vida e da arte”. (LANDERS, 1988, p. 19).

historiadores da literatura, de um modo geral, alegam que a personagem 'Zaratustra', aludida no trecho lobatiano e descrita na obra 'Assim falava Zaratustra', representa o ápice de toda a doutrina filosófica de Nietzsche. Diante do exposto, de acordo com a terminologia de Boulanger (1979), acreditamos que palavra 'Zaratrústico' é uma criação lexical do tipo formal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve por objetivo a construção de um glossário dos neologismos registrados na obra “Urupês” de Monteiro Lobato. Nossa intenção foi demonstrar que as novas criações lexicais literárias atendem não somente às necessidades expressivas do autor, mas também contribuem para o enriquecimento vocabular de nossa língua.

Importa ressaltar que, para o exame do léxico lobatiano, entendemos que foi relevante dedicar um capítulo sobre a vida e obra de Monteiro Lobato, pois acreditamos que, em se tratando de um *corpus* literário, seria um exercício difícil pesquisar os recursos lingüísticos, dentre eles o neológico, sem nos atermos também à figura do autor. Este capítulo, embora não constitua o foco principal deste estudo, permitiu-nos também situar o leitor em um período da sociedade brasileira, bem como sublinhar a importância da atuação de Monteiro Lobato no campo literário brasileiro.

Desse modo, consideramos que o capítulo proposto, além de proporcionar ao leitor um melhor entendimento sobre o autor e sua produção artística, trouxe algumas informações que puderam subsidiar a análise do *corpus*.

Já a fundamentação teórica de nossa pesquisa forneceu contribuições para a discussão do tema e, para isto, apresentamos as reflexões teóricas de autores, como: Dubois (1971), Guilbert (1975), Boulanger (1979-1990), Barbosa (1981-1991- 1995-2001), Haensch (1982), Riffaterre (1989), dentre outros.

Desta forma, circunscrevendo-se ao estudo dos neologismos na obra “Urupês” de Monteiro Lobato, podemos dizer que a pesquisa do vocabulário lobatiano, focalizada no quarto capítulo, evidenciou um número significativo de inovações lexicais. Foram encontradas 38 palavras neológicas e as nossas análises sobre elas consistiram em demonstrar os possíveis sentidos contextuais destas palavras. Neste sentido, objetivando complementar os

significados das palavras apresentadas como neológicas e, até mesmo, fornecer outras informações ao leitor de obras lobatianas, procuramos acrescentar as notas lingüísticas.

Podemos destacar que o processo mais freqüente encontrado no *corpus* foi o neologismo, proposto na teoria de Boulanger (1979), como formal. Assim, obtivemos 29 neologismos classificados como formais e apenas 9 neologismos classificados como semânticos. Dentre os neologismos formais, podemos verificar, ainda, que o processo de formação de palavras mais utilizado pelo autor foi o neologismo composto por derivação sufixal. Este resultado somente vem a contribuir para a nossa afirmação, exposta neste trabalho, de que os neologismos criados por derivação sufixal são os mais produtivos na Língua Portuguesa.

Os quadros, expostos antes das análises das palavras, mostram que Monteiro Lobato recorre às palavras já existentes na língua, mas, no contexto literário em que foram empregadas, elas apresentam semas diferentes daquelas já conhecidas pelo falante. O autor também busca no léxico português algumas bases lexicais para formar novas palavras ainda não empregadas na língua.

Assim, a dinâmica da produção neológica em Monteiro Lobato torna-se compreensível uma vez que este escritor constrói seus neologismos, sustentando-se no próprio sistema lingüístico de nossa língua, o qual propicia a capacidade de criar e recuperar novos signos lingüísticos. Isto demonstra, sem dúvida, a vitalidade do léxico português.

Face ao exposto, cabe-nos, agora, retomar as hipóteses apresentadas no primeiro capítulo, com a finalidade de demonstrar até que ponto revelam-se verdadeiras. Foi possível confirmar que a literatura lobatiana valoriza a criação lexical. É notável que o uso de neologismos, em sua obra, ora exprime as suas idéias, ora prima pela imaginação fértil do homem, demonstrando a necessidade de traduzir sua realidade. Diante disso, é importante que, em algumas palavras, como por exemplo: aliadismo (sistema de aliança entre grupos

políticos), caboclocêntrico (esta palavra recupera, até mesmo, a imagem do caboclo no sertão e na literatura brasileira), azeitona (uma crítica às características do caboclo na literatura), ingramaticalíssima (que traduz também a ignorância da gente da roça) entre outras, estas criações lexicais retomam, de certa forma, os aspectos da realidade do autor.

Por último, resta-nos esclarecer que a seleção neológica realizada pelo autor não contextualiza, necessariamente, na obra “Urupês”, o léxico interiorano, mas evidencia o interesse de Lobato em tornar a linguagem mais simples e descontraída, eliminando a retórica exagerada que prevalecia há muito tempo na literatura brasileira. Desse modo, na tentativa de alcançar este objetivo, acreditamos que Lobato utilizou-se de novas palavras a fim de romper com o lugar comum, convencional e instaurar o inusitado, além de enriquecer a nossa língua com informações inesperadas. Contudo, percebemos que a sua literatura, ainda que apresente uma linguagem clara, criativa e destinada a atender uma grande massa de leitores, não deixa de resgatar alguns aspectos lingüísticos conservadores em seus textos.

Os dados do *corpus* examinados na presente pesquisa demonstram a importância de se registrar estas engenhosidades neológicas buscadas, na literatura, pelos escritores. Estas análises revelam-se, ainda, como um auxílio aos leitores de obras lobatianas para melhor compreenderem a sua linguagem e o dinamismo da língua.

Assim, como todo trabalho, este também é passível de limitações. Por isso, não pretendemos com a conceituação destas palavras banir outras possibilidades de interpretação, haja vista também o grau de literariedade e de subjetividade.

Vale destacar que a análise neológica em Monteiro Lobato não se esgotou com o nosso trabalho. A necessidade de um recorte e seleção da obra “Urupês” para o trabalho científico, pode ter deixado de lado tantas outras interfaces com outras obras lobatianas. Colocar um ponto final, muitas vezes, é apenas uma vontade de continuar, rever ou mesmo estimular outros estudiosos interessados pelo tema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Ieda Maria. **Neologismo - criação lexical**. São Paulo: Ática, 1990. 93 p.

_____. **Um estudo sobre a neologia lexical: os microssistemas prefixais do português contemporâneo**. 2000. 370 f. Tese (Livre-docência), USP, São Paulo, 2000.

_____. A integração dos neologismos por empréstimos ao Léxico português. **Alfa**, São Paulo, v. 28, 1980, p. 119 – 126.

ANDRADE, Maria Margarida de. Diálogos interdisciplinares: lexicologia, lexicografia, semântica. **Acta semiótica et lingvistica**, v.10, 2004, p. 29-39.

ANDRADE, Oswald de. **Ponta de Lança: polêmica**. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972. 110 p.

AULETE, Francisco Júlio Caldas. **Diccionario Contemporâneo da Língua Portuguesa**. Lisboa: Livraria do editor Antonio Maria Pereira, 1881. 2 v.

AZEVEDO, Carmen Lúcia de; CAMARGOS, Márcia; SACCHETTA, Vladimir. **Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia**. São Paulo: SENAC, 1997. 393 p.

BARBOSA, Alaor. **O ficcionista Monteiro Lobato**. São Paulo: Brasiliense, 1996. 113 p.

BARBOSA, Maria Aparecida. **Léxico, produção e criatividade: processos do neologismo**. São Paulo: Global, 1981. 323 p.

_____. Da neologia à neologia na literatura. In: OLIVEIRA A. M. P. P.; ISQUERDO A. N. **As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001. p. 33 – 51.

_____. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia, Terminografia: objeto, métodos, campos de atuação e de cooperação. In: **Estudos Lingüísticos XX. Anais de Seminários do GEL**. Franca: UNIFRAN, 1991. p. 1 – 11.

_____. Contribuição ao estudo de aspectos da tipologia de obras lexicográficas. **Revista Brasileira de Linguística**, São Paulo, Plêiade, v. 8, n. 1, 1995. p. 15 – 30.

_____. Dicionário, vocabulário, glossário: concepções. In: IEDA M. A. **A constituição da normalização terminológica no Brasil**. 2 ed. São Paulo: FFLCH; CITRAT, 2001. p. 25 - 45.

BASILIO, Margarida. **Teoria Lexical**. São Paulo: Ed. Afiliada, 2003. 94 p.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria lingüística: Lingüística Quantitativa e Computacional**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978. 277 p.

_____. **Teoria lingüística: Lingüística Quantitativa e Computacional**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 2001. 277 p.

_____. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA A. M. P. P.; ISQUERDO A. N. **As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. 2 ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001. p. 13 – 22.

_____. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: OLIVEIRA A. M. P. P.; ISQUERDO A. N. **As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. 2 ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001. p. 131 – 144.

_____. O dicionário padrão da língua. **Alfa**. São Paulo, v. 28, 1984. p. 27 – 43.

_____. A ciência da lexicografia. **Alfa**. São Paulo, v. 28, 1984, p. 1 – 25.

_____. Aurélio: sinônimo de dicionário? **Alfa**. São Paulo: 2000, p. 27 – 55.

_____. A estrutura mental do léxico. In: **Estudos de filologia e lingüística**. São Paulo: T. A. Queiroz, EDUSP, 1981, p. 131 – 145.

_____. A estruturação do léxico e a organização do conhecimento. **Letras de hoje**, Porto Alegre, PUCRS, 1987, p. 81 – 96.

BOSI, Alfredo. **O Pré – Modernismo**. São Paulo: Cultrix, s.d. 153 p.

_____. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1976. 571 p.

BOULANGER, Jean-Claude. La création lexicale et la modernité. **Le Language et l'homme**, Quebec, v. 4, 1990, p. 233 – 239.

_____. Néologie et terminologie. **Néologie en Marche**, Montreal, v.4, 1979, p. 9 – 116.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. 6 ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1976. 193 p.

CARVALHO, Nelly. **O que é neologismo**. São Paulo: Brasiliense, 1984. 77 p.

CASARES, Júlio. **Introducción a la lexicografía moderna**. Madrid: C.S.I.C., 1972. 354 p.

CAVALHEIRO, Edgard. **Monteiro Lobato: Vida e Obra**. São Paulo: Companhia Nacional, v. 1, 1956a. 375 p.

_____. **Monteiro Lobato: Vida e Obra**. São Paulo: Companhia Nacional, v. 2, 1956b. 375 p.

CHOMSKY, Noam. **Cartesian Linguistics**. Nova Iorque: Haper & Row, 1966. 119 p.

COELHO, Braz José. Dicionário: Estrutura e Tipologia. **Athos e ethos**, Patrocínio, v. 3, 2003. p. 41 - 71.

COSERIU, Eugenio. **Teoria da linguagem e lingüística geral**. Rio de Janeiro: Presença, 1979. 239 p.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Sul Americana, 1969. 297 p.

DUBOIS, Jean *et alii*. **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cultrix, 1973. 653 p.

_____. **Introduction à la lexicographie: le dictionnaire**. Paris: Larousse, 1971. 206 p.

EZQUERRA, Manuel Alvar. Que es un diccionario? In: MANUEL A. E. **Lingüística Española Actual**. Madrid: INSTITUTO DE COOPERACION IBEROAMERICANA, 1980. p. 103 – 118.

FIGUEIREDO, Cândido de. **Novo dicionário da Língua Portuguesa**. 4 ed. Lisboa: Arthur Brandão e cia, 1925. 2 v.

FINATTO, Maria José Bocorny. **Da Lexicografia Brasileira (1813-1991):** Tipologia microestrutural de verbetes substantivos. 333 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.

FREIRE, Laudelino. **Grande e novíssimo dicionário da Língua Portuguesa**. 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957. 5v.

GILBERT, Louis. **La créativité Lexicale**. Paris: Librairie Larousse, 1975. 285 p.

HAENSH, G. et al. **La Lexicologia de la lingüística teórica a la lexicografía practica**. Madrid: Gredos, 1982. 563 p.

KURY, Adriano da Gama. A linguagem dos Pré-Modernistas. Alguns Problemas na Fixação de textos. In: CARVALHO, J. M. **Sobre o Pré-Modernismo**. Rio de Janeiro: Fundação de Rui Barbosa, 1988. p. 205 – 215.

LAJOLO, Marisa. A modernidade em Monteiro Lobato. In: ZILBERMAN R. **Atualidade de Monteiro Lobato: uma revisão crítica**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. p. 41 – 49.

LANDERS, Vasda Bonafini. **De Jeca a Macunaíma: Monteiro Lobato e o Modernismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988. 275 p.

LEITE, Sylvia Helena Telarolli de Almeida. **Chapéus de palhas, panamás, plumas, cartolas: a caricatura na literatura paulista (1900-1920)**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1996. 253 p.

_____. O Pré-Modernismo em São Paulo, **Revista de Letras**, São Paulo: UNESP, 1995, p. 167 – 184.

LIMA, Alceu Amoroso. **Quadro sintético da literatura brasileira**. 2 ed. Rio de Janeiro: AGIR, 1959. p. 61 – 66.

LYRA, Helena Cavalcanti de; COUTO, Ivette Sanches do; VALENÇA, Rachel Teixeira. Brouhahas, Tric - Trics e Aranzéis: o léxico Pré-Modernista. In: CARVALHO, J. M. **Sobre o Pré-Modernismo**. Rio de Janeiro: Fundação de Rui Barbosa, 1988. p 217 – 230.

LOBATO, Monteiro. **Urupês**. 2 ed. São Paulo: Revista do Brasil, 1918. 241 p.

_____. **Urupês**. São Paulo: Brasiliense, 1947. 264 p.

_____. **A barca de Gleyre (I Tomo)**. São Paulo: Brasiliense, 1948. 367 p.

MARTINS, Wilson. **História da Inteligência Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1978. 6 v.

MATORÉ, George. **La Méthode en Lexicologie**. Paris: Marcel Didier, 1953. 126 p.

MICELI, Sérgio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Campanhais das Letras, 2001. 435 p.

PAES, José Paulo. **Gregos e baianos**. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 64 – 80.

RIFFATERRE, Michael. Poética do neologismo. **A produção do Texto**. São Paulo: Martins Fontes, 1989, p. 53 – 65.

ROCHA, Luiz Carlos de Assis. **Estruturas morfológicas do Português**. Belo Horizonte: UFMG, 1998. 248 p.

SANDMAN, Antônio J. **Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo**. Curitiba: Scientia et labor, 1989. 185 p.

_____. **Morfologia Geral**. São Paulo: Contexto, 1997, 79 p.

SCHOPKE, Regina. Zaratustra: o profeta do super-homem. In: **Pesquisas especiais Barsa Society**, 2000, p. 3.

SILVA, Antônio de Moraes. **Dicionário da língua portuguesa**. Lisboa: Typografia Lacérdina, 1813. 2v. (Fac-simile da 2ª edição).

SUSSEKIND, Flora. O Figurino e a forja. In: CARVALHO, J. M. **Sobre o Pré-Modernismo**. Rio de Janeiro: Fundação de Rui Barbosa, 1988. p. 31 – 47.

VILELA, Mário. Vocabulário de explicação no dicionário. In: **Definição nos Dicionários de Português**. Rio Tinto: ASA, 1989, p. 8 – 23.

_____. **Ensinos da Língua Portuguesa: Léxico, Dicionário, Gramática**. Coimbra: Almedina, 1995. 287 p.

_____. **Estudos de Lexicologia do Português**. Coimbra: Almedina, 1994. 206 p.

YUNES, Eliana. Lobato e os Modernistas. In: ZILBERMAN R. **Atualidade de Monteiro Lobato: uma revisão crítica**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. p. 50 – 54.

ÍNDICE DAS PALAVRAS NEOLÓGICAS

	Palavras classificadas como neologismos semânticos	<i>Pág.</i>
1.	ACASTELAR.....	115
2.	ARANHOL.....	116
3.	AZEITONA.....	117
4.	BIOCO.....	119
5.	CHUCHURREAR.....	120
6.	CUIADA.....	121
7.	DEBULHAR.....	122
8.	MUNHECA.....	123
9.	PASSAMENTO.....	124
	Palavras classificadas como neologismos formais	
1.	ALADAINHADO.....	125
2.	ALIADISMO.....	126
3.	ALUARADO.....	128
4.	BEATIFICATÓRIO.....	129
5.	BICHANCA.....	130
6.	CABOCLOCÊNTRICO.....	132
7.	CARRETILHADO.....	133
8.	DESEMBARCADIÇO.....	134
9.	DESGRAMADO.....	136
10.	EMBIRRINCHAR.....	137
11.	ESGANIÇANTE.....	139
12.	ESTAFETADO.....	140
13.	ESTRECORTAR.....	141
14.	ESVERDECER.....	142
15.	ETCETRANO.....	143
16.	FIDENCISMO.....	144
17.	FLEXAÇO.....	145
18.	GUINHOLESCO.....	146
19.	HILARIÃO.....	147
20.	INGRAMATICALÍSSIMA.....	148
21.	LOGICASINHA.....	150
22.	OLHODARRUÁVEL.....	151
23.	PASSARICO.....	153
24.	PELOTADA.....	154
25.	PORUNGADA.....	155
26.	ROMANTICÃO.....	156
27.	SALTADEIRA.....	157
28.	VEIADO.....	159
29.	ZARATRUSTICO.....	160

This document was created with Win2PDF available at <http://www.daneprairie.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.